

INTRODUÇÃO À SIMBOLOGIA



ORDEM ROSACRUZ — AMORC
ANO MCMLXXXII

INTRODUÇÃO À SIMBOLOGIA

BIBLIOTECA AMORC

ORDEM ROSACRUZ AMORC

GRANDE LOJA DO BRASIL

TÍTULO ORIGINAL: **SYMBOLS: THEIR
NATURE AND FUNCTION**

1ª EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
JULHO DE 1992

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA
ORDEM RASACRUZ – AMORC
GRANDE LOJA DO BRASIL

COMPOSTO E IMPRESSO NA GRANDE LOJA DO BRASIL
RUA NICARÁGUA, 2620
CAIXA POSTAL, 307 – TEL: (041) 254-3033
80.000 – CURITIBA – PARANÁ - BRASIL

Sumário

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I: DEFINIÇÃO, COMPOSIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E FINALIDADES DOS SÍMBOLOS.....	9
CAPÍTULO II: SÍMBOLO, SIGNO E SINAL – NATUREZA SIMBÓLICA DA PERCEPÇÃO.....	19
CAPÍTULO III: RELAÇÃO ENTRE FORMA E SIGNIFICADO DE UM SÍMBOLO – SÍMBOLOS INDIVIDUAIS E SÍMBOLOS ARQUÉTIPOS.....	30
CAPÍTULO IV: SÍMBOLOS NATURAIS E ARTIFICIAIS – O PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO – SIMBOLISMO E A LEI DOS OPOSTOS	40
CAPÍTULO V: SIMBOLIZAÇÃO: UMA FUNÇÃO BÁSICA DA MENTE.....	50
CAPÍTULO VI: ORIGEM DOS SÍMBOLOS	61
CAPÍTULO VII: MODALIDADE DE TRANSFORMAÇÃO SIMBÓLICA – SÍMBOLOS MÍSTICOS	69
CAPÍTULO VIII: SIMBOLISMO E A LINGUAGEM VERBAL METÁFORA E ANALOGIA.....	80
CAPÍTULO IX: O JARDIM SIMBÓLICO	94
CAPÍTULO X: A MONTANHA SIMBÓLICA.....	111
CAPÍTULO XI: A ÁRVORE SIMBÓLICA	121
CAPÍTULO XII: SIMBOLISMO DA ÁRVORE E DA FLOR	135
CAPÍTULO XIII: SIMBOLISMO NO ANTIGO EGITO	146
CAPÍTULO XIV: SÍMBOLOS PSÍQUICOS E SÍMBOLOS MÍSTICOS.....	157
CAPÍTULO XV: FUNÇÃO PSICOLÓGICA E FUNÇÃO MÍSTICA DOS SÍMBOLOS – PERIGOS DA SIMBOLIZAÇÃO	171
CAPÍTULO XVI: EXEMPLOS DE SÍMBOLOS MÍSTICOS - HEINRICH KHUNRATH, ROBERT FLUDD, E MICHEL MAIER	180
CAPÍTULO XVII: MICHAEL MAIER E O SIMBOLISMO ROSACRUZ DO SÉCULO DEZESSETE	190
CAPÍTULO XVIII: ARTE E SIMBOLISMO	195
CAPÍTULO XIX: POESIA E SIMBOLISMO	204
CAPÍTULO XX: CONCEITOS BÁSICOS DO SIMBOLISMO MÍSTICO.....	216

INTRODUÇÃO

A Grande Loja do Brasil tem especial satisfação em poder oferecer aos seus estudantes esta pequena obra sobre SÍMBOLOS, dada a grande importância deste assunto para todos aqueles que estão trilhando a senda Rosacruz do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal. Algumas afirmações básicas, como as que fazemos a seguir, são suficientes para dar uma idéia da relevância do tema e do valor do conteúdo deste livro para os Fratres e Sorores.

"Criar e usar símbolos é uma função básica e natural da mente humana. Esta função se manifesta em religião, arte, na conversa comum, e em ciência. Sem símbolos, ou sem simbolizar, não podemos pensar sequer sobre a nossa consciência de simples relações físicas, ou expressá-las."

"A função humana de simbolizar é essencial à atividade da fase subconsciente da mente. A ignorância ou a repressão dessa função simbolizadora torna-a inconsciente e, portanto, fora do controle do indivíduo, podendo levá-lo a um relacionamento inadequado com o ambiente e os seus semelhantes (por confundir ele, inconscientemente, o seu mundo interior com a realidade objetiva)."

"A compreensão de si mesmo e do não-Eu é expressa por símbolos; ao usarmos tais símbolos, estamos também ajudando a aprofundar a nossa compreensão. Os

símbolos são um produto da compreensão e um valioso e eficaz recurso para a mesma."

"A percepção e a memória dependem parcialmente da simbolização."

"Símbolos mitológicos formulam conceitos sobre a natureza do universo e do homem; comunicam esses conceitos sob a forma de mitos, e essa comunicação, com sua vividez, ajuda a instruir e lembrar. "

"A única maneira de o homem expressar sua consciência de impressões e experiências psíquicas e místicas é pela simbolização. Símbolos de harmonização, iluminação, e união mística, são usados para fins de meditação."

Vemos, portanto, que os símbolos cumprem diversas finalidades psicológicas essenciais na nossa vida em geral e, em particular, no nosso desenvolvimento como místicos na Senda Rosacruz. Dentre essas finalidades, podemos citar:

- ordenação mental da vida, pelo homem;
- comunicação;
- reflexão;
- preservação do conhecimento;
- expressão criadora;
- recurso de memorização e instrução;
- recurso de concentração e meditação.

Em linhas gerais, os capítulos deste livro cobrem os seguintes pontos principais do tema:

Definição de símbolo. Natureza dos símbolos: sua composição; noções da psicologia da simbolização; símbolos e a Lei do Triângulo. Classificação de símbolos. Funções dos símbolos: compreensão, expressão, comunicação, etc. Origem dos símbolos. Definições de signo e sinal; diferença entre signo, sinal, e símbolo. Níveis de significado de símbolos. Finalidades dos símbolos: ordenação mental da vida humana, reflexão, preservação do conhecimento, etc. Simbolismo e a Lei dos Opostos; tipos de simbolização. Simbolização: maneira como o homem se relaciona com o seu ambiente e ordena suas percepções. Simbolização e visualização. Modalidades de simbolização: mitologia e religião, magia, arte, ciência, filosofia, misticismo. Função psicológica da natureza simbólica da linguagem verbal: simbolização através da metáfora, da analogia, da alegoria, da parábola, da poesia. Símbolos psíquicos e místicos: análise psicológica. Diferença entre funções psíquicas e funções psicológicas e místicas. Simbolismo e arte: definição mística de arte; papel da arte no desenvolvimento psicológico e místico. Simbolismo e poesia mística. Conceitos básicos do simbolismo místico.

Este livro, portanto, constitui um pequeno tratado introdutório ao estudo de símbolos e da função simbolizadora da mente humana; por isto o intitulamos "*Introdução à Simbologia*". Os Capítulos de I a VIII (inclusive) versam sobre a Natureza e a Função dos Símbolos. Nestes Capítulos, predomina uma análise psicológica do tema. Mesmo os estudantes Rosacruz menos afeitos a este gênero de empenho intelectual devem envidar esforços para estudar esta parte do livro. Isto há de afetar ou modificar positivamente sua estrutura psíquica, preparando-a para

melhor apreciação e aproveitamento da parte descritiva desta Introdução. E, se essa modificação for suficientemente profunda, poderá exercer maravilhoso e poderoso efeito em sua consciência, iluminando-a para melhor compreensão e aproveitamento de impressões e experiências psíquicas e místicas. Essa nova compreensão da natureza e da importância dos símbolos, bem como das funções que os mesmos cumprem (na nossa vida em geral e em nosso desenvolvimento místico em particular), há também de atuar como forte estímulo a um interesse mais profundo pelo simbolismo Rosacruz. Isto será particularmente valioso e útil, para os estudantes Rosacruzes, no tocante ao melhor aproveitamento dos símbolos que compõem os Templos Rosacruzes e o Sanctum dos próprios estudantes, como eficazes recursos psicológicos para meditação.

Do Capítulo IX ao XIII (inclusive), são amplamente analisados os seguintes símbolos de interesse místico: O Jardim, a Montanha, A Árvore, e A Flor (com destacada referência à Rosa e ao Lotus). O Capítulo XIII trata especificamente do simbolismo no Egito Antigo. Os Capítulos XIV e XV fazem uma análise psicológica de símbolos psíquicos e místicos. Os Capítulos XVI e XVII apresentam exemplos de símbolos místicos, de Heinrich Khunrath, Robert Fludd e Michael Maier, com quatro reproduções de gravuras originais. O Capítulo XVIII versa sobre Simbologia e Arte. Este é particularmente interessante para pessoas envolvidas em atividades artísticas, destacando também a importância destas atividades para o desenvolvimento psicológico e místico. O Capítulo XIX trata de Simbolização e Poesia Mística, com apresentação de alguns poemas inspirados (Alexander Pope, John Keats, etc.), muito estimulantes na busca do êxtase místico próprio da Harmonização Cósmica. Finalmente, o Capítulo XX analisa e comenta Conceitos Básicos da Simbologia Mística.

E já que estamos introduzindo um texto sobre símbolos, seja-nos permitido um fecho simbólico, visto que de outro modo nossa mensagem final seria impossível: A verdade mística do Universo e da Vida é como um Canto de Sereia Cósmica: sedutora, enigmática e inexprimível. Só pode ser conhecida por experiência direta e, mesmo quando assim conhecida, não pode ser dita ou descrita. Aquele que a conhece enche-se de Luz na Vida do Ser, e seu Cálice transborda de Amor a tudo. Em seu anseio então, de expressar sua sublime experiência e comunicá-la ao seu semelhante, só pode ele entoar também o Canto de Sereia que aprendeu de sua mística união. No Jardim excelso em que vive, no alto da Montanha, desfrutando o gozo inefável do maravilhoso Fruto da Árvore do Conhecimento, faz ecoar esse Canto, que vai tanger o coração dos homens do Vale, e seduzi-los e enchê-los do sacrossanto desejo de escalar a Montanha, para entrar no Jardim e nele viver, em sagrada e universal comunhão. E esse Canto de Mistério, vibração mágica que do âmago do místico realizado se irradia, fragrância maravilhosa que da Rosa plenamente desabrochada se exala, sobre as Rosas do Vale cai como Divino Orvalho e as toca e vitaliza, impelindo seu místico desabrochar na Cruz!

Assim é que o Jardim, no alto da Montanha, vai se tornando um encantado Jardim de Rosas, vitalizadas pela Luz do Divino Sol, regadas pela Água Pura e Santa da Consciência Cósmica, e respirando o Ar Puro da Divina Essência que se faz TUDO!

CAPÍTULO I: DEFINIÇÃO, COMPOSIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E FINALIDADES DOS SÍMBOLOS

Uma das coisas que distinguem o homem dos animais é a capacidade humana de simbolizar. Memória, imaginação e impressões psíquicas, empregam a função mental simbolizadora. Religião, ciência, misticismo e mitologia, também fazem uso de símbolos, bem como sonhos, alegorias, contos de fadas, e rituais. Um templo sagrado não apenas contém símbolos, mas, é ele próprio um símbolo.

Uma montanha ou uma escada podem simbolizar ascensão ao Cósmico. Uma esfera ou bola representa o mundo, o universo, ou o todo. Um livro simboliza conhecimento. Uma corrente ou uma escada representam a hierarquia da Criação.

Uma utopia, o Paraíso, os Campos Elísios, ou as Ilhas dos Bem-aventurados, são projeções simbólicas da vida ideal, da vida que o homem gostaria de viver na Terra. Um jardim, quer negligenciado como em *Hamlet*, quer perfeito como o bíblico Jardim do Éden, simboliza as idéias do homem a seu próprio respeito.

Gestos são atos simbólicos. O Sinal da Cruz Rosacruz representa o compromisso do iniciado. O dedo indicador levado aos lábios representa silêncio. Usamos um gesto para indicar "*entre*", e outro para indicar "*saia*".

O objeto, a idéia, e o gesto, são usados para representar uma outra coisa que está com eles de algum modo relacionada. Isto constitui a forma do símbolo, seu componente objetivo, material, ou perceptivo. Nos exemplos acima, a bola, a montanha, a corrente, os Campos Elísios, o jardim e o Sinal da Cruz, constituem a forma. Assim, a bola é a parte do símbolo que cumpre a função de representar.

A forma da bola simboliza o mundo ou o todo. E isto é o que ela significa. O significado é o fator subconsciente, psíquico, ou conceptual e emocional, que é

representado pela forma. A montanha significa ascensão; a escada e a corrente significam a hierarquia da Criação.

Um símbolo completo compõe-se de forma e significado. Em termos da Lei do Triângulo, a forma é a primeira ponta; o significado, a segunda, e, o próprio símbolo, a terceira. A forma do significado pode ser realizada na mente, do mesmo modo como um sonho é lembrado mas não é contado a outrem. Podemos pensar no Sinal da Cruz sem expressá-lo ou usá-lo. Mas a forma, ou o significado, ou ambos, podem ser expressos de algum modo, por exemplo fazendo-se uma descrição da montanha e do seu significado, ou desenhando-se a forma da montanha ou do triângulo. No último caso, pode-se explicar o significado ou deixar que o observador o apreenda. (Vide página 18, Figura 1.)

Já aprendemos que um símbolo é um objeto, uma idéia, uma emoção, ou um ato, usado para representar um outro objeto, uma outra idéia, etc.; que ele se compõe de forma e significado, que são os seus elementos objetivo e subconsciente, ou material e psíquico. Já aprendemos, também, que um símbolo pode ser expresso ou simplesmente realizado na mente.

Os símbolos psíquicos, isto é, aqueles que fazem parte de nossas impressões e experiências psíquicas, devem ser expressos em termos de fenômenos objetivos, materiais, para que possamos tomar consciência dos mesmos e compreendê-los. Devem ser expressos numa forma, para que não permaneçam totalmente subconscientes. Uma idéia recebida numa impressão psíquica é aparentemente ouvida em palavras ou vista numa imagem mental. Podemos chamar isto de forma psíquica, para distingui-la do tipo de forma da bola material. Mas ela é uma forma; é a parte do símbolo que representa o significado.

Simbolizar é um processo automático e muitas vezes inconsciente, que é primariamente subconsciente. A verdadeira simbolização é uma função subconsciente, e não objetiva. Os símbolos são transmitidos e usados pelas funções objetivas da mente. A forma da bola ou da escada é percebida, apreendida objetivamente, e se torna parte da memória do subconsciente. Esta memória subconsciente é associada ao significado ou à parte subconsciente do símbolo. É esta função que integra ou unifica as duas partes (a forma e o significado) num todo.

A forma redonda da bola é como o mundo; é subconscientemente associada ao mundo e se torna um símbolo do mesmo. A montanha é associada a altura e escalada ou alpinismo e, portanto, a ascensão; é unificada ao significado pelo subconsciente e se torna um símbolo.

A consciência objetiva apreende e usa o símbolo falando a seu respeito, realizando rituais, e de muitos outros modos. Se o símbolo se torna predominantemente objetivo, passa a constituir um sinal ou signo. Símbolos religiosos, por exemplo, tendem a se tornar sinais de reações mentais ou emocionais, acabando por serem entendidos literalmente, ao invés de simbolicamente. Símbolos místicos, como a Rosa-Cruz, símbolos psicológicos, como os de alguns sonhos, e símbolos psíquicos, tendem a degenerar para sinais ou signos empregados objetivamente. Devem ser mantidos subconscientemente vivos, para que conservem um equilíbrio, ou uma harmonia de seus componentes objetivo e subconsciente. Se eles são símbolos vivos, não só expressam desenvolvimento místico, mas, também promovem esse desenvolvimento.

Um símbolo, então, consiste em forma e significado e é uma função das fases objetiva e subconsciente da mente. Os símbolos nascem no subconsciente e constituem parte da base de outros processos mentais, como a imaginação, a

memória, e mesmo a percepção. Embora um símbolo tenha origem subconsciente, deve ser uma função harmoniosa de todos os processos mentais.

Usando novamente a Lei do Triângulo, o símbolo, ou a terceira ponta, resulta da forma percebida pelos sentidos objetivos e unificada subconscientemente ao significado. Os componentes objetivo e subconsciente são a primeira e a segunda pontas do triângulo. A união dos dois componentes é necessária para que se tenha um símbolo vivo. Eles devem funcionar de modo equilibrado ou harmonioso. (Vide página 18, Figura 2.)

O homem tem consciência da dualidade de reino mundano e reino Cósmico, ou reino material e reino psíquico. Tem também consciência do Eu e do não-Eu, como uma dualidade. E de vários modos relaciona o Eu e o não-Eu. Primeiro, através dos seus sentidos, percebe a si mesmo e ao mundo que não é ele próprio. Apreende a ambos. Neste triângulo, o Eu é a primeira ponta, o não-Eu a segunda, e a realidade do homem, ou sua consciência do Eu e do não-Eu, a terceira ponta, que resulta das outras duas e as unifica. (Vide página 18, Figura 3.)

Quando vejo uma rosa, recebo e percebo um estímulo vibratório, e sinto que a rosa é bela. Esse estímulo é a primeira ponta de um outro triângulo e, a reação emocional, a apreensão de beleza, é a segunda ponta. A rosa pode então ser um símbolo de beleza, e este símbolo é a terceira ponta. As reações mentais e emocionais constituem a segunda maneira em que relacionamos o Eu com o não-Eu.

O duplo triângulo desenhado no fim da página 18 deste Capítulo integra os dois triângulos simples num único símbolo, cujos pontos opostos estão relacionados entre si. O Eu está relacionado com reação, o estímulo vem do não-Eu, e o símbolo é parte da nossa realidade e uma expressão da mesma.

A terceira maneira em que relacionamos o Eu e o não-Eu é o processo simbolizador do que tem sido chamado de transformação simbólica. Transformamos nossa experiência em símbolos realizados mentalmente ou expressos. Estas três maneiras em que relacionamos o Eu e o não-Eu estão inter-relacionadas e são interdependentes. Não podemos simbolizar sem perceber, sentir e pensar. Os símbolos afetam nossas percepções e emoções, e nossas idéias e emoções influenciam nossas percepções e os símbolos que criamos.

A rosa na Rosa-Cruz (cruz com uma só rosa no centro) é um símbolo derivado de percepções objetivas de rosas, bem como de idéias e emoções suscitadas por rosas. A rosa e seu desabrochar estão associadas no subconsciente à personalidade anímica ou personalidade-alma, que constitui o significado ou componente subconsciente. A forma da rosa e o significado a ela associado estão fundidos num símbolo. A percepção da rosa é um modo de relacionar o Eu e o não-Eu; os sentimentos a respeito da rosa são um outro modo; e o símbolo é o terceiro modo.

A quarta maneira em que o homem relaciona o Eu e o não-Eu é através do seu comportamento, daquilo que ele faz e de como o faz. O comportamento de um indivíduo caracteriza-o e, de certo modo, simboliza esse indivíduo para ele próprio e para os outros. Seu jeito de andar, de reagir a situações e problemas, seus gestos, todas estas coisas são expressões e símbolos do Eu e sua relação para com o mundo que o cerca.

Os símbolos podem ser classificados de vários modos. No livro, *"Símbolos Antigos e Sagrados"*, de Ralph M. Lewis, editado pela AMORC, são eles classificados como naturais ou artificiais. Podem também ser divididos em objetivos, subjetivos, e subconscientes, conforme a natureza do significado.

Por exemplo, quando usamos a bola ou o círculo para representar o mundo ou o universo, este símbolo significa algo objetivo. Quando usamos a bola ou o círculo para simbolizar o todo ou algo completo, damos ao símbolo um significado subjetivo, uma idéia. Se a rosa representa beleza, o significado é também subjetivo. Quando ela representa a personalidade-alma, é um símbolo subconsciente. A terceira categoria poderia ser chamada de arquétipos ou símbolos Cósmicos. Esta categoria inclui muitos símbolos comuns, como o jardim e a montanha, que serão examinados em capítulos posteriores.

A cruz, usada para simbolizar as quatro direções do espaço é um símbolo objetivo. Quando representa perseguição, é um símbolo subjetivo. Usada na Rosa-Cruz, é um símbolo subconsciente. Analogamente, o desenho de um farol pode ser usado objetivamente para representar um farol de fato; subjetivamente, para representar conhecimento; e, subconscientemente, para simbolizar intuição ou Consciência Cósmica. A classificação, neste caso, não depende da forma, e sim do significado.

Os símbolos podem ser considerados como individuais, coletivos, ou Cósmicos. Um símbolo que é derivado da própria experiência do indivíduo e lhe é peculiar, é um símbolo individual. Uma jóia, por exemplo, pode ter um significado simbólico particular, devido a algum evento ou sentimento a ela associado. Símbolos coletivos são aqueles que são usados por grupos de caráter religioso, ordens fraternais, grupos sociais, e grupos educacionais ou desportivos. Símbolos políticos, como as bandeiras, são símbolos coletivos, tais como o símbolo da ONU. Símbolos Cósmicos ou arquétipos são aqueles que são comuns a muitas pessoas em diferentes épocas e lugares. A cruz em suas muitas formas, símbolos de árvores, e a

montanha simbólica, todos transcendem o uso individual ou coletivo, embora apareçam em várias formas.

Como a simbolização é fundamental para muitas funções mentais, é usada para formular idéias, emoções, etc. Sem símbolos, o homem seria incapaz de compreender leis naturais e Cósmicas fundamentais. Suas crenças religiosas e filosóficas dependem de sua capacidade para simbolizar. A realidade particular de cada indivíduo depende dos símbolos que ele usa e dos significados que lhes atribui.

Uma língua, falada ou escrita, é um sistema de signos e símbolos. Gestos, linguagem por sinais, e outras formas de comunicação, também são baseadas em símbolos. Sem símbolos, a comunicação humana estaria limitada a gritos e sinalizações animais. Um poeta, um pintor, ou um músico, transformam simbolicamente sua experiência em obra artística.

Algumas formas de comunicação constituem, parcial e basicamente, um meio de preservar filosofia, sistemas políticos, ciência, etc., para futuras gerações. Sem algum sistema lingüístico ou outros sistemas, essa herança cultural não poderia ser transmitida de uma época para outra ou de um lugar para outro.

Os meios de comunicação que acabamos de mencionar são usados, não somente para o indivíduo transmitir suas idéias e emoções a outrem, mas, também para fim de expressão pessoal. A transformação simbólica é realizada conforme haja ou não uma outra pessoa para apreciá-la.

Os símbolos são usados como recursos de memorização, de instrução, e durante práticas de meditação e concentração. São empregados para estes fins nos ensinamentos, nas iniciações e nos rituais, em geral, dos Rosacruzes.

Símbolos são produtos da natureza psicológica e psíquica do homem. Expressam seu Eu emocional e seu Eu psíquico, mas estes, por sua vez, afetam seu desenvolvimento no sentido da integração psicológica e da união mística. Simbolizar é uma função importante do ser humano, mas é uma função que influencia suas habilidades, seus poderes, e sua capacidade criadora.

Os símbolos podem ter origem na tradição cultural ou na experiência pessoal. Bandeiras, símbolos e rituais religiosos, e símbolos de "*status*", são de origem cultural. A Rosa-Cruz é, neste sentido, um símbolo culturalmente concebido. No entanto, a cruz pode ter forma e significado compreensíveis para um dado indivíduo, tornando-se então um símbolo também pessoal.

A cruz, em algumas formas, passou de um grupo para outro, ou foi assimilada de uma cultura para outra. Esta é a terceira maneira de criação de símbolos. Um símbolo como a cruz ou a árvore pode, no decurso de sua história, ser derivado das três fontes, pessoal, cultural, e por assimilação ou "empréstimo".

Falando de um ponto de vista psíquico e místico, os símbolos podem se originar numa experiência psíquica intuitiva; podem ser recebidos telepaticamente, e podem ter origem na memória de encarnações passadas.

SUMÁRIO

Símbolo é um objeto, uma idéia, uma emoção, ou um ato, usado para representar um outro objeto, uma outra idéia, etc. Compõe-se de forma e significado, ou componente objetivo e componente subconsciente.

O homem relaciona o Eu e o não-Eu através dos sentidos, de reações mentais e emocionais, da simbolização, e do comportamento.

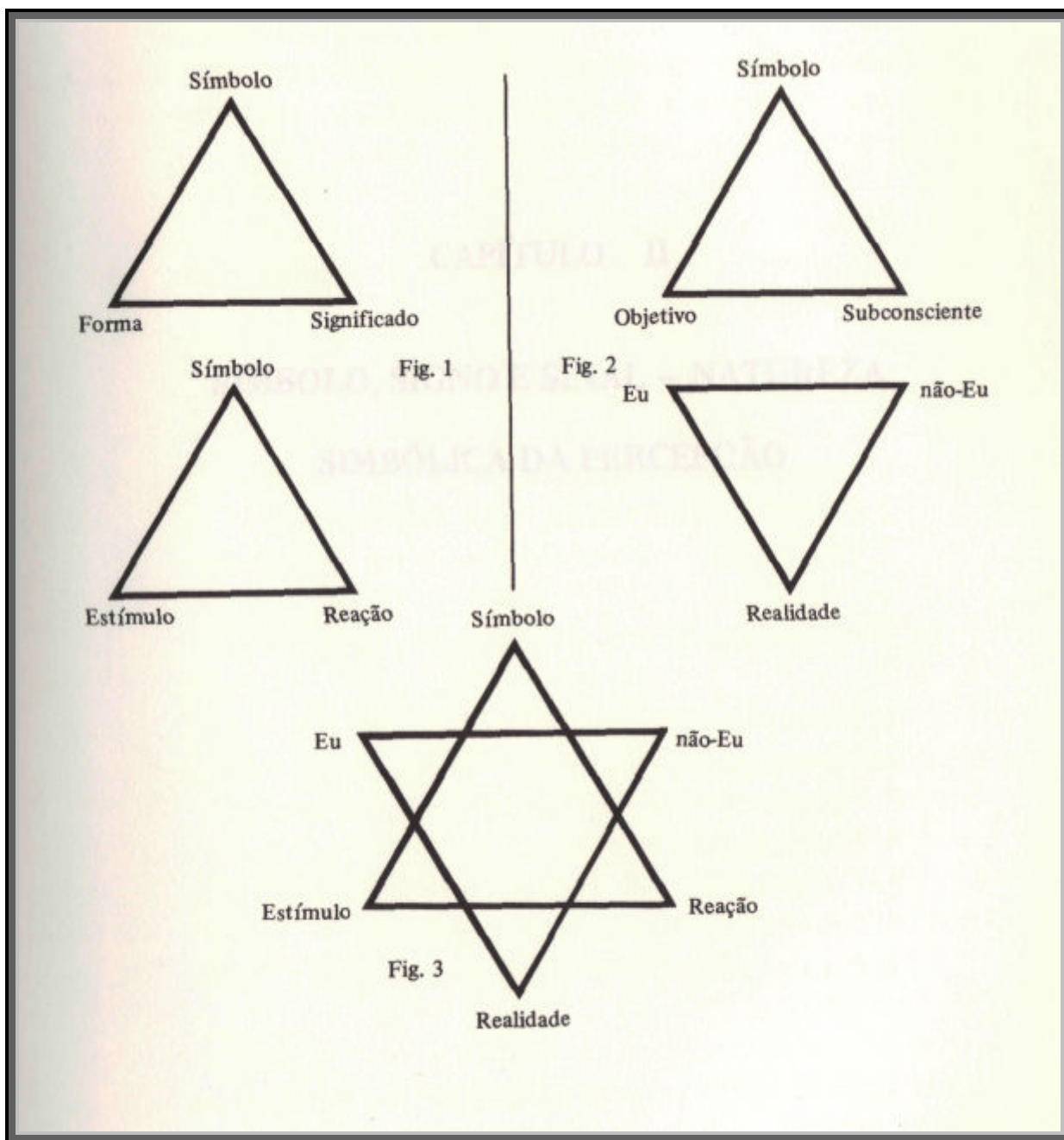
Os símbolos se classificam em:

1. Naturais e artificiais.
2. Objetivos, subjetivos, e subconscientes.
3. Individuais, culturais ou coletivos, e Cósmicos.

Os símbolos são usados para diversos fins, como:

1. Formular idéias, emoções etc.
2. Na comunicação.
3. Na preservação de filosofia, ciência etc.
4. Na expressão pessoal.
5. Como recurso de instrução e memorização.
6. Em meditação e concentração.
7. Para promover integração psicológica e união mística.

Os símbolos têm origem na tradição cultural ou na experiência pessoal; através de migração (transmissão) e por assimilação ou "*empréstimo*"; por intuição e experiência psíquica; na comunicação telepática, e em encarnações anteriores.



Figuras 1, 2 e 3

CAPÍTULO II: SÍMBOLO, SIGNO E SINAL – NATUREZA SIMBÓLICA DA PERCEPÇÃO

Um símbolo representa alguma outra coisa. Um livro, por exemplo, pode representar conhecimento, porque livros são uma das fontes de conhecimento. A corrente e a escada têm sido usadas para representar a hierarquia da Criação, do plano material ou mundano para o plano Cósmico, porque associamos séries de coisas a elos ou degraus, e porque, especialmente no caso da escada, associamos ascensão à sua finalidade.

Um signo identifica ou indica alguma coisa, ou aponta para ela. Um signo, numa loja, identifica a loja. Um rótulo numa garrafa é um signo que identifica seu conteúdo. Um signo pode ser definido como um símbolo que indica ou identifica algo percebido ou concebido, seja no mundo objetivo, seja na mente; tende a identificar, mais do que representar.

Um sinal implica uma reação por parte do usuário ou observador. Um sinal num cruzamento de linha férrea é usado para induzir o motorista a parar quando um trem está para passar; implica uma reação da parte da pessoa que está dirigindo o carro. Um gesto de silêncio a alguém que está falando é um sinal. Um sinal pode ser definido como um signo usado para sugerir ou induzir uma dada reação em quem o vê.

A palavra vermelho, significando uma cor, é um signo; usada para representar raiva ou calor, é um símbolo; mas, quando esta cor é empregada num semáforo, é um sinal.

Há duas espécies de signos. A primeira é derivada do mundo material ou objetivo. Um "X" com significado de cruzamento de linha férrea é derivado da

aparência do cruzamento da linha férrea com a rua. O livro, encarado como símbolo, é derivado do livro concreto.

A segunda espécie de signo é uma degeneração de um símbolo original; isto é, de início era um verdadeiro símbolo, que representava algo diferente dele próprio e não era um simples rótulo. Por uso constante e habitual, um símbolo pode degenerar e tornar-se morto, transformando-se num signo que apenas faça referência a alguma coisa. Originalmente, uma bandeira representa um país e os sentimentos dos cidadãos para com o mesmo; tem um significado complexo e vai muito além de rotular o país (como acontece com o nome deste último). Com o passar do tempo e o uso, pode vir a não significar mais do que um rótulo e, neste caso, o símbolo torna-se um signo. Fica, de certo modo, estagnado e degenerado. Muitos símbolos religiosos tendem a se tornar signos, em lugar de símbolos verdadeiros.

Um signo tende a ter um significado simples, ao passo que um símbolo tende a ter um significado múltiplo em qualquer uso particular. Uma caveira com dois ossos cruzados, no rótulo de uma garrafa, significa que o conteúdo é venenoso. Neste caso, o signo significa isto e somente isto. A mesma imagem, porém, pode ser usada para representar a morte, e então o significado se torna complexo ou múltiplo, apresentando-se em vários níveis.

Um signo, em geral, é conscientemente apreendido e usado, enquanto um símbolo, com mais freqüência, é total ou parcialmente inconsciente. Por exemplo, podemos estar mais ou menos inconscientes do fato de que uma pessoa, pelo exemplo da sua vida, tenha se tornado para nós um símbolo de virtude. Os pais chegam a ter significação simbólica para seus filhos, porém, tanto os pais como os filhos são muitas vezes inconscientes disto.

O homem toma consciência de si mesmo e do seu ambiente através da percepção dos seus cinco sentidos, e reage a essas percepções com idéias e emoções que nele são despertadas ou que ele associa às percepções. Os signos estão precipuamente baseados no nível perceptual da experiência. Os símbolos estão precipuamente baseados nos níveis de reação, nas idéias e emoções.

As diferenças entre signo e símbolo podem ser assim relacionadas:

Signo	Símbolo
1. Significado simples	Significado múltiplo
2. Identifica ou indica	Representa
3. Tende a ser consciente	Tende a ser inconsciente
4. Baseado no nível perceptual.	Baseado nos níveis de reação

O processo de simbolização pode ser explicado através da percepção e da reação que são aspectos fundamentais da constituição do homem. Quando percebemos um objeto, o estímulo vibratório incide sobre nossas faculdades sensoriais. Ondas luminosas, por exemplo, são recebidas por nossos olhos e vemos árvores, gramados e prédios. O estímulo das vibrações resulta numa percepção, numa imagem mental que faz parte da experiência. Neste sentido, a palavra *imagem* se refere a qualquer imagem perceptiva, seja visual, auditiva, tátil, ou de qualquer outra natureza. Inclui também a consciência de estímulos psíquicos.

Temos assim uma percepção que corresponde à parte da atualidade¹ que a causou. Essa percepção, no sentido mais amplo do termo *símbolo*, já é um símbolo. Não é o próprio objeto, mas corresponde ao mesmo e de certo modo o

¹ Atualidade - Na concepção Rosacruz, a natureza (vibratória) das coisas, consideradas em si mesmas, independentemente da humana percepção e interpretação.

representa. Faz parte da realidade que existe na nossa mente e corresponde à atualidade que existe no mundo.

Quando vemos agradáveis gramados, árvores e belos prédios, isto desperta em nós certas emoções e idéias. Gostamos destas coisas e nos sentimos bem com relação às mesmas. E a elas associamos outros lugares ou cenas semelhantes. Estas são reações às percepções. Temos consciência dessas reações e as associamos às percepções, porém, elas não fazem parte das próprias percepções, nem dos objetos.

Dizemos algo que expressa nossas idéias e emoções, bem como as percepções que as originaram. Vamos chamar isto de *resposta*. Respondemos à nossa experiência com algum tipo de comportamento (palavras, gestos, uma pintura, gemidos, etc.). Estas reações são respostas, que representam as percepções, as idéias ou as emoções (ou uma combinação de tudo isto). As respostas simbolizam os níveis perceptivo e de reação da nossa experiência; representam esses níveis.

Uma resposta, então, é o comportamento resultante da percepção e da reação. Pode consistir em palavras, exclamações, uma obra de arte, uma expressão facial, mas constitui também um símbolo. Muitas dessas respostas são essencialmente signos ou sinais, e não símbolos verdadeiros, porém, todas têm natureza simbólica. Por sua vez, são observadas e percebidas, e novamente despertam reações a que respondemos. Assim, a seqüência, percepção, reação, resposta, até certo ponto perpetua a si mesma, tendendo a prosseguir indefinidamente.

Quando vemos um símbolo, a forma é o estímulo e é derivada do mundo objetivo ou material. É percebida pelos olhos e uma imagem é formada na mente. Esta percepção é um elo entre a forma objetiva e o significado, mas, também é parte

vital do significado. A imagem na mente corresponde à forma, porém, é a base do significado. Vemos um círculo que simboliza totalidade. A imagem ou percepção corresponde ao círculo real, mas é a base do significado, ou seja, a totalidade.

A idéia de totalidade é uma reação à percepção. Trata-se de uma idéia na mente, que é associada à percepção; portanto, é uma parte essencial do significado. Se pensamos nesse conceito de totalidade do ponto de vista místico, ele pode despertar um sentimento de harmonização ou deleite. Isto também está associado à percepção e se torna parte do significado.

Estas relações podem ser assim resumidas:

Forma	Significado
Objetiva	Perceptivo
	Reativo

A natureza e a função de um símbolo devem incluir todos ou a maioria de certos aspectos. Estes serão esboçados e depois discutidos. Se um ou mais desses aspectos estão ausentes ou são deficientes, o símbolo tende a se tornar um signo ou um sinal.

1. Mesmo tratando-se de um símbolo cultural ou coletivo, deve ter um significado individual.
2. Deve ter origem nas funções subconscientes da mente.
3. As duas polaridades, a forma e o significado, devem ser harmoniosas.
4. A forma e o significado, pelo menos até certo ponto, devem ser reversíveis.

5. Um símbolo deve ter mais de um nível de significado, se não efetivamente em algum uso particular, pelo menos em potencial.
6. O significado é projetado para a forma e novamente assumido pelo indivíduo que percebe o símbolo, para ser reprojetado etc.
7. O símbolo transmite significado àqueles que o empregam e transmuta sua consciência ou experiência.

A Rosa-Cruz, a cruz com uma só rosa no centro, é usada por um grupo; portanto, é um símbolo cultural. Tem um significado comum a todo o grupo e que ele compreende. A cruz representa um homem de pé com os braços estendidos para os lados, bem como as tribulações e experiências da vida. A rosa representa o Eu interior, a personalidade-alma. Todavia, a menos que este símbolo tenha também um significado especial para o indivíduo que o empregue, tenderá a ser um signo. Ele deve ter um significado individual, para ser um símbolo vivo, ativo.

Um verdadeiro símbolo tem origem subconsciente. Sua forma é derivada do mundo objetivo, mas o símbolo como um todo é o que é devido ao conteúdo do subconsciente que se relaciona com a forma. A forma e o significado tornam-se um símbolo, ou são criados ou unificados, como parte das funções subconscientes. Para um símbolo permanecer significativo, deve ser mantido vivo, pensando-se nele, meditando-se sobre ele, a fim de que não se torne demasiadamente objetivo.

Uma forma, com sua natureza objetiva, pode ser encarada como o fator negativo, e o significado, que é primordialmente subconsciente, é o pólo positivo. As duas polaridades, a forma ou polaridade negativa, e o significado ou polaridade positiva, são fundidas num símbolo porque nelas há um elemento comum ou elementos comuns; elas são associadas por determinada razão, e têm origem em

alguma harmonia ou algum equilíbrio entre si. Se uma das duas polaridades, a forma ou o significado, torna-se predominante, o símbolo tende a se transformar em signo ou sinal ou, por assim dizer, desintegra-se, de modo que o símbolo, propriamente, deixa de existir, ou o significado passa a ser associado a uma outra forma.

A rosa representa o Eu interior, de maneira que associamos uma coisa à outra e uma lembra a outra. Até certo ponto, elas podem ser substituídas uma pela outra; a forma e o significado são reversíveis. Quando algo acontece num dado lugar, seja agradável ou não, o evento e os sentimentos a ele associados tornam-se um significado ligado àquele lugar, que é a forma objetiva do símbolo. Mais uma vez, porém, uma coisa pode lembrar a outra; o lugar lembra o sentimento e, este, lembra o lugar. A forma e o significado são reversíveis.

Diz-se que a alegoria, que é uma forma de simbolismo, apresenta diferentes níveis de significado. E isto pode ser dito de qualquer símbolo. Há um significado literal ou objetivo, um significado psicológico, e um significado psíquico ou místico. Em qualquer uso particular, um símbolo pode ter somente um significado psicológico, por exemplo, mas deve ter todos os três níveis, potencialmente. Os significados que não são evidentes, são implícitos no símbolo, por associação.

Na escrita figurativa ou hieroglífica, a figura de um homem representa um homem, a de uma ave representa uma ave. Estas figuras têm significado objetivo. A figura da ave pode ser usada para representar vôo ou a alma, caso em que tem significado psicológico. A ave representa uma função ou concepção, com ela relacionada por uma dada razão. A ave, como a lendária fênix, pode simbolizar renascimento e regeneração, que são conceitos místicos. A simples figura ou imagem da ave tem assim três diferentes níveis de significado. Pode ter somente um deles em determinado caso, mas os outros estão implícitos.

O significado de um símbolo é uma projeção da mente do homem. Trata-se de uma projeção da realidade do indivíduo para a forma do símbolo. Quando compreendemos o significado da Rosa-Cruz, projetamos este significado da mente para a forma. Um templo é um prédio sagrado e um símbolo do que é sagrado, porque projetamos as idéias e os sentimentos da nossa consciência para a forma do templo. Sem o significado, a forma é apenas material, até que realmente projetamos para ela o significado.

Essa projeção é objetivada e considerada como se pertencesse à forma; e um símbolo é exatamente isto. A projeção objetivada, mais a forma, compõem o símbolo em seu todo. Mas esse significado objetivado, por sua vez, é assumido pela pessoa que o projetou, a qual torna o significado parte de si mesma. É isto que mantém o símbolo vivo, evitando que ele degenere para um signo ou sinal. No processo em que é assumido, o símbolo é transmutado e modificado. Quando ele é assumido e se torna de novo parte da consciência do indivíduo, não é exatamente o mesmo símbolo de antes.

Este processo se repete muitas vezes. O elemento subconsciente é projetado para a forma e depois assumido, re-projetado e reassumido.

Por concentração e meditação num símbolo, o místico se toma o símbolo, tanto em forma como em significado. Quando ele projeta e assume o significado, produz em seu próprio âmago novas fases de significado, que são outra vez projetadas para a forma e reassumidas. Esta é a parte básica do processo de desenvolvimento psíquico ou místico, seja consciente ou inconsciente, e quer a compreendamos ou não. Mas a apreensão consciente e a compreensão ajudam o próprio processo e o desenvolvimento.

Um símbolo, por sua natureza, transmite aquilo que representa. Transmite informação ou conhecimento de uma pessoa para outra, de um grupo para outro, do Cósmico para o homem. O símbolo menos importante transmite alguma coisa à pessoa que o vê, ouve, ou de algum outro modo o percebe. Mesmo um sinal como o de um cruzamento de linha férrea, ou um signo como um letreiro de loja, fazem isto.

Um símbolo transmite essa informação ou esse conhecimento de modo diferente de um signo. Um signo o faz por indicação direta; um símbolo, por meios indiretos, ou por representação. Transmite ainda algo diferente do que transmite um signo. Um símbolo, ao contrário de um signo, tem níveis de significado, porque surge do subconsciente, onde foi criado, e traz consigo elementos subconscientes. Quando um símbolo degenera para um signo, perde estes elementos, e perde o poder de transmitir esses significados.

Um símbolo é também um agente de transmutação. Altera nossas idéias ou emoções, ou nos modifica psiquicamente. Quanto mais do elemento subconsciente tem o símbolo, mais é ele um agente transmutador, ou seja, mais promove nosso desenvolvimento místico. Essa transmutação, deve-se notar, é devida, pelo menos parcialmente, à projeção e assunção que já examinamos.

Como exemplo desse fator de transmutação, nós, como seres humanos, apreendemos Deus somente em nosso Eu psíquico, conhecendo-O e amando-O por harmonização. Esse conhecimento e esse amor só podem ser expressos, mesmo para o próprio indivíduo, em símbolos que nascem subconscientemente e de que a consciência objetiva se torna ciente. Tais símbolos são representações, não do próprio Deus, e sim da nossa apreensão de Deus, do nosso conhecimento e do nosso amor.

Projetamos o conhecimento de Deus e o amor a Deus, e os assumimos; projetamos os símbolos para Deus e depois os assumimos. Tanto o conhecimento e o amor, como os símbolos que os representam, estão continuamente renascendo, porém, eles renascem parcialmente através de renovação da experiência direta e, em parte, através de projeção e assunção dos símbolos que estão ligados a Deus na mente do místico. Os símbolos, assim, ajudam a transmutar o místico, a promover o seu desenvolvimento.

Se começamos a encarar os símbolos como fato ou experiência literal, reduzimo-los a signos ou sinais, e destruimos nossa própria experiência de harmonização mística. É somente como símbolos que eles transmutam, psicológica ou misticamente.

Um antigo símbolo do ciclo de vida e morte é a semente. A semente germina, cresce, a planta morre, e a semente germina de novo. Isto não só representa ciclos reais de crescimento, declínio e renascimento, mas, também de crescimento e renascimento espirituais.

A título de exercício, medite o leitor sobre o significado da semente e o amplie de modo que se aplique ao homem individualmente, ao homem coletivamente, à natureza, e à vida espiritual, ou às metas do misticismo. Isto também pode ser feito com a flor, o fruto e a semente. Poderá considerar as seguintes perguntas: Que forma tem o símbolo para você? Que significado você projeta para a forma? Como a forma se modifica quando você medita sobre ela posteriormente?

SUMÁRIO

Um símbolo representa uma outra coisa. Um signo identifica ou indica alguma coisa. Um sinal implica uma reação por parte de quem o emprega. Há duas espécies de signos. A primeira é derivada do mundo objetivo; a segunda é um símbolo degenerado.

Este Capítulo aponta as diferenças que existem entre um signo e um sinal.

A percepção corresponde à parte da atualidade que a causou. No sentido mais amplo do termo, é um símbolo. Reagimos a percepções com idéias e emoções. Uma resposta é o comportamento resultante da percepção e da reação. A percepção é o elo entre a forma objetiva e o significado, mas é também parte do significado.

Aspectos essenciais a um símbolo são apresentados neste Capítulo, bem como um exercício de meditação sobre a semente como um símbolo.

CAPÍTULO III: RELAÇÃO ENTRE FORMA E SIGNIFICADO DE UM SÍMBOLO – SÍMBOLOS INDIVIDUAIS E SÍMBOLOS ARQUÉTIPOS

Um símbolo e aquilo que ele representa, ou a forma e o significado, estão relacionados de três modos possíveis: por associação, por sugestão, ou pela lei das correspondências.

A cor branca traz à mente a idéia de pureza; a montanha é associada a altura e ascensão; a árvore é associada à vida. A forma e o significado do símbolo estão associados porque são de algum modo semelhantes. A cor branca é associada a pureza porque parece limpa e pura. O fato de a cobra abandonar sua pele é semelhante a nascer de novo, de maneira que ela simboliza renascimento.

As coisas são associadas também devido a dessemelhança; mesmo assim, porém, pertencem à mesma categoria. Branco e preto são associados porque são opostos, mas ambos pertencem à categoria das cores. Polaridades opostas tendem a simbolizar uma à outra, como, por exemplo, os aspectos físico e mental do ser humano, o átomo e o universo.

Forma e significado podem ser associados em função de atributos naturais, como o leão e sua força, a raposa e sua astúcia. Analogamente, um objeto pode ser simbólico devido à sua natureza ou função. A montanha, como já foi dito, simboliza ascensão e altura. O Sol representa a vida e iluminação mística.

Coisas que acontecem no mesmo lugar são associadas, e uma se torna um símbolo da outra. O lugar de um acidente torna-se um símbolo, não apenas do acidente, mas, dos sentimentos a ele associados. Do mesmo modo associamos sentimentos agradáveis a certos lugares.

Celebrações ou rituais do Ano Novo dependem do tempo; são essencialmente cíclicos. A forma, que consiste no evento e nas atividades, e o significado, estão associados devido ao começo de um novo período ou ciclo de tempo.

Muitos dos símbolos usados por um indivíduo vêm de sua família, seus professores, e outros elementos do grupo cultural em que ele vive. Símbolos derivados de escrituras sagradas são aceitos pelo indivíduo e atuam como sugestões para ele. Aprendemos que certa bandeira representa o país em que vivemos, e aceitamos isto. A publicidade comercial contém a sugestão de símbolos que aceitamos. Uma cena agradável ou uma bela jovem, ligadas ao nome de um produto, atuam como um símbolo, ou são usadas com esta intenção. Pretende-se que o público associe prazer e beleza ao produto.

O terceiro modo em que a forma e o significado são relacionados é pela lei das correspondências, e isto é usado no sentido místico segundo expressa o axioma hermético: "*assim como é em cima, é em baixo*". Isto é ilustrado pelo símbolo da escada cujos degraus representam a hierarquia ou os níveis da Criação. Cada série de degraus, ou cada seção da escada, guarda correspondência com as demais.

Em outras palavras, o grande mundo, ou o universo, corresponde ao pequeno mundo, ou o homem. O reino cósmico ou divino corresponde ao mundano. Na peça de Shakespeare, "*Hamlet*", o príncipe diz que vive demais ao Sol. Ele está usando o Sol para simbolizar o rei, já que os dois são elementos correspondentes de duas séries. O Sol, no universo, corresponde ao rei na sociedade. O que Hamlet quer dizer é que ele passa muito tempo na presença do rei. A rosa e o lótus

simbolizam o Sol porque são tidos como correspondentes a este astro no reino das flores.

Temos então o seguinte esboço da maneira como a forma e o significado estão relacionados:

1. Associação

- Semelhança
- Dessemelhança
- Atributos ou funções naturais
- Espaço
- Tempo

2. Sugestão

3. Correspondência

O pensamento e a comunicação dos seres humanos são baseados em signos e símbolos. O processo de simbolização é necessário em ciência, matemática, religião, arte, e filosofia. Sem símbolos, o homem não pode pensar em termos do passado e do futuro. A linguagem verbal, o meio primordial de comunicação, é um sistema de signos e símbolos.

Os símbolos cumprem várias finalidades. O homem precisa de ordem no seu mundo, e essa ordem é conseguida em larga escala por meio de símbolos. As percepções sensoriais são traduzidas em palavras ou outros símbolos. Experiências emocionais são expressas em forma simbólica, seja linguagem verbal, pintura, ou música. Precisamos de signos e símbolos para expressar conceitos científicos e filosóficos (ou para usar na conversa comum sobre os acontecimentos do dia).

A segunda finalidade é a necessidade de comunicação com os outros. Isto só pode ser feito por meio de signos, sinais, ou símbolos, de alguma espécie. Mas, não nos comunicamos somente com os outros; temos o que pode ser chamado de autocomunicação. Falamos a nós mesmos, por assim dizer, formulando nossas idéias e nossos sentimentos por meio de palavras.

Em terceiro lugar, os símbolos, além de nos ajudarem na comunicação, constituem um meio de preservação do conhecimento. Sejam científicos, religiosos, ou artísticos, os símbolos passam da cultura de uma época para a seguinte.

Em quarto lugar, a atividade criadora e a expressão pessoal são em si mesmas simbólicas, mas também são baseadas em símbolos. Palavras, figuras, e melodias, representam algo que resultou da atividade criadora de um indivíduo ou um grupo de indivíduos. Elas comunicam e são os instrumentos necessários ao homem para satisfazer sua necessidade de se expressar.

A quinta finalidade consiste em auxiliar a memorização e a instrução. Um símbolo pode ser a representação gráfica de uma lei, imprimindo essa lei na mente do estudante, de modo que ele a compreenda e possa recordá-la. Assim, uma fórmula científica é um símbolo gráfico.

Em sexto lugar, símbolos são recursos para meditação e concentração. Podemos meditar, como foi sugerido num capítulo anterior, sobre a semente simbólica, ou sobre a Rosa-Cruz, para aumentar nossa compreensão ou conseguir harmonização.

Finalmente, meditando sobre um símbolo, mantendo-o vivo e significativo, podemos promover nosso desenvolvimento psicológico e místico. A união mística se faz duplamente: pela integração das fases do Eu, e pela união com o Cósmico ou

Deus. Os símbolos importantes para um indivíduo são, ao mesmo tempo, um produto desse desenvolvimento e um agente que promove o desenvolvimento.

Alguns símbolos fazem parte de tradições científicas, religiosas, políticas e culturais; por exemplo, figuras de Buda, Krishna e Zoroastro, bandeiras nacionais, fórmulas químicas e equações matemáticas.

Muitos outros símbolos, como impressões de sonhos, são pessoais ou individuais. Os fatores culturais e individuais não podem ser facilmente separados; muitas vezes estão combinados. Na verdade, um símbolo cultural, para ser vivo e significativo, deve ter significado pessoal ou individual. O poder dos símbolos provém precipuamente de sua natureza e função subconscientes, e precisa ser renovado pela meditação. As fontes dos elementos subconscientes tanto são pessoais como culturais.

A diferença no significado de Beatriz na "Divina Comédia", e de Helena no "Fausto", até certo ponto decorre do ambiente cultural de Dante e Goethe, mas, também resulta das idéias, emoções e experiências pessoais dos dois autores. Tanto Beatriz como Helena representam o Eu interior, ou a personalidade-alma, a auto-integração, o casamento espiritual, ou a união a Deus.

As tradições culturais e os símbolos que elas estimulam a criar fazem parte do ser e da experiência do homem. Sua fonte é exterior ao próprio homem. Símbolos individuais, por outro lado, nascem no âmago do seu ser. Em ambos os casos, embora as origens sejam diferentes, o homem projeta o significado, de si mesmo para a forma. Símbolos, então, são o que são em função do que é o indivíduo, do que ele projeta do Eu interior para a atualidade ao seu redor.

Símbolos individuais ou pessoais são aqueles que têm significado especial para um indivíduo, mas não necessariamente para outros. Uma jóia às

vezes torna-se um símbolo da pessoa que a usa. Um bem, ou uma posse muito estimada, usualmente tem significado simbólico. Os membros de uma família são simbólicos para os próprios indivíduos da família.

Símbolos culturais são os símbolos comuns a um grupo, seja uma família, ou um grupo religioso, social, ou político. Um símbolo cósmico ou arquétipo é aquele que tem um padrão básico, primordial, característico do pensamento e da criatividade do homem; mas esse padrão é um padrão cósmico que é percebido e usado por seres humanos.

A cruz é ao mesmo tempo um símbolo cultural e cósmico. É comum a muitos povos do mundo e aparece em muitas épocas. Sua forma e seu significado particulares têm elementos culturais e talvez pessoais. Ela é encontrada no Egito antigo numa forma e, nas igrejas cristãs contemporâneas, numa outra. É um símbolo cósmico ou arquétipo porque o padrão de sua forma corresponde a princípios e padrões cósmicos e os expressa. É derivada da compreensão humana da ordem cósmica, corresponde a essa ordem e a expressa.

A montanha e a árvore são símbolos comuns porque são objetos de experiência freqüente. A montanha e a árvore sagradas são, como a cruz, encontradas em muitas partes do mundo. Surgem espontaneamente na simbolização feita pelo homem; portanto, podem ser classificadas como símbolos arquétipos. Os homens muitas vezes criam montanhas artificiais como símbolos sagrados, como no caso do ziggurat babilônio e das pirâmides egípcias.

O jardim, com suas variações, é também um símbolo cósmico ou arquétipo. O Jardim das Hespérides, os Campos Elísios, o Campo de Juncos Egípcio etc., são exemplos, bem como o jardim de rosas dos alquimistas.

Símbolo cósmico ou arquétipo é aquele cuja forma e cujo significado básicos são comuns a muitos povos. Ele é comum, não apenas a um grupo, mas, a muitos grupos bem distanciados; é um símbolo que, de certo modo, é comum à humanidade. Embora sua forma e seu significado variem, ambos têm elementos comuns onde quer que sejam encontrados. Muitos símbolos pertencem aos três tipos: pessoal, cultural, e arquétipo. A cruz, como já foi salientado, encerra tanto elementos culturais como arquétipos. Este é o caso da Rosa-Cruz ou da Cruz Hermética, mas a cruz tem de apresentar também um nível pessoal de significado, ou degenera para um símbolo estático ou morto.

Povos que migram levam símbolos culturais e pessoais, compartilhando-os e modificando-os em seu contato com outros povos. Símbolos budistas, por exemplo, foram transferidos de seu ponto de origem para muitas partes do mundo. Símbolos cristãos também foram difundidos, de uma área relativamente pequena, para todo o mundo (às vezes tão modificados que refletiram os períodos e lugares em que foram usados).

Figuras arquetípicas comuns, como a árvore cósmica e a cruz, tanto podem ser culturais como pessoais. Mas os símbolos também podem surgir espontaneamente, porque são comuns a toda a humanidade. Carl Gustav Jung mostrou sua importância em sonhos, fantasias, e obras de arte. As mesmas figuras são encontradas em muitas épocas e muitos lugares. Fazem parte da natureza humana e nascem espontaneamente, apenas porque os seres humanos simbolizam naturalmente em certos significados e formas comuns.

Mesmo objetos culturais comuns, como o Monte Olimpo ou o Monte Horeb, podem ter fortes elementos pessoais. Esse significado individual é evidente em "*A Montanha Mágica*", de Thomas Mann. A rosa, tanto no "*Fausto*" de Goethe

como na "*Divina Comédia*" de Dante, origina-se em tradições culturais, mas tem também um nível pessoal de significado, sem o qual não seria tão eficaz.

Os símbolos são objetivos, subjetivos, ou subconscientes, dependendo do nível de consciência em que atuam. Quando atuam precipuamente de modo objetivo, tendem a ser signos ou sinais, e não símbolos verdadeiros. Por exemplo, quando uma linha em ziguezague é usada para representar um relâmpago, é predominantemente objetiva e tende a ser um signo que identifica o relâmpago. No entanto, quando simboliza Júpiter ou Zeus, na mitologia grega, funciona precipuamente no nível subconsciente e é um símbolo verdadeiro.

Uma criança faminta pode ser um símbolo de pobreza, carência, ou de um organização beneficente. O nível de consciência depende tanto do indivíduo que usa este símbolo como do próprio símbolo. Para uma pessoa, ele pode ser apenas um sinal para dar dinheiro ou alimento. Para uma outra, pode ser mais emocional e, portanto, subjetivo. E pode também funcionar subconscientemente, em especial se a pessoa que usa o símbolo viveu aquela condição de pobreza.

Assim como os símbolos podem ser individuais, culturais e arquétipos, podem ser também objetivos, subjetivos e subconscientes. Eles se originam subconscientemente, porém, funcionam nos três níveis, mesmo que um nível predomine. Símbolos arquétipos, como a cruz ou a montanha, são usualmente subconscientes em função, mas podem ser predominantemente subjetivos ou mesmo objetivos. Neste caso, perderam o significado e a função mais profundos.

Durante sua rotina diária, preste atenção aos símbolos. Observe particularmente aqueles que possam ser classificados como objetivos. Depois selecione os que sejam principalmente subjetivos e, finalmente, os subconscientes. Considere todas as formas do símbolo, como a verbal, a artística etc. Verifique se a

forma e o significado estão relacionados por associação, sugestão, ou correspondência.

SUMÁRIO

A forma e o significado de um símbolo estão relacionados dos seguintes modos:

1. Associação

- Semelhança
- Dessemelhança
- Atributos ou funções naturais
- Espaço
- Tempo

2. Sugestão

3. Correspondência

Os símbolos cumprem várias finalidades: necessidade de ordem, comunicação, preservação de conhecimento, auto-expressão, recordação e instrução, meditação e concentração, promoção de desenvolvimento psicológico e místico.

Símbolos individuais são aqueles que têm significado especial para um indivíduo, mas não necessariamente para outros. Símbolos culturais são comuns a um grupo, seja a família, ou um grupo religioso, social, ou político.

Símbolos arquétipos apresentam um padrão básico, primordial, que corresponde a princípios cósmicos e é característico do pensamento humano.

Os símbolos migram com os povos e são assimilados no contato entre povos. Podem também surgir espontaneamente.

Os símbolos são objetivos, subjetivos, ou subconscientes, dependendo do nível de consciência em que atuem ou funcionem.

O exercício proposto neste Capítulo consiste em observar quais os símbolos que são objetivos, quais os que são subjetivos, e os que são subconscientes, e como a forma e o significado estão relacionados.

CAPÍTULO IV: SÍMBOLOS NATURAIS E ARTIFICIAIS – O PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO – SIMBOLISMO E A LEI DOS OPOSTOS

O livro "*Símbolos Antigos e Sagrados*", de Ralph M. Lewis, classifica os símbolos em naturais e artificiais:

"Símbolos naturais são principalmente decorrentes de sugestão. Há algo na forma do signo que lembra um elemento ou elementos de algum grupo anterior de idéias da nossa experiência. Por associação, o símbolo está continuamente trazendo essas outras idéias à nossa consciência. Uma nuvem escura, por exemplo, é um símbolo natural. Sugere tudo o que está associado a uma tempestade. Obviamente, os símbolos naturais têm aceitação bastante generalizada, porque estão relacionados com experiências humanas comuns.

Por outro lado, há símbolos artificiais, que um homem ou um grupo de homens podem criar para representar suas próprias noções. Tais símbolos artificiais são relacionados com experiências particulares do indivíduo ou do grupo, e podem não ter significado algum para um outro grupo de pessoas. Por exemplo, temos os signos que são usados por físicos e engenheiros eletricitas para representar componentes de um circuito elétrico".

A montanha e a árvore, que serão analisadas posteriormente, são símbolos naturais. O jardim, por outro lado, é natural e artificial; compõe-se de elementos naturais artificialmente plantados e dispostos no terreno. A cruz é um símbolo artificial, mas está baseada em fenômenos naturais e, provavelmente, de início representava esses elementos naturais. É derivada, pelo menos em parte, da Terra e das quatro direções, que formam a concepção humana de uma espécie de ordem. Naturalmente, a rosa, na Rosa-Cruz, é um símbolo natural, de modo que a própria Rosa-Cruz é uma combinação de símbolo natural e artificial.

Os símbolos podem também ser classificados como comunicativos, artísticos e ritualísticos. Símbolos comunicativos são o que o nome já indica, ou seja, aqueles que são usados especificamente para comunicar conhecimento ou informação. É claro que todos os símbolos comunicam. O que queremos dizer com esta categoria é que há símbolos que são destinados precipuamente a transmitir conceitos, idéias, emoções, etc. A linguagem usada num livro de texto é um sistema de signos e símbolos que transmite conhecimento ou informação ao leitor. Símbolos místicos são às vezes usados para instruir o estudante em certos princípios. O símbolo, então, é místico e comunicativo.

Símbolos artísticos são aqueles que são usados em formas de arte, para fins estéticos. A qualidade da arte não é um critério para decidir se um símbolo é artístico. Se o símbolo é usado em pintura, escultura, arquitetura, ou literatura, é um símbolo artístico. Um símbolo pode ser comunicativo num uso e artístico num outro, ou pode ser uma combinação das duas categorias. Quando é ensinado ao estudante que a Rosa-Cruz representa a personalidade-alma e as tribulações da vida, o símbolo está sendo usado na categoria de comunicativo. Mas a Rosa-Cruz pode ser usada num poema ou numa pintura e, então, é um símbolo artístico.

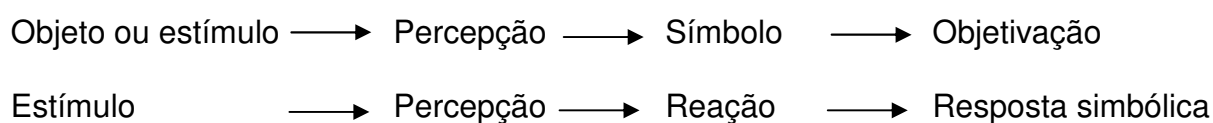
Símbolos ritualísticos são aqueles que são usados, ou propriamente num ritual, ou para evocar um ritual na mente do iniciado. Rituais de Ordens fraternais usam símbolos, como nos rituais religiosos, políticos e sociais. Tais símbolos abrangem os objetos usados durante a cerimônia, as perambulações, os gestos, e símbolos verbais. Usualmente, um ritual é também um símbolo coletivo ou cultural, mas não necessariamente. Pode ser um símbolo pessoal, ou um símbolo com significado individual.

A natureza psicológica e mística da simbolização com freqüência não tem sido explicada. Já dissemos que um símbolo é um objeto, uma idéia, emoção ou ação, que representa um outro objeto, uma outra idéia, etc., e que estas coisas são relacionadas por associação, sugestão e correspondência.

Quando vemos um objeto, temos uma imagem perceptiva do mesmo em nossa mente. Esta percepção é associada a idéias, emoções, conceitos, etc., que já fazem parte da consciência. A percepção e os conceitos, as idéias e emoções, são relacionados, como já explicamos, por associação, sugestão e correspondência. A percepção está relacionada com a forma; os conceitos, as idéias e emoções, com o significado. Os elementos comuns nos dois fatores tornam-se a base do símbolo, e são unificados subconscientemente. Essa união torna-se o símbolo expresso ou objetivado, que pode consistir em palavras, numa pintura, num drama, numa dança, em sonhos etc.

O processo pode ser iniciado ou estimulado por qualquer um dos dois fatores ou das duas polaridades, a forma e o significado. Em outras palavras, o estágio inicial pode ser objetivo ou subconsciente. O símbolo é criado ou unificado no subconsciente, porém, num uso particular, pode começar nas funções objetivas ou nas funções subconscientes. Um objeto percebido, ou uma forma geométrica,

pode estimular a projeção de um significado que não associávamos a essa forma. Isto ocorre com freqüência quando o estudante começa a compreender a filosofia mística. As formas, quer tenham sido conhecidas previamente, ou não, subitamente adquirem significado. Isto pode ser esquematizado das seguintes maneiras, lembrando que estes esquemas são úteis mas são muito simplificados:



O processo pode começar ou ser estimulado pelos próprios processos mentais. Este é o caso do que podemos entender como um significado em busca de uma forma, porém, muitas vezes não temos consciência do processo. A necessidade de representar o significado produz uma imagem mental muito parecida com uma imagem perceptiva. Se o indivíduo se tornar suficientemente cômico disto, há de explicitar a imagem e criar o símbolo, quer na sua mente, ou de modo objetivo em palavras, num desenho etc. Esquematizando isto, temos:

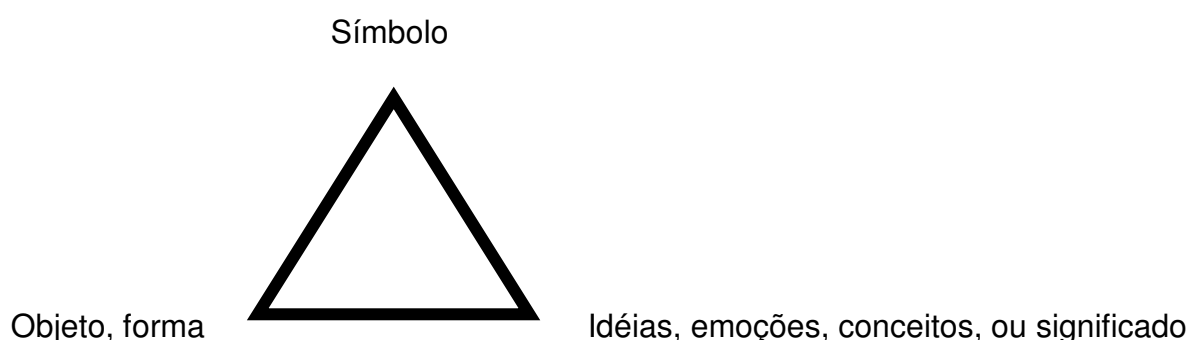


O segundo tipo de simbolização é o mais comum dos dois e pode surgir por intuição, telepatia, harmonização, experiências psíquicas, ou memória da encarnação atual ou de encarnações anteriores. O primeiro tipo se tornará mais facilmente um signo ou sinal, porém, ambos os tipos consistem na forma, para a qual foi projetado o significado.

Em ambos os processos, a percepção não é o objeto, e o símbolo não é a percepção nem o objeto. Todas estas coisas fazem parte de um único processo e formam uma unidade.

Em outras palavras, a forma não é o significado. É o elemento objetivo, percebido pela mente. Nem a forma em si mesma nem a sua imagem perceptiva constituem o significado, e este não é a forma. A forma e o significado estão associados ou ligados, mas não são idênticos, e resultam de diferentes funções mentais e níveis de consciência.

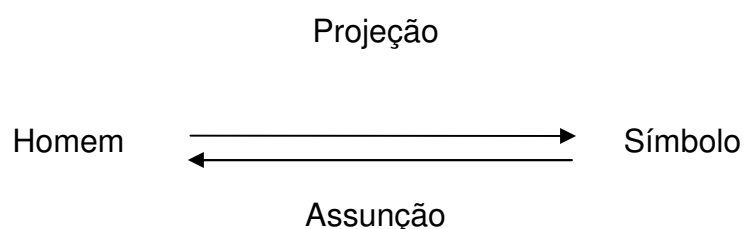
O objeto e a forma são elementos materiais, negativos. As idéias, as emoções e os conceitos que constituem o significado são os elementos subconscientes, positivos. O símbolo se compõe destes dois elementos.



A forma expressa de um símbolo pode ser:

1. Um objeto, como a Rosa-Cruz ou a esfera
2. Uma pintura, um desenho, ou uma escultura
3. Palavras, como num ensaio, num poema, ou numa história

A expressão do símbolo em alguma forma objetiva completa o seu ciclo de criatividade, e estimula o indivíduo a assumir e projetar o significado, mantendo-o assim vivo e evolutivo. O homem projeta o significado para o símbolo e o assume novamente.



Um símbolo deve ser considerado como uma polaridade. Um par de opostos consiste em duas coisas contrárias entre si. Consideramos a escuridão como a ausência de luz; assim também, a fealdade é a ausência de beleza. No entanto, objetivamente, a escuridão tem tanta realidade quanto a luz, e a fealdade é tão real quanto a beleza.

O elemento negativo de um par de opostos é a ausência do outro, o positivo. Luz e trevas são os aspectos positivo e negativo do mesmo todo. As trevas são apenas um aspecto desse todo, de que a luz é o outro aspecto. A tríade é completada pela unificação dos dois opostos.



A lei dos opostos pode ser assim resumida:

1. Objetivamente, o homem concebe que um par de opostos se compõe de duas coisas contrárias entre si.
2. Subconscientemente, um dos elementos do par é a ausência do outro.
3. Cosmicamente, apreendemos a unificação dos opostos; eles formam uma unidade.

Cosmicamente	Subconscientemente	Objetivamente
+ e –	+ predomina	- predomina
São um só		

No tocante a símbolos, isto significa que a forma, ou o elemento negativo, predomina objetivamente; o significado, ou a polaridade positiva, predomina Subconscientemente; e, Cosmicamente, a forma e o significado são um só e assim são apreendidos no fenômeno de consciência Cósmica.

Objetivamente, a forma é encarada como o próprio símbolo, porque isto é o que predomina. Subconscientemente, a forma é a ausência do significado; o elemento negativo é a ausência do positivo. Portanto, o significado tende a perder a forma. A degeneração do símbolo, ou sua perversão, leva à substituição do positivo pelo negativo, ou vice-versa. O símbolo, então, é entendido literalmente, ao invés de simbolicamente. Por exemplo, a máscara dramática perde a emoção que representa e se torna a coisa em si mesma, ou o significado perde a forma da máscara e se

torna a própria forma ou toma o seu lugar. Em ambos os casos, o símbolo tende a ser encarado literalmente, em lugar de simbolicamente.

Um símbolo degenerado perde a polaridade de forma e significado; é usado objetivamente e perde sua função nos níveis de consciência mais profundos. Quando o símbolo da cruz degenera, a forma não é mais do que um sinal para uma reação emocional ou conceptual. Então, a forma predomina. Quando o símbolo degenera de modo que o significado predomina, a emoção (ou o conceito) torna-se um gatilho automático para a forma objetiva. Em ambos os casos, uma das polaridades está morta ou não funciona devidamente. Quando o significado do símbolo perde a forma, ele próprio se torna de certo modo objetivado; o significado não mais está funcionando nos níveis subconscientes.

Cosmicamente, a forma e o significado são um só, de modo que a meditação sobre o símbolo ajuda a manter a união das polaridades funcionando com harmonia. É importante compreender os elementos pessoal, cultural e arquétipo dos símbolos. Por isto recomendamos que o leitor escolha um símbolo comum, como a luz, e esquematize os elementos que são derivados de um grupo e compreendidos pelos componentes desse grupo. Depois, pergunte o que o símbolo significa para si mesmo, pessoalmente. Por fim, verifique se ele tem também um fator arquétipo.

A luz é um símbolo que aparece em muitas formas, como o Sol, a Lua, uma lâmpada, um archote. Assim, tanto a forma como o significado podem pertencer a qualquer um dos três tipos.

SUMÁRIO

Os símbolos podem ser classificados em naturais e artificiais; ou em comunicativos, artísticos e ritualísticos.

A percepção está relacionada com a forma; as idéias, as emoções e os conceitos, com o significado. O processo de simbolização pode começar com o elemento objetivo ou com os próprios processos mentais. Os símbolos do primeiro tipo, que são estimulados pelas funções objetivas, mais facilmente se tornam signos ou sinais.

Em ambos os processos, a percepção não é o objeto, nem o símbolo é a percepção ou o objeto, porém, todas estas coisas fazem parte do mesmo processo. A forma não é o significado, e este não é a forma.

O fato de se expressar o símbolo em alguma forma objetiva vem completar seu ciclo de criatividade, e estimula o indivíduo a assumir e projetar o significado.

A lei dos opostos, aplicada aos símbolos, refere-se à forma como polaridade negativa e ao significado como polaridade positiva.

Cosmicamente	Subconscientemente	Objetivamente
+ e –	+ predomina	- predomina
São um só		

A degeneração de um símbolo leva à substituição da polaridade positiva pela negativa, ou vice-versa.

O exercício deste Capítulo consiste em analisar a luz como símbolo, para identificação de elementos pessoais, culturais e arquétipos.

CAPÍTULO V: SIMBOLIZAÇÃO: UMA FUNÇÃO BÁSICA DA MENTE

A simbolização é a maneira básica em que o homem se relaciona com o seu ambiente e pela qual ele ordena aquilo que percebe de si mesmo e do não-Eu. Trata-se do processo mental sem o qual o homem não seria humano. O senso de passado e futuro, a memória do passado, a simples percepção, o conhecimento do universo astronômico, os fenômenos psíquicos e místicos, tudo isto está baseado, direta ou indiretamente, no uso de símbolos pelo homem.

Criar e usar símbolos é uma função básica e natural da mente humana e, como todas as funções (sejam físicas, mentais, ou psíquicas), esta se cumpre naturalmente e quer estejamos dela conscientes ou não. Ela se cumpre em religião, arte, na conversa comum, e em ciência. A simbolização não é apenas uma ferramenta que a mente utiliza, e sim uma força motivadora que produz rituais, contos de fadas, romances, símbolos pessoais e psíquicos, símbolos geométricos, etc.

Antes de estudarmos o que podemos chamar de metafísica e psicologia dos símbolos, precisamos diferenciar três termos. O que chamo de não-Eu é tudo aquilo que está situado fora do nosso Eu individual, seja este Eu considerado uma unidade física, uma unidade psíquica, ou ambas. O não-Eu é tudo o que não é o Eu. O que chamo de ambiente é tudo o que nos rodeia imediatamente. Normalmente, isto inclui nosso lar e nossa família, a vizinhança ou a cidade onde vivemos, nossa igreja, nosso clube, etc.

O terceiro termo é campo e, como ele é menos familiar, no sentido em que é aqui usado, será explicado mais extensamente. Campo é a parte do não-Eu

com que o indivíduo tem uma interação ou inter-relação definida. O campo, o ambiente, e o não-Eu, não são sinônimos; não são a mesma coisa.

Nada existe como uma unidade ou entidade fechada, totalmente à parte ou isolada. O elétron funciona num campo; a Terra tem um campo magnético que a relaciona com o seu ambiente; o ser humano tem uma aura, que é psíquica e física. O homem se relaciona biológica e psicologicamente com o seu campo. A idéia de campo, seja em Física, Biologia, Psicologia, Comunicação, ou Misticismo, está baseada neste fato fundamental, de que cada coisa que existe tem um campo que se relaciona com ela própria e com o ambiente ou o não-Eu.

O ser humano vive em seu campo fisicamente, e pode ser estudado do ponto de vista das ciências físicas. Ele respira ar e ingere alimentos, e assim usa seu campo biologicamente. O homem e seu campo estão relacionados biologicamente. O homem funciona em seu campo psicologicamente. Ele percebe o mundo ao seu redor; toma consciência de objetos, plantas, animais, e outras pessoas. Sua consciência é expandida de modo a incluir um certo campo à sua volta.

O homem está relacionado com o seu campo também psíquica e misticamente. Isto inclui a aura, fenômenos para-psicológicos, harmonização, consciência Cósmica. Temos assim quatro aspectos ou modalidades básicas do campo: física, biológica, psicológica, e psíquica. Mas estas modalidades são diferenciadas somente porque precisamos considerá-las desta maneira para pensar a seu respeito e analisá-las.

É importante compreender que o campo constitui uma só unidade e, além disso, que o homem e o campo formam uma unidade. O sistema homem-campo é uno. Esta é a metafísica básica do misticismo.

A personalidade humana pode ser entendida como uma unidade psíquica, funcionando num campo com que o homem está basicamente unificado. O homem é o núcleo ou centro individual e mutável de um campo mutável. O sistema homem-campo é uma unidade modelada no sistema espaço-tempo. A extensão dessa unidade, tanto no espaço como no tempo, é variável. O padrão dessa relação está constantemente mudando. O núcleo, ou polaridade positiva da unidade é o ser humano individual, o homem em processo de mudança. A célula exterior, ou o campo, é o elemento negativo. Este próprio elemento também está mudando; o campo nunca é o mesmo. Mas a percepção que o homem tem do campo também se modifica. A parte humana do sistema homem-campo, ou seu elemento positivo, igualmente muda; o que ele percebe e o campo também se modificam, mas as três coisas mudam como uma unidade inter-relacionada.

Os elementos do sistema homem-campo estão relacionados de vários modos. Primeiro, há a interação física, em que o homem modifica o seu ambiente. A segunda maneira em que esses elementos são relacionados é pelas funções biológicas do homem. A terceira, por suas funções psicológicas; por exemplo, através de percepções sensoriais, emoções, raciocínio, imaginação etc. A quarta, por meio de comunicação, como na linguagem verbal. A quinta, por ação ou comportamento.

Devido à sua natureza especial e às suas funções, a aura também relaciona o homem e o campo, e isto constitui a sexta maneira. Sentimos auras ao nosso redor, usamos auras em psicometria ou para sentir coisas através das mãos. O sétimo tipo de relacionamento entre o homem e o campo se faz por fenômenos parapsicológicos, como telepatia, intuição etc. O oitavo é por harmonização. A experiência mística expande a consciência e, com isto, amplia o campo até que o

sistema homem-campo se torna o Cósmico. A harmonização, o estado de unificação da experiência mística, consiste em que o indivíduo se torne um sistema homem-campo expandido, até alcançar a união final. Finalmente, e na base de todos estes modos de relacionamento, está o próprio processo de simbolização.

A simbolização é fundamental para a nossa consciência da relação homem-campo. Sem símbolos, não podemos pensar sequer sobre a nossa consciência de simples relações físicas, ou expressá-las. Sem símbolos, algumas dessas relações absolutamente não existem. Além disso, os símbolos exercem uma influência ativa em muitas dessas relações.

A harmonização, por exemplo, pode ser expressa em símbolos; mas os símbolos, por sua vez, pela meditação, afetam o nosso desenvolvimento psíquico e fortalecem e expandem a harmonização. O homem é misticamente uno com o campo e, misticamente, o campo é todo-abrangente. A união mística pode ser entendida como uma inclusão do Cósmico no próprio campo, de modo que a consciência passa a ser percepção do Cósmico.

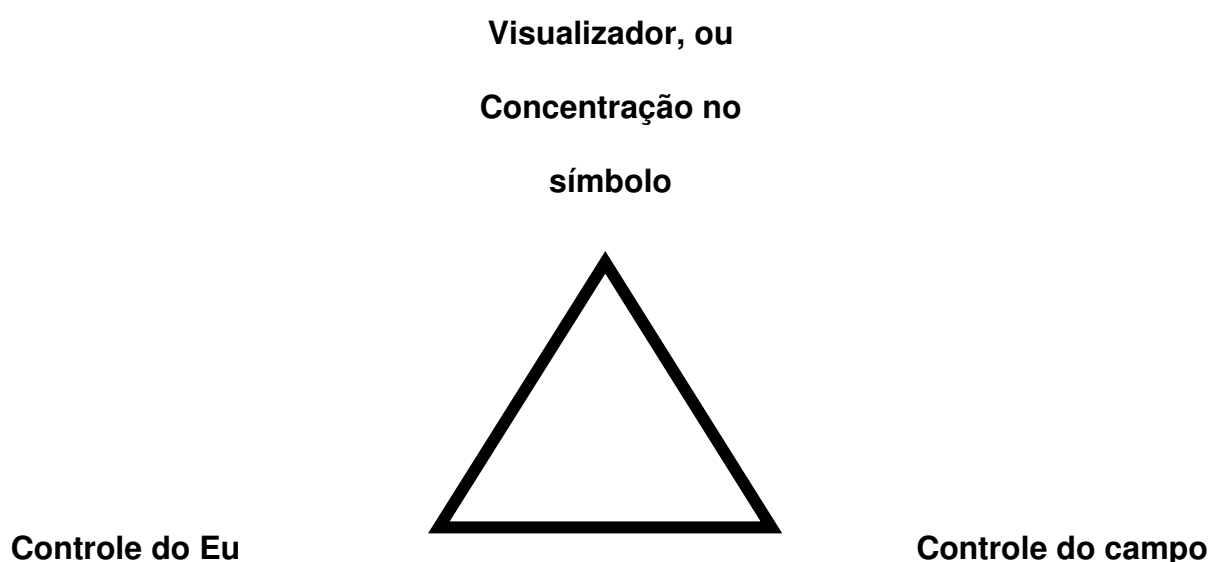
Quanto mais a consciência inclui o campo ou está com ele harmonizada, mais psíquica e misticamente desenvolvido é o indivíduo. O desenvolvimento místico, então, é um processo de ampliação do sistema homem-campo.

Os símbolos místicos e os rituais simbólicos constituem um modo de afetar o sistema homem-campo e ampliar ou expandir a consciência. Esses símbolos assumem muitas formas; podem ser visuais ou auditivos, e incluem mantras, ou sílabas e palavras sagradas, que atuam como símbolos.

Quando visualizamos algo que desejamos, ou visualizamos para curar, ou para transmitir um pensamento a alguém, a imagem visualizada atua como um símbolo. Pela criação desse símbolo e a concentração no mesmo, estamos dirigindo

o Eu ou o campo em que estamos trabalhando, ou ambos. Se estamos visualizando algo que desejamos, estamos controlando tanto o Eu quanto o campo. Se estamos curando alguém, estamos dirigindo uma outra pessoa, que faz parte do nosso campo, no momento, onde quer que ela esteja. Se usamos auto-sugestão, é o Eu que estamos controlando. Quando usamos sugestão sobre alguém, ou transmitimos uma mensagem a alguém, estamos controlando ou dirigindo essa outra pessoa como parte do nosso campo.

O seguinte esquema representa esta relação:



A relação entre o controle do Eu e o controle do campo é indireta, através da concentração no símbolo visualizado. Também a ação direta se faz da concentração no símbolo para o elemento controlado, mas há ainda uma influência do Eu controlado ou do campo controlado para a pessoa que visualiza o símbolo. Algo é projetado do visualizador para o Eu controlado ou o campo controlado, e algo é por outro lado assumido do Eu controlado ou do campo controlado.

O elemento, significado, do símbolo, pode ser dividido no que podemos chamar de ordem e conteúdo. A ordem é o padrão arquétipo, cósmico, ou psíquico, o ritmo ou a harmonia a que a forma corresponde parcialmente e que ela expressa ou manifesta. O conteúdo consiste nas idéias, emoções etc., que a forma representa. A forma e o conteúdo são apreendidos na mente e projetados para a forma.

O fator ordem, do significado, é o padrão inerente à forma e a ela correspondente, mas a ordem também corresponde ao conteúdo, ou às idéias e emoções representadas pela forma. Neste sentido, a ordem, ou o padrão, é um mediador entre o conteúdo e a forma. É aquilo com que tanto o conteúdo como a forma estão relacionados. É o elemento arquétipo, porém, expresso em forma material. É o protótipo psíquico da forma.

A forma da rosa material que desabrocha no jardim, a rosa pintada e assim usada como símbolo, e a rosa que existe na mente, são diferentes. A forma de cada qual depende da manifestação material. A ordem, que é o padrão arquétipo, é semelhante nestas formas, e é fundamental para o significado. A ordem contém elementos básicos necessários ao significado. Todas as três rosas são símbolos da personalidade-alma, porque têm a mesma ordem básica, ou o mesmo padrão psíquico, que corresponde à personalidade-alma e a representa.

Num símbolo objetivado, a ordem é manifesta na forma física. Num símbolo psíquico, a ordem é manifesta na imagem que é apreendida na mente. O símbolo psíquico pode ou não ser expresso numa forma física, como palavras ou um desenho.

A ordem, no símbolo psíquico, é apreendida graças à tradução de estímulos psíquicos para percepções ou imagens. No símbolo objetivado, ela é

apreendida pela tradução da ordem cósmica para a forma e, depois, para a percepção.

Cabe lembrar que a forma, ou o elemento material, e a ordem e o conteúdo, ou o elemento psíquico, são ambos traduções de impressões vibratórias. São vibrações diferentes e são traduzidas por diferentes órgãos receptores. Um capítulo posterior desta série explicará os símbolos psíquicos. Recomendamos que o leitor revise então este capítulo.

A ordem é básica para a forma e para o conteúdo. A forma não existiria sem uma ordem fundamental, cósmica. Mas o conteúdo também depende da ordem cósmica. A ordem é o mediador entre a forma e o conteúdo, mas ela própria é cósmica ou arque tipa.

Cabe ainda lembrar que, embora dividamos o símbolo em elementos ou componentes, ele é um só símbolo e funciona como uma unidade.

A simbolização usa funções psicológicas como a emoção, o raciocínio e a imaginação, para produzir símbolos. E ao mesmo tempo uma base destas funções, porque elas usam símbolos ou sistemas simbólicos como a linguagem verbal.

O sistema de psicologia de Carl Gustav Jung usa quatro funções: sensação, sentimento, pensamento, e intuição. Este sistema não reconhece a imaginação, que é um dos aspectos mais importantes do pensamento humano. O termo sentimento pode significar emoção e mesmo sensação, de modo que seria melhor usar a palavra emoção. Misticamente, a intuição é a chave, ou a função central. O diagrama da última página deste Capítulo representa estas funções e sua relação.

O círculo maior representa o campo objetivo; o círculo intermediário representa o subconsciente; e o círculo menor, central, representa a função intuitiva

do subconsciente. Chamaremos o círculo pequeno superior (número 2) de imaginação; o da direita (número 5) de sensação; o inferior (número 4) de emoção; e, o da esquerda (número 3), de raciocínio.

Note-se que todas as quatro últimas funções estão situadas parcialmente no campo objetivo e parcialmente no campo subconsciente, e que isto representa sua função dual. Normalmente, todo esquema deste tipo é uma supersimplificação, que coloca as funções em "compartimentos" demasiadamente precisos. Não obstante, serve para ajudar a compreender as funções e o fato de que a mente é uma unidade, atuando como um todo num ser humano que é também uma unidade completa em si mesma. Dando mais um passo, podemos afirmar que a consciência é que é a base da união do sistema homem-campo.

A relação entre as cinco funções não é a mesma em quaisquer dois indivíduos, e a função predominante em cada pessoa varia conforme sua natureza e suas atividades. Ela pode usar precipuamente o raciocínio numa atividade, porém, sua reação pode ser principalmente emocional, numa outra atividade. A ordem, então, e a função predominante, não são fixas, e o tamanho dos círculos também não é fixo, já que a importância, que esse tamanho representa, igualmente sofre variação.

O processo de simbolização depende de todas as funções e dos níveis objetivo e subconsciente. Estes níveis e funções são necessários para o homem simbolizar, e a simbolização é necessária para que os níveis e as funções atuem.

O próprio diagrama é um símbolo que representa certas funções psicológicas e a relação existente entre elas. É uma representação objetiva e espacial de coisas que absolutamente não são espaciais. Pode nos ajudar a compreender a nós mesmos, mas deve ser entendido simbolicamente.

A sala em que você está lendo não apenas existe; você tem consciência da mesma e fala a seu respeito. Você pode sonhar com ela. Pode escrever para alguém a seu respeito. Nenhuma destas coisas pode ser feita sem simbolização. Recomendamos que medite sobre as maneiras como simboliza esta sala e, depois, medite sobre outras relações homem-campo.

SUMÁRIO

A simbolização é a maneira essencial em que o homem se relaciona com o ambiente e o campo. É uma função básica e natural da mente, que se cumpre em religião, arte, conversação, ciência etc.

O campo é a parte do não-Eu com o qual o indivíduo tem uma interação ou inter-relação definida.

O homem existe num campo quádruplo:

1. Físico
2. Biológico
3. Psicológico
4. Psíquico

O homem e o campo estão relacionados por:

1. Interação física
2. Funções biológicas

3. Funções psicológicas
4. Comunicação
5. Ação ou comportamento
6. Auras
7. Fenômenos parapsicológicos
8. Harmonização
9. Simbolização

Os símbolos nos permitem pensar em nossa consciência mesmo de relações e funções físicas simples, e expressá-las. São necessários a certos relacionamentos como a comunicação, e a funções psicológicas como a imaginação e a memória. Exercem influência ativa no desenvolvimento emocional e psíquico.

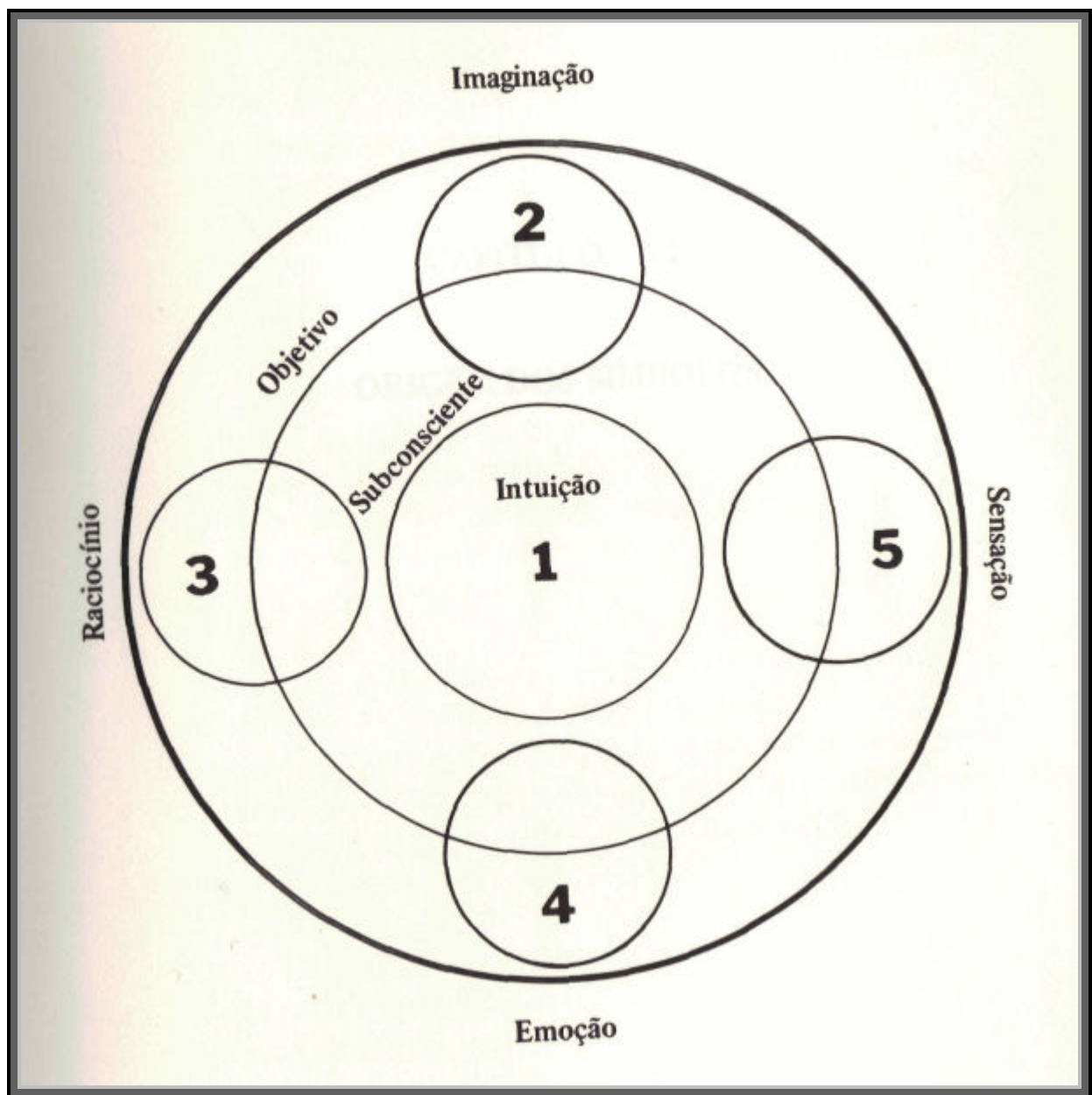
O sistema homem-campo forma uma unidade. O desenvolvimento místico é um processo de ampliação da união entre o homem e o campo.

A imagem visualizada atua como um símbolo e afeta ou controla o Eu e o campo.

O significado de um símbolo consiste em ordem, que é o padrão arquétipo ou psíquico, e conteúdo, ou as idéias e emoções que a forma representa. A ordem está relacionada com a forma e o conteúdo, e atua como mediadora entre estes dois últimos elementos. Num símbolo objetivado, manifesta-se na forma física. Num símbolo psíquico, manifesta-se na imagem mental.

O diagrama da página seguinte simboliza as relações entre as funções objetivas e as funções subconscientes, bem como entre intuição, imaginação, raciocínio, emoção, e sensação.

O exercício do Capítulo consiste na análise da relação homem-campo.



1. Intuição
2. Imaginação
3. Raciocínio
4. Emoção
5. Sensação

CAPÍTULO VI: ORIGEM DOS SÍMBOLOS

E freqüente acreditar-se que, como os mesmos símbolos ou símbolos semelhantes são encontrados em diferentes partes do mundo, eles devem ter uma origem comum num dado país e em certa época. Embora alguns símbolos de fato migrem de um povo para outros ou sejam assimilados, muitos símbolos não estão assim associados, mas, têm origem totalmente independente.

Um símbolo pode nascer espontaneamente, porque venha suprir uma necessidade ou em função da atividade criadora natural. Os símbolos criados assim espontaneamente podem ser pessoais ou culturais; podem até ser símbolos arquétipos ou cósmicos que não tenham sido usados antes numa dada cultura.

Um símbolo pode ser deliberada e conscientemente criado, assim como um profissional de publicidade pode criar um signo ou símbolo para servir aos seus objetivos. O símbolo da ONU é deste gênero.

Os símbolos podem resultar de experiências espirituais ou psíquicas, de um indivíduo ou um grupo. Podem ser transmitidos telepaticamente, seja consciente, seja inconscientemente. O símbolo é, primeiro, parte de uma experiência, e depois é usado para expressar a experiência ou um conceito a ela associado.

Símbolos podem ser herdados de épocas anteriores, e isto não é necessariamente, de modo consciente e deliberado, uma questão de tradição. Um símbolo pode, pelo menos em parte, ser baseado em culturas ou experiências pessoais anteriores. Um indivíduo pode se lembrar de experiências de encarnações anteriores e, assim, levar símbolos de uma encarnação para outra. Símbolos podem ser transmitidos de uma geração para outra, na consciência coletiva.

Os símbolos também migram, e assim são transmitidos a longas distâncias e por longos períodos de tempo. A maneira mais evidente em que os símbolos migram é através de comércio e intercâmbio turístico entre países e povos. Com frequência, os símbolos que migram são símbolos arquétipos, como a árvore cósmica e a antiga cruz suástica.

Os povos migram e levam sua cultura e seus símbolos. Às vezes, essas migrações ocorrem pacificamente, e dá-se uma assimilação recíproca de símbolos. Quando um povo conquista um outro, às vezes há pouca modificação nos símbolos culturais. Em outros casos, o conquistador impõe sua cultura, e conseqüentemente seus símbolos, ao povo conquistado. O inverso também pode ocorrer; o povo conquistado acaba absorvendo o conquistador, de modo que os símbolos culturais deste último se fundem nos símbolos do primeiro.

Símbolos migratórios ou assimilados muitas vezes mudam de forma ou significado quando são adotados por um novo grupo. No Egito, a árvore pode ser um sicômoro; na Caldéia, uma tamareira; e, na Índia, uma figueira. O mesmo símbolo poderia ser uma parreira, um arbusto, ou mesmo uma flor. Por vezes pode se tornar um pilar. A árvore sagrada com frequência tem um guardião, como uma serpente, ou dois animais sagrados míticos, ou dois deuses ou seres semidivinos. A árvore entre dois animais é originária da Caldéia; migrou para a Fenícia e a Ásia Ocidental e, daí, para a Índia. Passou para a Europa, na antigüidade. Da Ásia Ocidental, migrou para o Extremo Oriente.

Símbolos assimilados são adaptados à mitologia e à cultura do grupo que os adota, especialmente quando os grupos são racial e culturalmente semelhantes. Mas podem ser adotados e adaptados a mitos já existentes, sem mudança no conteúdo ou no significado.

A árvore sagrada ou cósmica é um símbolo comum deste gênero, e é um símbolo arquétipo; não tem uma fonte única. Analogamente, a cruz é encontrada na maior parte do globo; embora possa ter migrado em alguns casos, não se pode dizer que tem uma origem única.

Para se verificar se um símbolo é assimilado ou não, certos critérios devem ser usados.

1. Talvez seja possível constatar sua migração através da literatura, da arte, ou de artefatos ainda existentes.
2. Pode haver uma fonte lingüística comum nos nomes dados aos símbolos.
3. O conteúdo pode ser semelhante, como em mitos, lendas etc.
4. O significado dado ao símbolo pode ser semelhança suficiente para tornar a ligação razoavelmente segura.

Se estas coisas não se verificam, então o símbolo talvez não seja assimilado, mas, tenha uma outra fonte, como as que foram sugeridas anteriormente nestes capítulos. O conteúdo e o significado, por si sós, nem sempre são suficientes para julgar esta questão, já que podem fazer parte de um arquétipo.

Há muitos exemplos de símbolos migratórios. A expansão de religiões, de uma parte do mundo para outras, também difunde seus símbolos. Isto é verdadeiro quanto à maioria das religiões, o budismo, o islamismo, o cristianismo, e outras. O símbolo da Rosa-Cruz foi difundido com o crescimento da Ordem Rosacruz.

Os símbolos também desaparecem, com o desaparecimento de uma nação ou religião. Este é o caso dos símbolos do mitraísmo e do gnosticismo, que,

se ainda são conhecidos, são compreendidos por um pequeno número de pessoas. No entanto, tais símbolos podem ser a fonte de posteriores símbolos culturais.

Tanto símbolos culturais como pessoais nascem da função natural da criação espontânea. Trata-se da associação de elementos semelhantes em forma e significado. Metáforas e gíria com freqüência caem nesta categoria. A associação de pureza à cor branca, e de ódio à cor vermelha, são exemplos disto. Quando os místicos falam da Noite Negra da Alma, estão usando a palavra Negra metaforicamente e associando a natureza da obscuridade à experiência em jogo.

O conhecimento intuitivo de um indivíduo ou um grupo é transmitido em forma simbólica. Isto é necessário a que ele seja compreendido objetivamente. Quer se trate de um problema de pesquisa ou da experiência de união mística, o discernimento intuitivo formula isto objetivamente, em imagens ou na linguagem verbal. O renascimento espiritual é expresso como uma serpente abandonando sua pele, a metamorfose de uma borboleta, ou a lendária fênix, renascendo de suas próprias cinzas.

Experimentos de percepção extra-sensorial feitos pelo Dr. J. B. Rhine mostraram que desenhos geométricos podem ser transmitidos de uma pessoa para outra, telepaticamente. Idéias e emoções também podem ser recebidas. Parece possível, portanto, que a transmissão de símbolos possa realizar-se de pessoa para pessoa, ou de grupo para grupo, pelo mesmo meio.

Se aceitamos a idéia da reencarnação, signos ou figuras particularmente importantes para o indivíduo podem ser levados, na memória, de uma encarnação para outra. Essas figuras podem ser a Rosa-Cruz e outras, que tenham nascido de experiências impressionantes, ou mesmo figuras de sonhos do passado, que tenham também significado atualmente. Isto pode ser igualmente verdadeiro quanto

a símbolos arquétipos ou cósmicos como a montanha e a flor, que são encontrados em muitas épocas e regiões, bem como em religião, mitologia, literatura, e artes em geral.

Símbolos arquétipos têm sido considerados um produto ou uma função do inconsciente coletivo, mas esse inconsciente coletivo não foi definido misticamente. Os Rosacruzes acreditam que há uma harmonização entre as muitas mentes. Isto sem dúvida esclarece parcialmente o aparecimento dos mesmos símbolos arquétipos em muitas partes do mundo e em muitos períodos da história. Eles resultam da harmonização natural, e muitas vezes não reconhecida, entre as mentes humanas. Surgem também porque os seres humanos se comportam ou funcionam de modo semelhante; são um resultado natural do pensamento e do sentimento do homem.

O papel que a reencarnação desempenha nos símbolos arquétipos tem sido altamente ignorado. Se um indivíduo pode se lembrar de encarnações passadas, pode também se lembrar de algumas das coisas que foram mais importantes ou que mais o impressionaram. Isto incluiria símbolos, mas estes não seriam necessária e perfeitamente como antes. Tanto a forma como o significado seriam afetados e alterados por suas atitudes, crenças e emoções do presente.

O simbolismo do fogo e da água, por exemplo, em sonhos ou em expressões artísticas, pode ser derivado da velha crença nos quatro elementos (fogo, água, ar e terra). Pode provir de crenças e símbolos religiosos. Mas há de ser colorido pela natureza do indivíduo atual. Além disso, esses símbolos são tão gerais ou comuns que a pessoa pode não se aperceber de sua origem em memórias de encarnações passadas. Por outro lado, pode atribuí-los indevidamente ao passado.

Os símbolos usados por muitas culturas podem, portanto, ser derivados de uma memória coletiva, inconsciente, por harmonização com outros povos de várias épocas e regiões, ou por lembrança de encarnações passadas.

Principalmente os símbolos arquétipos, cósmicos, que são naturais para a mente humana, é que serão os mais impressionantes e mais facilmente lembrados. A cruz aparece em muitas culturas simplesmente porque as pessoas pensam praticamente do mesmo modo, e porque a forma e o significado são levados adiante na memória. Naturalmente, isto se aplica a muitos dos símbolos estudados nestes capítulos.

No próximo Capítulo, examinaremos diferentes modos de simbolização, como o científico, o artístico, etc. Como exercício, considere o seguinte exemplo de diferentes maneiras de considerar a rosa. Depois, escolha outros exemplos e os analise por si mesmo.

Diferentes indivíduos (ou o mesmo indivíduo em momentos diferentes) podem considerar um objeto, tema, ou conceito, de vários pontos de vista. Sal significa uma coisa para o químico, outra para a dona-de-casa, e outra para o alquimista. Cadeira pode significar a poltrona da sala de estar, a cátedra de uma universidade, o banquinho alto especial para criancinhas, ou a cadeira elétrica. Lar pode ser uma casa, um apartamento, uma cabana, ou uma tenda. A rosa não é exceção a isto.

O botânico descreve a rosa assim: um arbusto com espinhos, flores grandes, solitárias, em panículas, ou corimbos; suas folhas são plumiliformes, com estípulas adnatas etc.

Emerson, em seu ensaio, *"Autoconfiança"*, diz: *"O homem é tímido e apologetico; não é mais honorável; não ousa dizer "eu penso", "eu sou", mas, está*

sempre citando algum santo ou sábio. Sente-se pequeno ante a folhinha de capim ou a rosa a desabrochar. Estas rosas sob a minha janela não citam rosas anteriores ou melhores; são o que são; existem com Deus, hoje. Para elas não há tempo. Há simplesmente rosa, e isto é perfeito em todos os momentos de sua existência. Antes que a folhinha se abra, toda a sua vida está ativa; na flor plenamente desabrochada, não há mais vida; no caule sem folhas, não há menos. A natureza da planta é satisfeita e satisfaz a natureza, em todos os momentos. Mas o homem protela ou recorda; não vive no presente, mas, com a visão invertida, lamenta o passado, ou, ignorando as riquezas que o cercam, enche-se de ansiedade por prever o futuro. Não poderá ser feliz e forte, enquanto não viver com a natureza no presente, acima do tempo".

E, num dos "Sonetos" de Shakespeare, em tradução livre:

*"Das mais belas criaturas o aumento ansiamos,
Para que da rosa a beleza nunca venha a fenecer,
Mas, quando a rosa madura com o tempo deva morrer,
Que sua memória por tenra herdeira perpetuar possamos..."*

Dante, na "*Divina Comédia*", a partir do trigésimo canto do "*Paraíso*", descreve a rosa amarela celestial. O pintor usa rosas em quadros de natureza morta. Rosas são pintadas em vasos, ou cerâmica em geral.

O cientista, o escritor e o artista, usam a rosa de diferentes maneiras, em diferentes contextos, e com diferentes significados.

SUMÁRIO

Um símbolo pode surgir espontaneamente, porque venha preencher uma necessidade ou em função da atividade criadora natural. Pode ser deliberadamente criado. Símbolos resultam de experiências espirituais ou psíquicas. Podem ser criados de épocas anteriores no simbolismo cultural ou na memória de encarnações passadas. Símbolos migratórios ou assimilados mudam de forma e significado quando são absorvidos por um novo grupo. Há quatro modos principais de verificar se um símbolo migrou ou foi assimilado.

Os símbolos podem ser transmitidos telepaticamente, de pessoa a pessoa, ou de um grupo para outro. A harmonização entre mentes humanas explica alguns símbolos que aparecem em diferentes partes do mundo.

O exercício deste Capítulo demonstra diferentes meios ou modos de simbolizar.

CAPÍTULO VII: MODALIDADE DE TRANSFORMAÇÃO SIMBÓLICA – SÍMBOLOS MÍSTICOS

O homem está constantemente transformando sua consciência e concepção de si mesmo e do mundo em que vive em formas, expressões, e termos que representam estas coisas e a relação entre elas. Isto é emocionalmente satisfatório e produz compreensão. O processo de simbolização foi chamado de transformação simbólica, por Susan Langer.

Quando um homem pinta um quadro, escreve uma história, expressa por escrito um princípio científico ou místico, está transformando simbolicamente sua consciência da experiência. Esses símbolos ou sistemas simbólicos podem ser culturais, pessoais, ou arquétipos; objetivos ou subconscientes. Podem ser símbolos naturais ou artificiais, ou combinações destes tipos. E cumprem qualquer das finalidades estudadas no Capítulo Terceiro.

Há várias modalidades de transformação simbólica; isto é, há diversos meios ou métodos de simbolização. Em todas as modalidades, o processo básico de simbolização é o mesmo, porém, o que é simbolizado e a forma em que isto é representado variam. Algumas dessas modalidades serão concisamente definidas e suas diferenças e semelhanças serão consideradas.

A mitologia e a religião representam, explicam e controlam a natureza subjetiva, subconsciente e psíquica do homem, e sua relação para com o cosmos e o Ser Divino, para fim de controle da vida neste mundo e no outro. Esse controle geralmente envolve a mediação de seres divinos ou semidivinos, ou um Deus.

A magia representa, explica e controla o mundo objetivo, material, por meio de supostos conhecimentos e práticas ocultos, destinados a controlar os

chamados espíritos, seres invisíveis, ou forças ocultas, e, através destes, controlar o mundo objetivo e o homem.

A arte representa, expressa e explica a relação do homem para com ele próprio, o Cósmico e Deus, por meio de imagens visuais, auditivas, e outras imagens e formas. E também, consciente ou inconscientemente, dirige a natureza psicológica e psíquica do homem e, portanto, sua relação para com o mundo ao seu redor.

A ciência representa, explica e controla o cosmos objetivo, material, e o homem, por meios experimentais e lógicos. Isto é feito em parte para controlar fenômenos objetivos, em parte para prever fenômenos futuros.

A filosofia representa e explica, por uma descrição raciocinada ou lógica, a natureza do homem, do Cósmico e do Ser Divino, e a relação entre estes.

O misticismo, como uma categoria especial de filosofia, representa, explica e dirige, tanto fenômenos e forças materiais como fenômenos psíquicos ou divinos, para finalidades místicas, ou seja, para união mística, harmonização, harmonia, e para os resultados ou efeitos que essa harmonização exerce sobre o indivíduo e o mundo.

Cada uma destas modalidades é simbólica, porque representa alguma coisa, seja para o fim de ordenar a experiência, seja apenas por prazer. Nem a mitologia nem a ciência são o próprio mundo ou o próprio homem; cada qual é uma representação de alguma outra coisa e se destina a representar, simular e explicar a experiência do mundo, a percepção e concepção que o homem tem do mesmo.

Cada modalidade é um resultado do processo de transformação simbólica, que é uma função natural e essencial da mente humana. A simbolização é levada a efeito em alguma forma, quer o homem se aperceba disto ou não, e quer

ele o controle ou dirija, ou não. A modalidade ou expressão varia conforme a natureza do indivíduo ou do grupo.

Cada modalidade vem satisfazer a necessidade que tem o homem, primeiro, de uma explicação ou representação da origem ou das razões de sua própria existência e da existência do mundo. A arte, que talvez não faça isto diretamente, implica o que pode ser chamado de origem ou razão criativista. Em segundo lugar, cada modalidade vem satisfazer a necessidade humana de ordem ou de uma representação ordenada do cosmos, do Ser Divino, e das relações entre estes.

Todas as modalidades, exceto a ciência, podem também representar e explicar a ordem no reino divino, bem como a relação entre o reino divino, o reino mundano e o ser humano, e a origem ou as razões do reino divino.

Deve-se notar que todas as modalidades de simbolização tentam realizar pelo menos três dos seguintes objetivos, ou os quatro:

1. representar;
2. explicar;
3. controlar ou dirigir;
4. prever.

Aquelas que não preveem diretamente o futuro, implícita ou explicitamente projetam suas representações para o futuro; assim, considera-se que representam o futuro, bem como o passado e o presente.

As diferenças entre as modalidades estão no que elas representam e explicam, e em como o fazem. A mitologia se ocupa precipuamente da

correspondência ou relação entre os reinos divino, mundano e humano. A magia trata de supostas forças ocultas e de seu uso pelo homem. A arte é uma representação subjetiva e subconsciente da experiência do homem. A ciência explica o mundo objetivo e empírico, e a experiência humana. A filosofia se ocupa de uma representação racional de todos os níveis de existência e manifestação, assim como o misticismo.

Todas as modalidades podem fazer uso de expressões verbais (orais ou escritas) e de expressões gráficas, como meios de representação simbólica. Arte, neste contexto, abrange pintura, escultura, literatura, dança, ou qualquer outra expressão do gênero.

A mitologia traduz uma representação imaginária do Cósmico, do universo e do homem, para uma história ou um conjunto de histórias, a fim de explicar a origem e a natureza dos três reinos. Este sistema mitológico corresponde à concepção humana da atualidade e é projetado para essa atualidade. Portanto, ele não é apenas uma representação da atualidade; ele é atualidade. Mas é também uma transformação simbólica e funciona como qualquer outro símbolo.

Imaginária, neste caso, não significa falsa, e sim uma construção ou reconstrução mental, baseada fundamentalmente no mundo interior do homem e na sua percepção do reino psíquico e subconsciente. A representação é predominantemente interior, subjetiva e subconsciente, ao invés de objetiva e perceptiva.

A mitologia usa seres e forças simbólicos, quer estes existam em si mesmos ou apenas na mente humana. Esses seres e forças representam o Ser Divino, bem como a origem, a natureza e a história do homem e do Cósmico, de tal modo que esses símbolos (e narrativas) podem ser imitados e reproduzidos pelo

homem, em ritos e cerimônias. A mitologia e a religião constituem uma projeção simbólica do próprio microcosmo do homem, para o macrocosmo. O homem, então, reassume a projeção, como acontece com todos os símbolos.

Símbolos míticos e religiosos são usados principalmente para compreensão e controle do subconsciente, da realidade psíquica, ou do Ser Cósmico e Divino, com vistas ao controle do comportamento do homem no mundo objetivo. Mesmo quando os símbolos são usados para controlar o físico, como na prática da cura, eles o fazem através do campo mental. Símbolos míticos têm origem no campo subconsciente e psíquico; podem controlar e também constituir um meio de compreender o mundo exterior, o reino mundano, através do campo interior. A montanha, na literatura sagrada, é um símbolo mítico-religioso, porque é usada para compreensão e controle do reino subconsciente e psíquico, no sistema homem-campo. Através do campo psíquico ou cósmico, este símbolo dirige o campo exterior, mundano.

Mitos refletem o indivíduo interior, tanto para ele próprio como para os outros. Sem que o indivíduo o perceba, os mitos permitem que ele veja a si mesmo, tome consciência de sua própria visão do não-Eu, e ponha ordem em ambos. Mas isto também torna cada indivíduo, como parte da criação que o mito representa, uma parte integrante do grupo e, como tal, compreensível para os outros.

Símbolos científicos e mágicos são usados para compreensão e controle do mundo objetivo e do homem. A ciência os emprega através de métodos experimentais; a magia, por meios ocultos. Ritos mágicos, que requerem imagens ou objetos simbólicos e concretos, como círculos mágicos, varinhas de condão, etc., ainda são usados para compreensão e controle do mundo objetivo por supostos métodos ocultos. Isto é verdadeiro apesar de eles pretenderem controlar espíritos,

porque o controle de espíritos tem a finalidade de controlar o mundo exterior e seus eventos. Pode-se dizer que símbolos científicos e mágicos estão relacionados com o mundo exterior, ao passo que símbolos míticos, religiosos e artísticos, estão relacionados com o campo subconsciente e psíquico.

A ciência traduz percepções de manifestações objetivas para uma explicação do mundo real, mas isto é na verdade uma tradução de estímulos recebidos para conceitos, leis, hipóteses, etc., a qual constitui um sistema simbólico. Esta reconstrução é uma representação simbólica a que são ligadas idéias, emoções e atitudes quanto ao mundo e ao homem, que são símbolos e funcionam como tais.

A ciência usa um sistema de signos, lingüísticos e outros, para representar uma reconstrução simbólica, conceptual, do cosmos e do homem, ou de partes dos mesmos. Trata-se de uma descrição ou explicação experimental, que é usada como abstração simbólica.

A filosofia mística explica a natureza, a função e os métodos para se alcançar união mística, esclarecendo seus princípios e a própria experiência da união ou consciência Cósmica. Símbolos místicos são usados para compreensão e direção de forças e fenômenos materiais e psíquicos, com objetivos místicos, ou seja, para harmonização, comunhão e união. Um símbolo místico representa a união mística, ou o desenvolvimento místico necessário para se alcançar essa união. A Rosa-Cruz pode ser usada deste modo. Os símbolos de Khunrath ou Fludd, que mais tarde estudaremos, pertencem a esta categoria. Símbolos indianos, como os mantras, são místicos, assim como a montanha e outros.

Os símbolos místicos não dizem respeito tão-somente à união com Deus ou o Cósmico, mas, também à união com a natureza ou o cosmos, e à união da

própria natureza dual do homem. A evolução, a experiência da união, e os símbolos, têm portanto três facetas:

1. a união Divina ou Cósmica
2. união ou harmonização com a natureza ou o cosmos
3. harmonium ou união da dualidade do homem.

É objetivo da filosofia mística esclarecer a natureza do misticismo, sua função, e os métodos para se alcançar a união.

O mito e a religião, deve-se notar, não incluem necessariamente a união mística em qualquer das facetas acima. Se algum tipo de experiência mística faz parte da mitologia ou da religião, essa experiência só pode ser alcançada através de um intermediário, um ser divino ou semidivino. Isto não constitui crença na união direta do homem com o Cósmico.

O pensamento materialista, negando a natureza e a função dos símbolos, perigosamente limita a atividade das fases subconsciente e psíquica da mente. Além disso, a repressão dessa função simbolizadora torna-a inconsciente; ela passa então a se manifestar nessa fase inconsciente. E o indivíduo passa então a usar a realidade, ou suas relações para com pessoas e o mundo, para projetar esses conteúdos inconscientes para o próprio mundo e as pessoas. Os símbolos ou conjuntos de símbolos são então integrados ao mundo exterior ao indivíduo, que ignora isto e não pode dirigir e usar os símbolos em seu próprio benefício e para o bem dos outros.

O indivíduo que é subjetivo ao ponto de perder contato com o mundo objetivo faz exatamente a mesma coisa. Também ele confunde inconscientemente o

seu mundo interior com o mundo objetivo. Também ele projeta suas atitudes e emoções inconscientes, sem saber que está fazendo isto.

A natureza simbólica da arte será estudada num capítulo posterior. Mas pode ser útil agora compararmos a natureza simbólica da arte e da ciência. Ambas são usos ou expressões da função simbolizadora da mente do homem, do processo de transformação simbólica.

A arte não usa signos como tais; pode usar símbolos, e usa imagens perceptivas ou elementos da experiência para produzir uma pintura, uma escultura, um poema, uma história, etc. É uma re-criação simbólica, seja figurativa ou abstrata, quer se realize em palavras, imagens visuais, ou em som. A arte pode degenerar de um símbolo vivo para um símbolo morto ou signo, mas não é por natureza um signo e, usualmente, não usa signos.

A ciência, por outro lado, usa signos para construir seu mundo simbólico, conceptual. Esses signos podem ser lingüísticos, matemáticos, ou de outros tipos. Incluem modelos, como os modelos das moléculas ou do universo.

A arte é principalmente um produto das funções subscientes e psíquicas, embora represente percepções do mundo e a experiência do indivíduo, derive destas coisas e as reconstrua. Implica a reconstrução das reações do artista. A ciência é por natureza objetiva e se destina a usar métodos experimentais. O que ela reconstrói é uma representação do mundo objetivo, ou a concepção de um indivíduo ou um grupo de indivíduos quanto ao mundo objetivo. As fases subsciente e psíquica podem ser usadas no método científico, como em arte. Em ambos o significado é projetado para a forma do símbolo ou o sistema de símbolos. Em ciência, predomina o objetivo, ao passo que na arte predomina o subsciente.

Como a ciência é objetiva e experimental, aparentemente não faz apreciação de valores. No entanto, as atitudes e emoções do cientista não podem deixar de influenciar o que ele está fazendo, e devem ser consideradas partes integrantes do método e dos resultados. O artista, por outro lado, avalia sua consciência e experiência ao produzir a obra. Avalia também a si mesmo, ainda que não se aperceba disto.

A reconstrução ou re-criação do artista avalia e modifica. A reconstrução do cientista, ao que se costuma pensar, não avalia nem modifica, mas na realidade ela o faz. O cientista não pode excluir suas funções subjetivas e subconscientes. As percepções do homem não são iguais ao mundo; a imagem ou percepção mental não é a atualidade (a verdade das coisas em si mesmas). Ao produzirem algum tipo de transformação simbólica, as atitudes subjetivas e subconscientes afetam o mundo. Analogamente, o artista não pode excluir o objetivo e experimental, mesmo em sua obra mais abstrata.

Muitas obras científicas e artísticas excluem o elemento psíquico do homem e do mundo, por falharem em reconhecê-lo ou porque o negam. Isto impede a compreensão perfeita do homem e do cosmos, bem como do próprio desenvolvimento do ser humano.

SUMÁRIO

Este Capítulo define as seguintes modalidades de transformação simbólica:

1. Mitologia e religião
2. Magia
3. Arte
4. Ciência
5. Filosofia
6. Misticismo

Cada modalidade cumpre três das seguintes funções, ou as quatro:

1. representa
2. explica
3. controla ou dirige
4. prediz

A ciência usa um sistema de signos, lingüísticos e outros, para representar uma reconstrução simbólica, conceptual, do cosmos e do homem. Consiste numa descrição ou explicação experimental, que é usada como abstração simbólica.

A filosofia mística explica a natureza e a função da união mística, bem como os métodos para alcançá-la, esclarecendo seus princípios e a própria

experiência de união ou consciência Cósmica. Símbolos místicos são usados para compreensão e direção de forças e fenômenos materiais e psíquicos, para fins místicos. Apresentam eles três facetas ou aspectos:

1. união Cósmica
2. união com a natureza
3. harmonium ou união da dualidade do homem.

O pensamento materialista, negando a natureza e a função dos símbolos, perigosamente limita a atividade das fases subconscientes e psíquicas da mente. O indivíduo que é subjetivo ao ponto de perder contato com o mundo objetivo, faz exatamente a mesma coisa.

Neste Capítulo são examinadas as semelhanças e diferenças na natureza simbólica da arte e da ciência.

CAPÍTULO VIII: SIMBOLISMO E A LINGUAGEM VERBAL METÁFORA E ANALOGIA

A linguagem verbal é, fundamentalmente, um sistema de signos e símbolos verbais, usados para comunicação entre pessoas ou para uma pessoa formular ou expressar idéias e emoções para si mesma. É um sistema cultural, criado e usado por um grupo e que se ajusta às idéias e características desse grupo.

Esse sistema cultural, até certo ponto, condiciona o pensamento e o comportamento lingüístico do indivíduo. É um molde, por assim dizer, em que são vertidos os pensamentos da pessoa. A linguagem verbal molda o homem; conforme essa linguagem, assim é o homem, a algum grau. É também verdade que a realidade interior do indivíduo se revela na linguagem; conforme o homem, assim é a sua linguagem. A primeira maneira em que a linguagem é simbólica, então, está em que ela representa o grupo cultural e o indivíduo.

Como sistema simbólico, a linguagem tem forma e significado. Sua forma é o som, que pode ser chamado de conjunto de símbolos sonoros. O significado é aquilo que o som representa (objetos, emoções, conceitos, relações etc.).

É importante compreender, nesta era da palavra impressa, que a linguagem verbal é precipuamente som. Secundariamente é ela impressa ou escrita. Em primeiro lugar, ela é falada por seres humanos, para que estes se comuniquem. É possível que símbolos verbais sonoros e símbolos pictográficos ou escritos tenham surgido separadamente e tenham sido associados com o passar do tempo porque ambos representavam a mesma coisa, e não porque a palavra escrita ou símbolo pictográfico representava a palavra falada.

Por exemplo, a cruz egípcia com alça era chamada de ankh, que significava vida e imortalidade. Provavelmente, o som foi usado a princípio sem associação com o símbolo escrito. Este, em inscrições, foi associado ao som. As vezes, o mesmo símbolo pictográfico representa duas ou mais coisas, ou dois ou mais conceitos. A ankh, com o signo indicativo de ouvido, por exemplo, também significava ouvido. Talvez isto tenha ocorrido porque o mesmo som, ankh, tenha sido usado em dois sentidos diferentes, de modo que o símbolo pictográfico acabou tendo os dois significados.

A linguagem verbal começa com um conjunto coordenado de símbolos que representam alguma coisa, como deve fazer um símbolo verdadeiro. No entanto, por causa de uso constante, esses símbolos tornam-se signos que indicam ou identificam.

Quando percebemos um objeto, por exemplo um livro, temos na mente uma imagem perceptiva que corresponde ao objeto mas não é o próprio objeto. Falamos do livro, e a palavra livro é um signo lingüístico que indica esse objeto. Podemos usar a palavra livro como símbolo de conhecimento, ao falarmos do Livro da Vida ou do Livro da Natureza, referindo-nos com isto a um acervo de conhecimento sobre a vida ou a natureza. Isto é uma metáfora, um símbolo verdadeiro usado para representar uma coisa diferente do próprio objeto. Neste caso, usamos livro para identificar um objeto e para representar um conceito relacionado com esse

Metáfora é uma palavra ou expressão usada para denotar, não o seu significado literal, e sim uma idéia, emoção etc., relacionada com ela por correspondência, associação, ou sugestão. A metáfora é o meio mais importante para se ampliar o escopo e a expressividade da linguagem verbal. Quando dizemos,

"*ele perdeu a cabeça*", não queremos dizer que perdeu no sentido em que se perde um lápis ou um livro. A expressão é figurada e não literal. Analogamente, temos: "*a perna da mesa*", "*o navio cortando as águas do mar*", "*a máquina publicitária ou eleitoral*" etc.

Quando dizemos que uma percepção está na mente, não queremos dizer que ela está dentro da mente assim como água dentro de um copo. A mente não é um fenômeno espacial; portanto, quando usamos essa expressão, estamos usando uma metáfora. Trata-se de um símbolo verbal, usado para representar um conceito ou uma relação.

Quando o cosmos é assemelhado a um organismo ou mecanismo, isto também é uma metáfora. Um galho de árvore cresce a partir do tronco. Metaforicamente, isto significa qualquer divisão que se estenda como um ramo (os galhos ou a galhada de veados, ou uma parte de um grupo complexo como um ramo ou uma filial de uma empresa comercial). Metaforicamente, temos "*cabeça-de-praia*", "*varredura de radar ou sonar*", "*lavagem cerebral*", "*bloqueio psicológico*" etc.

Alguns dos exemplos de metáfora dados acima, devido a uso constante, degeneraram para signos. A perna da mesa e a máquina eleitoral são expressões tão freqüentes que as palavras são empregadas automaticamente para indicar ou identificar aquilo a que se referem. Já não são mais símbolos verdadeiros, e sim, signos.

Uma analogia é uma metáfora ampliada. Se apenas dizemos que uma cidade é um organismo, estamos usando uma metáfora. Mas, se levamos isto mais longe e comparamos as ruas com artérias e as quadras ou os prédios com células ou órgãos, a metáfora passa a ser uma analogia. Esta pode ser expressiva e informativa, porém, pode ser também enganadora, se levada longe demais ou se

entendida literalmente, em lugar de simbolicamente. Uma cidade pode ser como um organismo em muitos aspectos, mas, em outros, é muito diferente. As duas coisas não são iguais, mas, quando tomamos a figura de linguagem literalmente, estamos com efeito afirmando que são iguais.

Nos idiomas em geral, há uma tendência para usar metaforicamente palavras que se referem a fenômenos espaciais ou temporais, estendendo-os a outras categorias. Este recurso usa uma categoria de experiência para fazer referência a uma outra. A palavra *contender*, por exemplo, vem do latim *contendere*, que é derivado de “conjunto”, e *tendere*, “esticar ou estender”. Originalmente, *contendere* significava esticar, no sentido físico; depois, passou a significar lutar ou esforçar-se por, primeiro fisicamente e depois num sentido não-físico. Hoje, *contender* significa empenhar-se em contenda, luta, conflito, ou debate. Os significados não-físicos, metafóricos, são baseados nos físicos.

Uma palavra se refere a alguma coisa: um objeto, um conceito, uma emoção, etc. Aquilo a que ela se refere é chamado de referente. Quer estejamos classificando aquilo de que temos consciência psicologicamente, ou os referentes das palavras, as categorias são basicamente as mesmas. Usamos palavras para indicar, identificar ou representar aquilo que existe em nossa consciência. São as seguintes as principais categorias:

1. O primeiro tipo de referente consiste em objetos ou fenômenos materiais, como casas, animais, martelos, livros, nuvens, etc.
2. Algumas palavras referem-se a sensações orgânicas, como fome, calor e dor.

3. Há duas espécies de referentes psíquicos: Os que fazem parte da atualidade² exterior a nós, como a aura; e os que são impressões e símbolos mentais e, conseqüentemente, não-objetivos. Neste último caso temos, por exemplo, uma cruz vista com a "visão mental", durante uma meditação. Nenhuma destas espécies de referentes é irreal; a primeira é real e perceptível para todos os que são capazes de percebê-la e, a segunda, é subjetiva no mesmo sentido em que uma emoção é subjetiva.
4. Isto nos traz à segunda categoria de referentes: emoções e atitudes como de alegria, amor e medo, e as atitudes que um indivíduo nutre por casas, pessoas, etc. Estes referentes são subjetivos; não são objetivos como os da primeira categoria, porém, não são irreais. Fazem parte da personalidade, do Eu.
5. Conceitos como de justiça, beleza e imortalidade, são baseados na experiência, mas são subjetivos e não objetivos. Não fazem parte do mundo ao nosso redor, e sim da nossa reação ao mundo de que temos experiência. Projetamos esses conceitos para o mundo, de modo que eles parecem fazer parte do mesmo, em lugar de fazerem parte de nós mesmos.
6. Ficções e fantasias são referentes para os quais não há atualidade objetiva. Eles existem no âmago da nossa mente. Um escritor pode lhes dar expressão impressa, uma pessoa qualquer pode falar a seu respeito, mas isso também faz parte da constituição interior do indivíduo. Tais referentes estão baseados na experiência da pessoa; são uma transformação simbólica da experiência e da reação à experiência. Neste sentido, fundamentam-se na atualidade, embora não façam parte da mesma. Resultam de fantasia e imaginação, e

² Atualidade, no sentido Rosacruz do termo: a natureza (vibratória) das coisas em si mesmo. Realidade, no sentido usual desta palavra em português.

simbolizam o indivíduo, tanto quanto o mundo em que ele vive. Um romance, um conto de fadas, uma esfinge viva, são ficções ou fantasias.

7. Alucinações são fantasias que não têm atualidade, mas que o indivíduo que as vive considera verdadeiras. Uma pessoa que tem ilusões de perseguição tem alucinações que considera reais, mesmo que não o sejam.
8. O último tipo principal de referente consiste em percepções, sensações etc., inconscientes. Constantemente vemos, ouvimos e cheiramos coisas que não se registram na nossa consciência. Algo pode ocorrer posteriormente e trazê-las da memória, mas, na ocasião em que esses referentes acontecem, não fazem parte da nossa experiência consciente.

O fato de uma palavra não ter um referente objetivo não a torna necessariamente irreal ou falsa. Um animal simbólico, como uma esfinge ou um grifo, não é de fato um animal; antes, é um símbolo com significado mitológico, religioso, místico, ou psicológico. Palavras que não têm alguma atualidade material como referente não são vazias de significado. Na realidade, têm um referente, mas esse referente é subjetivo ou psíquico, e não objetivo. A questão não é de a palavra ter um referente, e sim de que espécie de referente ela tem. Justiça não é uma palavra sem significado porque não aponta para um objeto e diz: "*isto é justiça*". Nem são destituídas de significado a aura ou a idéia intuitiva a que as palavras se referem.

Metáforas e analogias já foram estudadas neste Capítulo. Alegorias e parábolas são também tipos de simbolização verbal. Usam uma história, um drama etc., para representar um outro evento de algum modo semelhante e, assim, relacionado com o primeiro. Uma alegoria usa uma história ou um drama, por

exemplo, para lançar um princípio ou uma verdade espiritual ou mística. As alegorias mais simples personificam conceitos como de virtude, verdade, e beleza; transformam esses conceitos em personagens e tecem histórias em tomo dos mesmos.

A "*Divina Comédia*", de Dante, é uma alegoria cujo final simboliza a união mística. O manifesto do século dezessete, "*Fama Fraternitatis*", é uma alegoria sob a forma de uma viagem de Christian Rosenkreuz ao Leste simbólico. A "*Nova Atlântida*", de Francis Bacon, é também uma alegoria.

A alegoria tem três níveis de significado, que podem ser classificados como, histórico ou literal, psicológico ou espiritual, e místico. A "*Nova Atlântida*" pode ser entendida literalmente. Pode ser também compreendida como referência à consecução de conhecimento no sentido psicológico. E, misticamente, trata da irmandade ou fraternidade mística e da consecução do conhecimento de princípios místicos.

Uma parábola é uma história simples que se conta para ilustrar uma verdade moral ou mística. É semelhante à alegoria e à fábula e se relaciona com ambas. A parábola do semeador, que apresentamos a seguir, é um exemplo desta maneira de simbolizar, mas há parábolas em outras literaturas, como nos Upanishads.

Um poema é um meio de expressar, e portanto simbolizar, as emoções e idéias do autor. Outras expressões literárias, bem como artísticas, mitológicas, etc., são também simbólicas. São criadas para o fim de representar alguma coisa. Algumas dessas expressões serão estudadas num capítulo posterior.

A Parábola do Semeador (Marcos, 4:2 - 23)

"Assim lhes ensinava muitas coisas por parábolas, no decorrer do Seu doutrinação. Ouvi: Eis que saiu o semeador a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. Outra caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol a queimou; e porque não tinha raiz, secou-se. Outra parte caiu entre os espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto. Outras, enfim, caíram em boa terra, e deram fruto que vingou e cresceu, produzindo a trinta, a sessenta e a cem, por um. E acrescentou: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Quando Jesus ficou só, os que estavam junto d'Ele com os doze O interrogaram a respeito das parábolas. Ele lhes respondeu: A vós outros vos é dado o mistério do reino de Deus, mas aos de fora tudo se ensina por meio de parábolas, para que vendo, vejam, e não percebam; e ouvindo, ouçam, e não entendam, para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles.

Então lhes perguntou: Não entendeis esta parábola, e como compreendereis todas as parábolas? O semeador semeia a palavra. São estes os da beira do caminho, onde a palavra é semeada; e, ouvindo-a, vem logo Satanás e tira a palavra semeada neles. Semelhantemente são estes os semeados em solo rochoso, os quais, ouvindo a palavra, logo a recebem com alegria. Mas eles não têm raiz em si mesmos,

sendo antes de pouca duração; em lhes chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam. Os outros, os semeados entre os espinhos, são os espinhos, são os que ouvem a palavra, mas os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições, concorrendo, sufocam a palavra, ficando ela infrutífera. Os que foram semeados em boa terra são aqueles que ouvem a palavra e a recebem, frutificando a trinta, a sessenta e a cem, por um.

Também lhes disse: Porventura, a candeia é para ser posta debaixo do alqueire ou da cama? Não é, antes, para ser colocada no velador? Pois nada está oculto, senão para ser manifesto; e nada se faz escondido, senão para ser revelado. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça."

A parábola, sem a explicação, poderia ser interpretada de várias maneiras. O fato de que ela faz parte da Bíblia e é contada por Jesus lhe dá um contexto que limita o significado. Ela poderia receber interpretações estranhas à teologia cristã, mas seu significado intencional é condicionado pela concepção do leitor quanto aos ensinamentos de Jesus. A explicação dada no texto baseia a interpretação na palavra, ou logos, que é um conceito comum na literatura religiosa e que pode ser interpretado misticamente. O significado da parábola, então, é condicionado pelo contexto cultural e pelo indivíduo que a lê.

Misticamente, tudo o que existe é essencialmente um. Quando falamos a respeito disto, ou pensamos verbalmente nisto, classificamos essa unidade em partes distintas. Assim fazemos para compreender e para atuar no campo de que

fazemos parte. Ao mesmo tempo, estamos dividindo algo que é essencialmente indivisível.

Dividimos o homem em corpo e mente; ou em corpo, mente e alma. Dividimos o cosmos em universos, sóis, estrelas, planetas, satélites. E em moléculas, átomos, elétrons etc. Classificamos plantas, pessoas, o conhecimento, e a atividade psicológica do homem. A tal ponto fazemos isto que esquecemos de reunir novamente as partes; esquecemos que não se trata de um conjunto de partes, e sim de um todo.

Para contrabalançar este efeito da linguagem verbal, é útil compreender o que acontece e como, ou seja, estar consciente disto. A deliberada inversão do processo ajuda neste particular. Para isto, devemos pensar nas palavras com que classificamos os seres humanos e suas funções. Evidentemente, o braço é apenas uma parte do homem. Assim também, uma emoção dominante num dado momento não é tão-somente uma faceta de uma natureza emocional; é apenas parte das funções psicológicas e uma pequena parte do todo humano. Já explicamos o sistema homem-campo e o fato de que o desenvolvimento místico é uma questão de expansão do campo de consciência. As palavras, e a meditação sobre elas desta maneira, podem ajudar esse desenvolvimento.

Palavras e outros símbolos expressam o que temos em mente. De um ponto de vista, uma palavra, ou um símbolo, está relacionado com o homem e o referente (aquilo que a palavra representa). O homem, o referente e o símbolo, formam uma tríade:

Palavra ou símbolo



Homem

Referente

A relação entre o homem e o objeto é direta. As vibrações do objeto visto, por exemplo, são percebidas e traduzidas para uma imagem na mente. A relação entre o homem e a palavra ou o símbolo é também direta. O homem usa a palavra para representar ou identificar o objeto ou referente. Ele vê uma bola e usa a palavra bola para identificá-la. Estas duas relações são representadas pelas duas linhas entre os pontos, homem e símbolo, e homem e referente.

O símbolo e o referente, porém, estão associados apenas indiretamente, através da mente do homem. Não há ligação direta entre eles. Isto é representado pela linha interrompida que liga os dois pontos, o símbolo e o referente.

As palavras resultam da nossa experiência e a expressam; resultam da nossa conscientização do sistema homem-campo. Aquilo de que tomamos consciência, projetamos para o mundo exterior ao Eu. Se mudamos as palavras, podemos com isto mudar nossa consciência do mundo. Isto não pode ser feito por meio de afirmações automáticas; tem de ser feito com o conhecimento do que somos ou temos e do que desejamos mudar nisto.

A primeira regra para o uso de palavras ou expressões verbais para fins de desenvolvimento pessoal é: Compreendermos o que é que desejamos mudar. Não basta simplesmente decidirmos ser sadios, felizes etc. Devemos compreender, ao máximo da nossa capacidade, o que sentimos, as condições existentes.

A segunda regra é: Compreendermos em que desejamos transformar aquilo que queremos mudar; compreendermos o que desejamos que isso (ou nós mesmos) se torne.

Depois devemos formular uma frase para expressar isto o mais concisamente possível, mas com clareza. Se estamos com medo ou com raiva, devemos verificar o que é que tememos ou de que é que temos raiva; depois verificar que mudança desejamos fazer. Devemos expressar isso em palavras e usar essa expressão para sugerir a nós mesmos o que desejamos sentir ou ser. Este processo pode ser realizado mentalmente, ou parte dele pode ser escrita, se isto ajuda a esclarecer o problema; mas aquilo que desejamos deve ser falado.

As três pontas do triângulo formam uma unidade. Cada uma afeta as outras, assim como cada qual expressa as outras e a si mesma. Estamos simplesmente usando uma delas, a da palavra ou do símbolo, para afetar o homem. Afetando o homem, também fica afetado o campo, ou o referente.

Recomendamos também que o leitor medite sobre conceitos como verdade, aspiração, justiça, sabedoria. Em primeiro lugar, que significam as palavras para si mesmo? Em segundo lugar, que simboliza cada um desses conceitos para si mesmo?

SUMÁRIO

A linguagem verbal é um sistema cultural de signos e símbolos verbais usados para comunicação entre os seres humanos ou para um indivíduo formular e expressar idéias e emoções para si mesmo. Ajusta-se às características do grupo e

condiciona o pensamento e o comportamento lingüístico do indivíduo. Consiste primariamente em som e, secundariamente, em signos escritos.

Metáfora é uma palavra ou expressão usada para denotar, não o seu significado literal, e sim uma idéia, emoção, etc., com ela relacionada. É o meio mais importante para ampliação do escopo e da expressividade da linguagem verbal. Analogia é uma metáfora ampliada.

Aquilo a que a palavra se refere é o referente, de que existem os seguintes tipos:

1. objetos ou fenômenos materiais
2. sensações
3. referentes psíquicos
4. emoções e atitudes
5. conceitos
6. ficções e fantasias
7. alucinações
8. percepções, sensações etc., inconscientes.

Alguns tipos de simbolização verbal são: metáforas, analogias, alegorias, e parábolas.

Misticamente, tudo o que existe é um. Quando falamos, escrevemos, ou pensamos sobre isso verbalmente, classificamos essa unidade em partes distintas. Para contrabalançarmos este efeito da linguagem verbal, é útil tomarmos consciência disto e deliberadamente invertermos o processo. Para isto, devemos meditar sobre as palavras com que classificamos os seres humanos e suas funções.

A palavra ou o símbolo, o homem, e o referente, formam uma tríade cujos componentes estão inter-relacionados. Cada componente afeta os demais. Há duas regras a observar no uso de expressões verbais para o autodesenvolvimento:

1. Compreendermos o que é que desejamos mudar.
2. Compreendermos em que desejamos ver transformado isso que desejamos mudar.

Isto deve ser expresso em palavras faladas.

É também recomendado, neste Capítulo, que o leitor medite sobre conceitos como verdade, aspiração etc.

CAPÍTULO IX: O JARDIM SIMBÓLICO

O jardim é um símbolo que se encontra em várias formas em quase todas as nações e épocas, em mitologia e religião, literatura e arte. Trata-se de um símbolo arquétipo que, a despeito das diferenças de forma e significado, tem certos elementos comuns.

Alguns fatores básicos associam a forma e o significado.

1. A forma do jardim é usualmente geométrica, e isto é simbólico. Ele pode ser circular, representando totalidade, o cosmos e a vida, sem começo nem fim. Pode ser quadrado ou retangular, simbolizando estabilidade e as quatro direções. A forma regular representa ordem, em contraste com caos.
2. O jardim é fechado; além de ter certa forma, essa forma é definida por um divisor (cercado, muro, etc.) que a separa do mundo exterior. Por outro lado, o jardim é ordem, ao passo que o exterior é terra selvagem ou caos. O jardim e a terra selvagem também representam dualidade, o reino mundano e o cósmico, ou o material e o psíquico, o consciente e o inconsciente.
3. Cultivo é uma outra característica do jardim. Simboliza desenvolvimento e transmutação espiritual, o crescimento dirigido, do indivíduo ou do grupo. Às vezes representa ensinamentos secretos, ou o local onde tais ensinamentos podem ser encontrados.
4. O jardim é uma unidade, e simboliza o Eu unificado, ao passo que o mundo exterior representa o não-Eu e a multiplicidade.
5. O jardim é muitas vezes encarado como o centro do mundo. Como o Shekinah, representa a presença do Ser Cósmico ou Divino no mundo. A

árvore ou a roseira, no centro do jardim, simboliza o eixo do mundo, o centro cósmico em torno do qual tudo gira. Como o templo, o jardim é o local sagrado.

6. O jardim simboliza o ideal, o celestial; o paraíso, ou o outro mundo, pode ser como um jardim, ou ter as características de um jardim cósmico ou divino. Não é o reino natural, mundano, representado pela terra selvagem, e sim o ideal, o reino celestial.
7. No jardim, as plantas crescem abundantemente; elas representam fertilidade, porém, fertilidade dirigida pelo jardineiro, que, como o alquimista, que também é considerado um artesão, dirige as forças da natureza.
8. As plantas nascem de sementes, crescem e morrem; assim, o jardim representa nascimento e renascimento. Esses ciclos naturais correspondem a outros ciclos e os simbolizam; por exemplo, o desenvolvimento místico e a reencarnação.
9. O jardim é um microcosmo, um pequeno mundo, que corresponde ao macrocosmo, o mundo maior, cósmico. Refere-se ao homem, o microcosmo, e suas partes representam as do homem. O muro do jardim representa o corpo, o seu centro simboliza a alma. As plantas são os atributos ou as características do homem. O microcosmo e o macrocosmo são correspondentes, de modo que o jardim também simboliza o mundo maior e seus atributos.
10. Quando se trata de um jardim paradisíaco, ele representa o reino superior e o inferior, o celestial e o terreno, unificados num só reino.

Vários símbolos são comumente associados ao jardim. Qualquer jardim, naturalmente, tem de ter plantas. Estas incluem a árvore cósmica e a flor, que serão estudadas em outros capítulos. Às vezes a montanha é situada no jardim sagrado. Além de plantas, o jardim pode ter animais, reais ou imaginários, e estes podem ser guardiães, do próprio jardim ou da árvore que ele contém. O jardim pode abrigar seres divinos ou semidivinos, como guardiães, habitantes, ou supervisores, por assim dizer, dos seres humanos que nele vivam. Pode ter um lago, uma fonte, a fonte das águas sagradas, das águas da vida, a fonte da juventude, da água do batismo e da purificação.

Alguns símbolos, embora não estejam associados ao jardim, têm significado semelhante. A cidade cósmica ou celestial simboliza totalidade, a unidade, e o Eu. O jardim e a cidade, como o cadinho alquímico de transmutação, representam o local onde ocorre a transmutação espiritual do homem. Neste particular, o cadinho e o roseiral alquímico têm significado semelhante.

A forma do jardim simbólico varia. O Tuat ou submundo dos egípcios, é um reino cósmico que tanto apresenta aspectos paradisíacos como infernais. O Jardim das Hespérides, as Ilhas dos Bem-aventurados, e os Campos Elísios, são variações no tema do jardim-paraíso.

Jardins em miniatura simbolizam o microcosmo e o macrocosmo com mais eloquência do que outras formas deste símbolo. Os Jardins de Adônis eram cestas plantadas e cuidadas de modo que as plantas cresciam rapidamente. Deixava-se que as plantas envelhecessem, quando as cestas eram atiradas ao mar com figuras de Adônis, para representar fertilidade e a morte da natureza.

Os egípcios plantavam trigo em imagens de Osíris, ou cevada em potes. As miniaturas de jardins dos chineses representavam uma miniatura do cosmos e

eram usadas para meditação. Os Campos Elísios eram um reino do Oeste, onde viviam os abençoados, como as Ilhas dos Bem-aventurados da mitologia grega. A paradisíaca Ilha de St. Brendan estava situada junto aos portais do paraíso, no Atlântico ocidental. O jardim alquímico era um jardim formal, cultivado pelo alquimista artesão.

O jardim simbólico tanto é natural como artificial. É composto de objetos naturais, mas é artificialmente plantado e cultivado. Na maioria das formas em que existe, é cultural e também arquétipo ou cósmico; isto é, encerra muitos fatores derivados das crenças e atitudes do grupo que o emprega. O Tuat egípcio, os Jardins de Osíris, e os jardins de Shakespeare, têm elementos que não se encontram em outras culturas sob a mesma forma e com o mesmo significado. Os Jardins de Osíris, em miniatura, plantados com cevada, estão associados a um mito egípcio que lhes dá características diferentes do Jardim das Hespérides da mitologia grega. E todos estes são diferentes do jardim de Hamlet ou do jardim do místico persa, Jalalu'd-din Rumi.

O símbolo, conforme aparece na obra de um indivíduo, Apresenta elementos pessoais de forma e significado. Está baseado no simbolismo grupai ou cultural, mas a isto é acrescentado um elemento pessoal.

O jardim simbólico, como quer que seja exposto, é comunicativo; é usado para comunicar conceitos, emoções, etc. Usualmente, é artístico, seja este ou não o seu principal objetivo. A história, o drama, ou o ritual mítico, é uma forma de arte usada para expressão estética. O símbolo pode também fazer parte de um ritual, como no caso dos Jardins de Adônis e Osíris.

Esta análise também se aplica ao Jardim das Hespérides da mitologia grega, que se acreditava estar situado no Monte Atlas, onde a carruagem do Sol

terminava sua jornada diária e onde se encontravam os rebanhos de Atlas. Era um jardim paradisíaco, contendo todas as coisas boas e dadivosas da Terra. Era no Jardim das Hespérides que viviam as três filhas de Atlas e Hesperis, e este jardim era um reino ocidental simbólico.

Uma das façanhas de Hércules consistiu em colher pomos de ouro da árvore existente nesse jardim. E ele o conseguiu, porém, os pomos foram depois devolvidos ao jardim por Atenas, porque eles e o jardim pertenciam a Hera, esposa de Zeus, e haviam sido um presente da Mãe-Terra para ela.

O jardim, neste mito, é associado aos deuses, de modo que é divino ou semidivino. É relacionado com a deusa-mãe, tanto sob a forma de Hera como da deusa Terra. É associado à Terra também porque são as filhas de Atlas que cuidam do jardim e é Atlas quem sustenta o firmamento. O jardim está situado no Monte Atlas e Hércules é ajudado por Atlas para obter os pomos. Estes, como o velocino de ouro, constituem a meta da jornada e, misticamente, essa meta é sabedoria ou consciência Cósmica. O mito grego inclui uma serpente guardiã, ali colocada por Hera quando ela descobriu que as Hespérides estavam retirando alguns pomos.

Este mito associa o jardim à montanha, à árvore sagrada e seus frutos, bem como ao Sol e ao reino ocidental que, em muitas mitologias, é associado ao outro mundo ou paraíso.

Assim como Hércules, o caldeu Gilgamesh obtém frutos de um pomar sagrado. E, como no jardim grego, esse pomar é guardado por elementos femininos. Mas há diferenças. Gilgamesh consegue frutos de cristal, enquanto Hércules obtém pomos de ouro. As aves que guardam o pomar caldeu fazem ninhos de pedras preciosas que são os frutos das árvores. Ambos os mitos são arquétipos, porém, os elementos culturais não são todos iguais.

No livro bíblico de Isaías, os transgressores são comparados a um carvalho cuja folhagem murcha e a um jardim sem água. Jeremias declara que o Senhor redimira Jacó, e que "suas almas serão como um jardim bem regado; e eles não mais se afligirão".

Ezequiel diz: *"Assim diz o Senhor Jeová: No dia em que Eu vos purificar de todas as vossas maldades, então farei com que sejam habitadas as cidades e sejam edificadas os lugares devastados. E a terra assolada se lavrará, em vez de estar assolada aos olhos de todos os que passem. E dirão: Esta terra assolada ficou como o Jardim do Éden; e as cidades solitárias, e assoladas, e destruídas, estão fortalecidas e habitadas"*.

Segundo o Livro de Gênesis, *"formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do oriente; e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. E saía um rio do Éden para regar o jardim"*.

O jardim é freqüentemente usado em Isaías, Jeremias, e Shakespeare, para simbolizar o homem ou o país em que ele vive. As imagens dos textos bíblicos são derivadas de condições locais. A alma aflita é como um jardim sem água. As terras dos que estão purificados de suas maldades são devidamente lavradas, como um jardim paradisíaco. Este símbolo tem elementos culturais, mas é basicamente arquétipo e tem forma e significado comuns ao símbolo cósmico.

O símbolo é arquétipo mas é expresso nos termos culturais dos judeus, além de ser dotado de elementos individuais por aqueles que o empregavam.

Fílon, explicando o significado alegórico do Jardim do Éden, salienta que Moisés o chama de começo, imagem e visão de Deus. Ao plantar esse jardim, Deus semeia a excelência terrena, como uma cópia ou um protótipo da excelência celestial ou arquetipa. O jardim é plantado para o oriente, onde nasce o Sol, porque a razão não se põe; antes, eleva-se como o Sol. O jardim simboliza a virtude que Deus planta na alma. A árvore da vida é colocada no centro do jardim porque representa virtude em seu sentido mais universal.

Moisés não deixa claro, segundo Fílon, se a árvore do conhecimento do bem e do mal está situada dentro ou fora do jardim. Na verdade, essa árvore tanto está dentro como fora do jardim, porque a maldade não está dentro nem fora do homem. A parte mais importante do homem recebeu o cunho de virtude e está situada dentro do jardim. Mas um homem pode estar num local consagrado e sua mente estar ocupada com o mal.

O jardim, então, é comparado a sabedoria, virtude, e ao Eu. O rio que sai do Éden, diz Fílon, representa a bondade que emana da sabedoria. Os quatro rios representam prudência, coragem, autodomínio, e justiça.

Fílon, judeu grego, baseou sua filosofia em ambas as culturas, a grega e a judaica. A alegoria do jardim se refere a virtude, lembrando os profetas judaicos. O Leste, o ponto do nascer do Sol, é associado a razão, a palavra ou o lógos grego.

De acordo com o Alcorão, os autopurificados, os tementes a Deus, os retos, e os crentes, viverão no Jardim do Éden, sob o qual fluem rios. O jardim islâmico é semelhante ao Éden judaico. Mas, neste último caso, o homem teve início no Éden, ao passo que, na versão islâmica, os retos irão para o jardim quando morrerem. O Céu dos cristãos pode ser semelhante ao Éden, mas não se diz que ele é o Éden.

O jardim alquímico tem uma roseira em seu centro. No "*Jardim do Deleite Alquímico*" ("*Chymisches Lustgärten*"), de Stoltzius, publicado em 1624, um emblema mostra um jardim rodeado de árvores. A inscrição diz que o jardim cresce abundantemente e tem muitas plantas bonitas. Nele há muitas formas e espécies de plantas: jacintos, parreiras, trigo, papoulas, rosas vermelhas, maçãs douradas, amoreiras, louro, oliveiras, e açafrão. Provavelmente, estas plantas simbolizam os estágios da transmutação alquímica, mas as flores têm ainda outros significados. O jacinto, o louro e a oliva ou azeitona, por exemplo, são símbolos comuns na mitologia grega. O "*ramo-de-ouro*" lembra a Eneida de Virgílio.

Os desenhos alquímicos de Nicholas Flammel continham, não somente a figura de uma flor numa montanha, mas, também uma roseira no meio de um jardim. Ao pé de um carvalho, via-se uma fonte.

Na *Basílica Chymica*, de Mylius, os três reinos da Criação são o celestial, o paradisíaco e o terrestre. No centro do reino terrestre há um jardim plantado com árvores que simbolizam os sete metais e os três princípios alquímicos, enxofre, mercúrio e sal.

Alquimicamente, o jardim é o local sagrado; o lugar onde ocorre a transmutação. Na alquimia transcendental, essa transmutação é espiritual; a evolução do Eu interior. O jardim, assim, representa o elemento divino no homem e no mundo.

O símbolo do jardim, nas obras de Jacob Boehme, como aliás todos os seus símbolos, combina vários fatores culturais, como religião, alquimia, e a cabala judaica. Mas sua obra não pode ser confundida com a de outrem. O estilo literário, a forma dos símbolos e seu significado, são fortemente pessoais.

No prefácio de "*Aurora*", Boehme compara filosofia, astrologia e teologia, ou o conhecimento global, com uma "bela árvore que cresce num lindo jardim de deleite".

A terra em que a árvore se encontra lhe proporciona a seiva com que ela adquire sua qualidade de ente vivo. A árvore cresce em função da seiva da terra, torna-se grande e espalha amplamente seus ramos. À medida que a terra exerce sua influência sobre a árvore, esta desenvolve seus ramos de modo que possa produzir bons frutos, abundantemente.

O jardim da árvore significa o mundo; o solo representa a natureza; o tronco da árvore, as estrelas. Os ramos representam os elementos; os frutos representam os homens, e a seiva simboliza a divindade pura. Os homens foram feitos da natureza, dos astros e dos elementos; mas Deus reina sobre tudo, assim como a seiva na árvore.

Há duas qualidades na natureza. Uma é agradável e celestial; a outra é selvagem, colérica e infernal. O bom trabalha para produzir bons frutos; o mau faz todo esforço para produzir maus frutos. Ambos estão presentes na árvore da natureza, e os homens são feitos dessa árvore e vivem neste mundo, neste jardim, em grande perigo. O Sol brilha sobre eles; os ventos, a chuva e a neve, caem sobre eles. Assim como a maçã na árvore apodrece e é comida por vermes, quando a geada, o calor e os fungos a atacam, assim também se corrompe o homem quando permite que o demônio reine em seu âmago com o seu veneno. No entanto, o homem pode superar o mal, se eleva seu espírito em Deus.

Ao falar do conteúdo do livro, Boehme leva a alegoria ainda mais longe: "*A este livro dei o nome de Raiz ou Mãe da Filosofia, da Astrologia e da Teologia*".

Explicando a criação dos animais, diz ele que, para compreendê-la, *"Precisas renascer, se desejas ver o reino de Deus. Se queres saber, então abandona o orgulho que tens em tua mente, e entra no paradisíaco jardim de rosas, onde encontrarás uma erva; se a comeres, teus olhos se abrirão, de modo que verás e saberás o que escreveu Moisés"*. O jardim representa os ensinamentos verdadeiros, e a erva significa sabedoria.

Boehme, em seu *Mysterium Magnum*, afirma que Adão era andrógino e, no entanto, virgem. *"Ele tinha em si as características do fogo e da luz, em cuja conjunção o amor especial se impunha como o centro virgem, como o belo jardim paradisíaco de Rosa e Deleite..."*.

Os jardins de Shakespeare, nos exemplos que apresentamos a seguir³, são típicos do inglês elizabetano. Contêm o fator microcosmo-e-macrocosmo comum à época, e as plantas têm significado simbólico geralmente compreendido naquela cultura.

O simbolismo é uma parte essencial da arte de Shakespeare. É uma chave para o significado e a interpretação das peças. O uso do jardim simbólico por Hamlet representa seu próprio entendimento, bem como a situação do Estado. Otelo usa o simbolismo cultural comum para apresentar uma imagem de si mesmo conforme deseja que o povo o veja.

York, na Segunda Parte de Henrique VI, usa símbolos comuns para apresentar uma imagem vivida, eloqüente, de si mesmo. E, em Conto do Inverno, a imagem do jardim combina o régio e o rústico, espelhando a união do rei com os pastores, na filha do rei que vivera entre os pastores. E o trecho de Ricardo II espelha a tribulação do rei e da rainha depostos.

³ Os trechos de Shakespeare serão apresentados em tradução livre para o português, apenas para que o leitor deste Capítulo possa aproveitar as referências simbólicas ao jardim. O leitor interessado em traduções melhores, mais primorosas, certamente poderá encontrá-las nas livrarias e bibliotecas.

Hamlet, Ato I, Cena 2:

*Hamlet: "Quão tediosos, insípidos, melancólicos e
sem proveito*

Me parecem todos os costumes deste mundo.

Que vergonha! Ó que vergonha é um jardim inculto,

Em que medra qualquer semente;

só coisas daninhas e grosseiras

Dele se apossam."

Hamlet, Ato III, Cena 4:

Hamlet:.. ."Confessa-te aos céus;

*Arrepende-te do que passou; evita o que está para
vir;*

E não espalhes sobre as más ervas o adubo,

Para que mais daninhas não se tornem."

Otelo, Ato I, Cena 3:

*Iago: "Virtude? Ora! É por nós mesmos que somos
como somos. Nosso corpo é o nosso jardim, e nossa vontade
é o jardineiro; assim, se plantaremos urtigas ou sementearemos
alface, se cultivaremos hissopo e tomilho, se supriremos o
jardim de um só gênero de plantas ou se o diversificaremos*

com muitos, se o deixaremos ficar estéril por incúria ou o tornaremos fértil com diligência, ora, o poder e a restauradora autoridade para isto repousa em nossa vontade. Se a balança da nossa vida não tivesse um prato de razão para contrabalançar um prato de sensualidade, o sangue e a qualidade inferior da nossa natureza nos levariam às mais absurdas conclusões; mas temos a razão para arrefecer nossos tumultuosos movimentos, nossos pungentes impulsos carnaís, nossos incontrolados apetites, de que considero isso que chamais de amor um seguimento ou rebento." (A palavra "movimento", aqui, significa emoção.)

Henrique VI, Segunda Parte, Ato III, Cena I:

York: "Desoladoras notícias para mim; pois, eu confiava na França,

Tão firmemente quanto na fértil Inglaterra.

Eis, porém, que minhas flores são destruídas nos botões,

E lagartas comem as minhas folhas;

Mas logo hei de remediar esta situação,

Ou venderei meu título por um glorioso túmulo."

Em *Conto do Inverno*, Ato IV, Cena 3, Perdita, a criança perdida, dá flores a Polixenes e compara a região onde vive com os pastores com um jardim rústico.

As flores que ela oferece são simbólicas. Rosemary simboliza fidelidade, lembrança; a arruda representa graça e acreditava-se que tinha propriedades mágicas.

Em seu jardim não há cravos-da-Índia, *"que alguns chamam de os bastardos da natureza"*. Polixenes diz que não há meio de melhorar a natureza, a menos que a própria natureza crie esse meio.

"... quanto a essa arte, Que dizeis melhora a natureza, é uma arte Que a natureza pratica. Vede, gentil donzela, casamos Uma espécie mais delicada com a mais silvestre, E fazemos a espécie inferior Produzir espécie mais nobre; esta é uma arte Quando de fato melhora a natureza, ou antes a modifica, mas

A própria arte é natureza."

O jardineiro, como o alquimista, usa os métodos da própria natureza para aprimorar a natureza. Por enxerto entre uma espécie silvestre e uma cultivada, são unidos dois diferentes elementos, que podem simbolizar a união da realeza, representada por Polixenes, com Perdita (mesmo que ela não saiba disto) e os pastores.

Em *Ricardo II*, Ato III, Cena 4, a rainha está no jardim do Duque de York e ouve o jardineiro dizer:

*"Ide, atai aqueles damasqueiros pendentes,
Que, como filhos rebeldes, fazem seus pais
Curvarem-se à pressão de seu enorme peso;*

Fazei alguma sustentação para os galinhos que se curvam. Ide, e, como um algoz,

Cortai a cabeça dessa ramagem miúda que tão depressa

cresce,

E que tão altaneira parece em nossa comunidade;

Todos devem estar nivelados no nosso governo.

Enquanto assim procedeis, eu irei arrancar pela raiz

As ervas daninhas que sem proveito privam

Da fertilidade do solo as flores sadias."

Um servo pergunta:

"Por que devemos, no âmbito de um cercado,

Manter lei e forma e justa proporção,

Mostrando, como num modelo, nosso ordeiro estado,

Quando nosso jardim, delimitado pelo mar, a Terra inteira

Está cheia de ervas más, suas mais belas flores danificadas,

Suas árvores frutíferas sem poda, suas sebes arruinadas,

Seus rebentos em desordem, e suas plantas sadias

Cheias de lagartas?"

O jardineiro responde:

"Tranqüiliza-te.

Aquele que sofreu essa desordenada primavera

Ele próprio suas folhas já viu cair;

*As más ervas que suas tão abertas folhas
abrigavam, E que, enquanto o devoravam, pareciam elevá-lo,*

*Estão arrancadas pela raiz, e tudo feito por
Bolingbroke...*

Ó! Que pena,

*Que ele não podou e ornou sua terra Como
cuidamos deste jardim!"*

A rainha compara o jardim ao Éden e, o jardineiro, a Adão, perguntando:

*"Que Eva, que serpente te sugeriu/Promoveres uma segunda queda para o
amaldiçoado homem?"* O jardineiro encerra a cena falando da arruda:

"... aqui, neste lugar,

*Vou plantar um canteiro de arruda, amarga erva da
graça; E a arruda, justamente por piedade, logo será aqui vista,
Em memória do lamento de uma rainha."*

(Em inglês, há um jogo de palavras entre arruda — "rue" - e piedade, misericórdia, pesar, e compaixão — "ruth".)

Como exercício, recomendamos que o leitor revise os objetivos dos símbolos apresentados no Capítulo Terceiro e analise os símbolos de jardim dados neste Capítulo, com aqueles objetivos em mente. Por exemplo, símbolos mitológicos formulam conceitos sobre a natureza do universo e do homem; comunicam esses conceitos sob a forma de mitos, e essa comunicação, com sua vividez, ajuda a instruir e lembrar. Como isto se aplica aos símbolos do jardim?

SUMÁRIO

São fatores básicos que associam a forma e o significado do jardim:

1. Forma
2. Cercadura
3. Cultivo
4. O jardim como uma unidade, um todo
5. O jardim é o centro do mundo
6. O jardim simboliza o ideal
7. O jardim representa fertilidade
8. Representa também nascimento, renascimento, e ciclos
9. O jardim é um microcosmo
10. Pode representar o Reino Superior e o Reino Inferior ("*em cima*" e "*em baixo*").

Símbolos comumente associados ao jardim são plantas, a árvore cósmica e a flor cósmica, a montanha, animais, seres divinos e semidivinos, o lago, a fonte etc.

A forma e o significado do jardim simbólico variam. Ele é tanto natural como artificial: cultural e arquétipo; comunicativo e artístico; e tem elementos pessoais.

Exemplos do jardim como símbolo são extraídos da mitologia grega, da Bíblia, de Fílon, do Alcorão, da alquimia, de Jacob Boehme, e de Shakespeare.

CAPÍTULO X: A MONTANHA SIMBÓLICA

Alguns dos elementos correspondentes na forma e no significado da montanha são semelhantes aos do jardim ou da árvore.

1. Como a árvore, a montanha tem altura; é portanto associada ao reino divino ou cósmico. A árvore é muitas vezes relacionada com os deuses, mas a montanha, por sua natureza, é a morada dos deuses. O Monte Olimpo, na Grécia, é um exemplo disto. Quando a montanha não é a própria morada dos deuses, pode ser o lugar onde a divindade se manifesta, como a montanha das escrituras cristãs e judaicas.
2. A montanha, mais uma vez como a árvore, eleva-se da terra para o armamento ou céu, e é assim um mediador entre o terreno e o divino, o mundano e o psíquico. Liga os reinos da existência universal.
3. Como a árvore e o jardim, a montanha simboliza o microcosmo e o macrocosmo. É uma unidade que participa do reino mundano e do reino cósmico, e por isto simboliza ambos estes reinos, bem como o cosmos e o homem, como o grande e o pequeno universos.
4. A montanha, o jardim e a árvore, estão todos situados no centro simbólico da Terra, e este centro é o local da Criação, a matriz do poder criador.
5. A montanha, devido à sua massa e à sua natureza duradoura, representa fortaleza, estabilidade e permanência.
6. A montanha sagrada é usualmente a mais alta da região; tem uma posição dominante. Por este motivo, também, representa divindade e soberania.

7. A forma da montanha é por vezes simbólica. Pode ser piramidal, cônica, de pirâmide escalonada ou em degraus, ou dupla (duas montanhas), como em alguns símbolos egípcios do nascer do Sol.
8. A montanha tem de ser escalada, e a ascensão física corresponde à ascensão espiritual ou mística da consciência e a simboliza. Ela representa a ascensão do estudante na Senda da Iluminação ou união.
9. A escalada da montanha isola o indivíduo do mundo objetivo, representado pelo vale. Simboliza, portanto, a meditação necessária ao desenvolvimento.
10. A jornada ou ascensão mística leva à união mística ou Consciência Cósmica; portanto, o cume da montanha é associado à iluminação ou união mística.

Muitos símbolos são associados à montanha, inclusive o jardim, a árvore e a flor. Pirâmides e ziggurats, como as pirâmides egípcias e maias e a torre babilônica, são montanhas artificiais. Podem servir como templo ou ter um templo no topo, mas têm o mesmo significado da montanha.

A montanha pode ser associada ao outro mundo, ao inundo inferior, ou ao purgatório, como na "*Divina Comédia*" de Dante. Às vezes é usada em símbolos que representam o nascer do Sol, como no simbolismo egípcio. Em algumas cosmologias, ela é a borda do mundo.

O templo está muitas vezes situado ao pé ou no topo da montanha, como na Olímpia e no Epidauro da mitologia grega. E, como no Parnasso, pode ter uma fonte como manancial das águas.

A montanha é pedra e pode ser associada a símbolos como a Pedra Filosofal, o altar feito de pedra, a pedra fundamental simbólica de uma construção sagrada, e com prédios e pilares feitos de pedra.

A montanha tem cavernas e grutas que simbolizam a divindade. Torres são construídas de pedra e têm a altura da montanha, de modo que podem ter o mesmo significado simbólico, exceto pelo fato de que as pessoas vivem dentro da torre e sobre a montanha.

A montanha está perto do firmamento e, portanto, é associada às estrelas. A Montanha do Norte, particularmente, é associada ao eixo da Terra e à Estrela Polar.

A simbolização é um meio de formular as coisas que existem ou pôr ordem nas mesmas, mas cada grupo ou cada indivíduo faz isto de maneira diferente. O Monte Meru, no simbolismo hindu, é uma montanha sagrada situada no centro da Terra. A montanha Kailasa é a morada do deus Shiva. O rio sagrado tem sua origem nas montanhas e simboliza o elixir da vida.

O Himinbhorg dos Eddas Escandinavos, o Monte Tabor da Palestina, o Monte Parnasso de Delfos, o Monte Baboquivari, dos índios Papagos, são montanhas sagradas. Têm um significado comum, porém, cada qual tem aspectos especiais derivados do ambiente e da cultura do grupo.

O nome do deus do firmamento dos povos indo-europeus era derivado da palavra que significava brilhar. Assim como o Zeus grego, ele vivia no Monte Olimpo e controlava o clima, e um de seus símbolos era o relâmpago.

A deusa da Terra, na Mesopotâmia, simbolizava o renascimento da natureza na primavera, era mãe esposa, e era associada à montanha, que simbolizava o poder criador.

A morte da vegetação era representada pelo mitológico Marduk, que era prisioneiro na montanha. O renascimento da natureza era representado por sua

libertação do mundo inferior montanhoso. Ritualisticamente, seu aprisionamento era simbolizado por lamentações e, sua libertação, por regozijo.

A deusa-mãe, ou deusa da Terra, como a Hathor egípcia, era com frequência guardiã dos mortos. Hathor morava na árvore sagrada à entrada do outro mundo e alimentava os mortos. Essa entrada ficava entre montanhas, assim como o Sol nascia e se punha entre montanhas.

Na mitologia hindu, o deus Shiva leva sua noiva para o norte dos Himalaias. Sua chegada simboliza a primavera, e a vegetação começa a florescer. Quando vêm as chuvas, eles passam para o topo da montanha, onde não há nuvens nem chuva.

No simbolismo chinês, a dualidade é representada por yang e yin, as polaridades masculina e feminina, respectivamente. Com relação à montanha, yang é o lado quente, ensolarado, ao passo que yin é o lado frio e sombrio.

Um mito grego diz que o terapeuta Asclépio, filho de Apoio e Coronis, aprendeu medicina numa caverna do centauro Cheiron. Um outro mito conta que o nascimento de Asclépio se deu no santuário de Apoio, em Epidauro.

Na mitologia grega, a deusa Réia ficou furiosa porque seu marido, temendo que seus filhos o destronassem, devorou cada um deles ao nascimento. Ela deu à luz a Zeus, deus do firmamento, numa montanha da Arcádia, e depois o enviou para Creta, onde ele foi escondido numa caverna.

A mitologia grega fala também de um dilúvio provocado por Zeus. O rei Deucalion fez uma arca que flutuou até que as águas baixaram, quando ela assentou sobre uma montanha. Todavia, a identificação dessa montanha varia conforme a versão do mito.

Cada um desses símbolos é uma parte de uma realidade ordenada, mas o mito é usado para comunicar a ordem, as idéias, as emoções, e às vezes os ensinamentos secretos, a indivíduos ou grupos. A simbolização estabelece uma ordem e a comunica. Ao fazê-lo, preserva também os mitos para futuras gerações.

Os mitos gregos eram também usados pelos dramaturgos e outros artistas; por conseguinte, a simbolização era ainda a base da auto-expressão. Arte, literatura e música, são transformações simbólicas da atualidade, e muitas vezes usam símbolos específicos como os que estamos discutindo.

A obra gnóstica intitulada Livro da Caverna dos Tesouros tem este nome em função do mito de que livros de mistérios secretos eram ocultos numa caverna da simbólica Montanha das Vitórias. Uma outra obra gnóstica fala do livro escrito por Seth e depositado numa montanha. Há uma montanha branca que é sagrada para os Mandaeanos, e a Montanha das Luzes é encontrada na mitologia indiana.

Tennyson, em "*O Sábio Antigo*", usa a montanha como um símbolo. Numa tradução livre, são os seguintes os seus versos:

*Se pudesses ouvir o Inominável, e mergulhasses
No Templo-caverna do teu próprio Eu,
Ali, meditando junto ao altar central,
Talvez aprendesses com júbilo que o Inominável tem
uma voz,
Que deves obedecer, se fores sábio.
Como se soubesses, embora não possas saber;
Pois, o conhecimento é como a andorinha sobre o
lago,*

Que vê e agita a sombra na superfície,

Mas nunca mergulhou no abismo. ..

O sábio exorta seu interlocutor:

. . . envida esforços para tua ascensão,

E escala o Monte da Bem-aventurança, de onde,

Se olhares mais alto, então — talvez, para além

De cem cordilheiras cada vez maiores,

E além da cadeia da Noite e da Sombra - possas ver

O alvorecer celestial do dia mais-que-mortal

Brilhar no Monte da Visão!

Nos escritos do Rosacruz inglês, Thomas Vaughan, o símbolo da montanha é usado três vezes. Em seu prefácio ao manifesto do século dezessete, *Fama Fraternitatis*, ou *A Fama da Fraternidade de R. C.*, ele faz referência à casa que o lendário Christian Rosenkreuz teria construído ao retornar de sua jornada ao Leste. Está ele então discutindo o paralelo entre o que disse Apolônio de Tíana sobre os brâmanes da Índia e os Irmãos da Rosa-Cruz. "*E agora, vejamos que espécie de habitação eles (os Rosacruzes) tinham e que paralelo existe entre essa habitação e a casa de R. C., que seus seguidores chamam de Locus S. Spiritus. Os sábios, diz Apolônio, viviam num pequeno monte e, nesse monte, havia sempre uma nuvem, em que os indianos se abrigavam, pois era isto que a palavra significava, e ali se tornavam eles visíveis ou invisíveis, à vontade e à sua livre decisão*".

Mas Tyanus nos diz algo mais, ou seja, que os próprios brâmanes não sabiam se esse monte era circundado por muralhas ou tinha quaisquer portais que para ele dessem passagem; porque a neblina impedia todas as descobertas. Considerai bem o que ledes, pois assim escreve alguém sobre a casa de R. C.: *Um dia contemplei as torres olímpicas brilhando junto a certo riacho e uma cidade famosa, que consagramos com o nome de Espírito Santo. Refiro-me a Helicon — ou o Parnasso de dois picos — onde o corcel Pégaso abriu uma fonte de águas perenes, que jorra até este dia...*

Mas, para esclarecer o espetáculo um pouco mais, ouça-mos Apolônio em certo discurso que fez aos egípcios, descrevendo esse Elísio dos brâmanes. *Eu vi, diz ele, os brâmanes da índia vivendo na terra e não na terra. Eles estavam protegidos sem muralhas e, nada possuindo, desfrutavam de todas as coisas.* Isto é bastante claro, e nesse monte também eu desejo viver, ainda que não seja por outra razão além da que os sofistas aplicavam às montanhas: *“Aos primeiros, o Sol saúda, e, aos últimos, abandona. Quem não há de amar esse local e os longos dias ali vividos?”*

Deixando de lado o problema de Apolônio de fato ter escrito isto ou não, o ponto principal é a mistura de fontes para o simbolismo. Vaughan associou os Rosacruzes com religião e filosofia indianas. Mas usou também a mitologia grega, nas *"torres olímpicas"*, em *"Helicon"*, no *"Parnasso"*, e em *"Pégaso"*.

A invisibilidade do monte e a nuvem são referências a princípios místicos, bem como ao sigilo, e, naturalmente, o monte ou a montanha simboliza ascensão ou elevação da consciência e união mística, alcançadas através de meditação.

Vaughan está usando o símbolo da montanha para instruir seus leitores em certos princípios místicos, na ascensão da consciência e no desenvolvimento

místico. Mas o estudante deve meditar sobre o símbolo, para compreendê-lo. Quando ele o faz, promove seu próprio desenvolvimento, tanto psicológico como psíquico.

Há dois outros símbolos de montanha nos escritos de Vaughan. O primeiro, em *Anima Mágica Abscondita*, ou um *Discurso do Espírito Universal da Natureza*. Vaughan convida o leitor a "*subir essa alta montanha à nossa frente, do topo da qual eu vos mostrarei o lugar onde dois caminhos se encontram, de que Pitágoras falou com obscuridade, de modo nebuloso. Nossos olhos são abertos; agora brilha o sol da santidade e da justiça; guiados por ele, não nos podemos desviar do caminho da verdade. Que vossos olhos contemplem primeiro o reto caminho, para que não vejam a vaidade antes que a sabedoria seja percebida. Não vedes aquela brilhante e inexpugnável torre? Ali está o Amor Filosófico, uma fonte de que jorram águas vivas*".

Este trecho é de estilo quase alegórico. Suas fontes poderiam ser até certo ponto bíblicas, mas ele é influenciado por literatura e simbolismo místicos e alquímicos que não são necessariamente cristãos.

Em *Lumen de Lumine*, há "*uma Carta dos Irmãos da R. C., sobre a Invisível e Mágica Montanha e o Tesouro que ela contém*".

"Há uma montanha, no meio da Terra, que é ao mesmo tempo pequena e grande, mole e dura, distante e próxima, mas, graças à providência Divina, invisível. Nela estão ocultos tesouros que o mundo não é capaz de avaliar. Essa montanha está cercada de bestas muito ferozes e aves

vorazes, que tornam o caminho para ela muito difícil e perigoso."

Na literatura alquímica, o templo era às vezes situado dentro da montanha, como no símbolo de Heinrich Khunrath para o Portal do Anfiteatro da Eterna Sabedoria. Portanto, "*no meio da Terra*" significa, não na superfície do globo, e sim dentro do globo, em seu centro. Mais uma vez, esse Portal é invisível e difícil de alcançar. Há testes e tribulações a superar.

Nos *Símbolos Secretos dos Rosacruz*, publicados na Alemanha no século dezoito, uma estampa mostra o filósofo sentado à frente da caverna, na montanha. Nesta há símbolos que representam os passos da transmutação alquímica do chumbo em ouro e, analogamente, a transmutação espiritual do homem. Parte do texto diz: "*Por causa de uma queda, a alma do homem foi perdida, como foi perdida a saúde do corpo. A alma é salva, e a saúde do corpo é restaurada, pela visão de uma coisa singela que está oculta neste quadro e que é o maior tesouro deste mundo*". O tesouro é sabedoria, ou os ensinamentos que levam o estudante a alcançar a união mística.

O símbolo, portanto, comunica alguma coisa; preserva ensinamentos; e é um recurso de instrução e um meio de meditação.

Para a compreensão de símbolos, é útil coletar referências aos mesmos em diferentes tipos de literatura, como literatura sagrada, escritos alquímicos, literatura mística, e obras de autores como Dante, Shakespeare, Edmund Spenser. Isto pode ser feito com símbolos estudados nestes Capítulos, e depois com outros em que o leitor esteja interessado.

SUMÁRIO

São elementos correspondentes na forma e no significado da montanha:

1. Altura
2. A montanha liga a Terra ao Céu
3. Microcosmo e macrocosmo
4. Localização no centro simbólico da Terra
5. Posição dominante
6. Forma simbólica
7. Ascensão
8. Isolamento
9. Jornada que leva à união mística

São símbolos associados à montanha: o jardim, a árvore, a flor, pirâmides, zigurats, templos, o outro mundo, a borda do mundo, a pedra, prédios, pilares, cavernas, torres, o eixo da Terra, e a Estrela Polar.

Exemplos da montanha simbólica são tirados de várias mitologias, do gnosticismo, de Tennyson, Thomas Vaughan, e dos *Símbolos Secretos*.

O exercício deste Capítulo sugere que o leitor colha exemplos de símbolos de diferentes tipos de literatura.

CAPÍTULO XI: A ÁRVORE SIMBÓLICA

A árvore sagrada ou cósmica é muitas vezes encontrada no jardim, ou no bosque sagrado, que é um símbolo semelhante. Como o jardim, a árvore sagrada é encontrada no mundo inteiro, e há certos elementos na forma e no significado que estão presentes onde quer que ela apareça. Nem todos esses elementos serão encontrados em todo uso do símbolo; muitos, porém, aparecerão em qualquer emprego do mesmo.

Um símbolo arquétipo é aquele que, não só é comumente usado, mas, tem elementos comuns onde quer que seja usado, e tem um significado cósmico ou místico para aqueles que o compreendem. Tais símbolos pertencem à vida psicológica e espiritual ou psíquica e às mudanças que fazem parte do seu desenvolvimento.

São os seguintes os elementos básicos que associam a forma e o significado da árvore simbólica:

1. A altura da árvore, por si mesma, já a torna importante. Destaca-a das outras plantas, bem como do homem e dos animais.
2. A altura também é associada a ascensão e descensão. Representa, portanto, a elevação da consciência, a consecução da harmonização, a ascensão espiritual da alma.
3. Devido à sua altura, a árvore simboliza a ligação entre a Terra e o Céu. É o lugar onde o elemento cósmico ou divino desce à Terra. As folhas e os frutos da árvore representam atributos do Ser Divino em sua manifestação na Terra.

4. A árvore é o lugar de meditação, porque é a ligação entre o poder terreno e o poder cósmico. É o local onde o homem alcança a união com a divindade.
5. O local sagrado, seja o jardim, o bosque, ou a montanha, é o centro do mundo ou do cosmos.
6. O fruto da árvore, ou da parreira, simboliza conhecimento ou sabedoria. Pode também representar os atributos de Deus, como na árvore cabalística; as dez esferas, ou os sephiroth, simbolizam atributos da divindade, e são às vezes representados como os frutos da árvore.
7. Por sua natureza, a árvore simboliza vida. A força vital é inerente à árvore e típica da mesma.
8. Como a árvore produz frutos e sementes, simboliza fertilidade.
9. Seu ciclo de crescimento representa ciclos em geral e, em particular, o nascimento e renascimento da natureza e do homem. A árvore, portanto, pode representar reencarnação e renascimento espiritual.
10. Coisas feitas de madeira são simbolizadas pela árvore, ou vice-versa. O ataúde de Osíris era uma árvore; a escada e o pilar são associados à árvore.
11. A árvore pode representar o microcosmo e o macrocosmo. Trata-se da árvore sagrada, que representa o mundo, a Terra em que ela cresce. Mas ela também simboliza o reino divino ou cósmico. É, assim, o grande mundo e o pequeno mundo, e pode simbolizar o próprio ser humano.
12. A árvore aparece às vezes invertida, como nos Upanishads, na Árvore Islâmica da Felicidade, ou na árvore da cabala conforme Robert Fludd a representa, simbolizando o reino divino em que ela está enraizada.
13. A árvore representa poder divino ou cósmico, porque é o símbolo do mundo infuso com esse poder. O cosmos é manifestação do poder divino; a árvore

então, que é o centro do mundo, é o símbolo desse poder. Este é às vezes representado pelas divindades da árvore, que personificam forças cósmicas ou naturais.

Há símbolos que estão relacionados com a árvore simbólica. O pilar ou coluna, o poste e o mastro, são evidentemente feitos de árvores e representam a mesma coisa. Podem também ter outros significados, devido a suas funções. A coluna, por exemplo, sustenta o pórtico ou o teto. O obelisco pode também ser associado à árvore, embora tenha o topo em forma de pirâmide.

A varinha mágica e o caduceu de Hermes, da mitologia grega, também são derivados da madeira da árvore e têm o poder divino da árvore.

A parreira e os arbustos são muitas vezes, essencialmente, o mesmo símbolo que a árvore; encerram o mesmo poder cósmico e representam a presença da divindade. O fruto da parreira representa sabedoria, assim como o fruto da árvore.

A escada é feita de madeira; é usada para ascensão e representa ascensão. Como a árvore, simboliza a hierarquia da Criação, os degraus representam os níveis dessa hierarquia.

A cruz pode ser feita de madeira e às vezes é citada como uma árvore ou como feita de uma árvore. A lança também vem da árvore.

Os frutos e as folhas da árvore são simbólicos. No simbolismo cabalístico e alquímico, representam, ou os atributos da divindade, ou os passos da transmutação alquímica.

A árvore é às vezes associada ao oráculo, como em Delfos, ou à voz de Deus, como na moita ardente que apareceu a Moisés segundo o Livro do Êxodo, da

Bíblia. Com freqüência tem guardiães, sob forma de animais ou seres divinos ou semidivinos.

Já salientamos que a árvore pode ser encontrada no jardim, onde é associada à fonte, à pedra e à montanha sagradas. A árvore pode ser a árvore simbólica da vida ou a árvore do conhecimento. É muitas vezes associada a deuses particulares, como o carvalho a Zeus, ou o sicômoro a Hathor, a deusa egípcia.

Há outros objetos que são associados à árvore porque podem ser feitos de madeira. O candelabro e o archote são usados simbolicamente em cerimônias e iniciações. O tambor é às vezes usado em rituais e é feito do tronco de uma árvore.

O bosque é por vezes simbólico, seja plantado e cultivado ou não, e a terra inculta é contrastada com campos cultivados, jardins, ou pomares, como na terra inculta da abertura da "*Divina Comédia*" de Dante.

Em Delfos crescia a árvore do louro, consagrada a Apoio. Para os caldeus, o cedro era a árvore da vida e o revelador de oráculos. Para os irlandeses, a aveleira era a árvore do conhecimento. O carvalho era sagrado para os druidas.

O simbolismo da árvore tem origem na experiência humana comum, visto que há árvores em quase todos os lugares. É em parte por isto que a árvore é um símbolo arquétipo. Não obstante, a árvore usada por um dado grupo cultural difere da usada por outros, porque cada grupo usa a árvore que é importante em sua região.

As árvores fazem parte da experiência pessoal, bem como da cultural. A forma e o significado, então, têm elementos pessoais. As pessoas vêem e sentem as coisas de maneiras diferentes, e as expressam diferentemente.

O Katha Upanishad (vi, 1) diz: "*Há essa árvore antiga, cujas raízes crescem para cima e cujos ramos crescem para baixo;... isso na verdade é chamado*

de Brilhante, de Brahman; somente isso é chamado de Imortal. Todos os mundos nisso estão contidos e nenhum ser transcende isso. Isso é aquilo.

O que quer que exista, o mundo inteiro, quando desaparece (do Brahman), estremece em sua respiração. Esse Brahman é um grande terror, como uma espada desembainhada. Aqueles que o conhecem tornam-se imortais."

A árvore invertida é encontrada na mitologia Maori, Indonésia e Micronésia, bem como no simbolismo cabalístico. Em alguns casos pode ter havido migração ou assimilação, mas é perfeitamente possível que um símbolo assim surja em diferentes culturas porque os seres humanos pensam e simbolizam basicamente do mesmo modo. É natural representar a árvore divina ou cósmica enraizada no céu.

A árvore é associada ao conhecimento e à montanha, no *Taittiriya Upanishad* (i, 10, 3): "*Eu sou aquele que abala a árvore (i. e., a árvore do mundo, que tem de ser abatida pelo conhecimento). Minha glória é como o topo de uma montanha. Eu, cuja luz pura (do conhecimento) se elevou bem alto, sou aquele que é verdadeiramente imortal, porque resido no Sol. Eu sou o mais brilhante tesouro. Sou sábio, imortal, imperecível*".

No Bhagavad Gita, diz Krishna: "*Fala-se da indestrutível Asvattha, que têm as raízes para cima e os ramos para baixo, ... Aquele que a conhece, conhece os Vedas.*

Em cima e em baixo se espalham seus ramos, nutridos pelos gunas, e os objetos dos sentidos são seus brotos; em baixo, no mundo do homem, estendem-se as raízes, terminando em ação.

Sua forma não é percebida como aqui, nem seu fim, nem sua origem, nem sua existência. Tendo arrancado essa Asvattha, firmemente enraizada, com a poderosa espada do desapego.

Então, Essa Meta deve ser buscada, no lugar de onde, para ele tendo ido, ninguém retorna. (XV, 1—3)"

O *Mundaka Upanishad* (III, 1) usa a imagem da árvore e seu fruto, com dois pássaros comendo o fruto: *"Dois pássaros, amigos inseparáveis, apegam-se à mesma árvore. Um deles come o fruto doce, enquanto o outro fica olhando sem comer.*

Na mesma árvore está sentado um homem, pesaroso, absorto, perplexo com a sua própria impotência. Mas, quando ele vê o esplendoroso criador e senhor (do mundo) como a Pessoa que tem sua fonte em Brahman, então ele é sábio e, libertando-se do bem e do mal, alcança a mais elevada unidade, isento de paixões.

Pois, ele é o Sopro que se reflete em todos os seres, e aquele que compreende isto torna-se verdadeiramente sábio, e não apenas uma pessoa que fala nisto. Ele se regozija no Eu, ele se deleita no Eu, e, tendo realizado suas obras,... descansa, firmemente estabelecido em Brahman, o melhor dentre os que conhecem Brahman."

O simbolismo hindu é baseado na religião e na filosofia do grupo. Como qualquer religião, pode ser um produto de funções psíquicas intuitivas. Este simbolismo está fundamentado nos elementos subconscientes, psíquicos, do ser do homem, mas é apreendido e expresso através dos elementos objetivos.

Mitos gregos são muitas vezes uma personificação de forças naturais. O deus do Sol, Apoio, amava Daphne, que era filha do deus dos rios, Peneus, mas Daphne não correspondia aos seus sentimentos. Quando ele a perseguia, ela corria e, quando ficava cansada, invocava Atenas (ou, dizem alguns, seu pai) para ajudá-la, se necessário mudando sua forma. E ela se transformou na árvore do louro, a

árvore de Apolo, de modo que os vitoriosos nos jogos de Delfos passaram a ser coroados com uma grinalda de louro, em homenagem a Apolo.

Por outro lado, a azeitona, simbolizando paz, era consagrada a Atenas, porque fora presente seu à cidade de Atenas e fora considerada a mais valiosa dádiva. A oliveira é sagrada e simbólica, mas não foi personificada como o louro.

Na Bíblia, o símbolo da árvore é muito empregado. Um dos exemplos menos conhecidos é o que consta do livro apócrifo de Ecclesiasticus (24:1-3, 12-17): *"A sabedoria louvará a si mesma, e se cobrirá de glória em meio ao seu povo. Na congregação do Supremo, ela abrirá sua boca e triunfará ante o poder do Supremo.*

Eu saí da boca do Supremo, e cobri a terra como uma nuvem . . .

E firmei raízes num povo nobre, na porção da herança do Senhor. Fui exaltado como um cedro no Líbano e como um cipreste nas montanhas do Hermon. E fui exaltado como uma palmeira nas montanhas do Hermon. E como uma palmeira em En-geddi, e uma roseira em Jerico; como uma bela oliveira num campo agradável; e cresci como um plátano, junto à água. Exalei uma doce fragrância, como canela e aspalathus; e produzi um odor agradável, como o da melhor mirra, como o do gálbano e do doce storax, e como a fumaça do incenso no tabernáculo. Como a árvore da terebintina estendi meus ramos, e eles são como os ramos da honra e da graça. Como a parreira, agradável sabor produzi, e minhas flores são o fruto da honra e das riquezas."

Símbolos bíblicos, como os hindus, budistas e islâmicos, e muitos outros símbolos religiosos, migraram à medida que a religião cresceu e se expandiu.

No simbolismo cristão, o Cristo é chamado de segundo Adão. Este pecou por comer do fruto da árvore proibida; o Cristo redime o homem sofrendo na cruz cuja madeira, diz a tradição, veio da mesma árvore. Como escreveu George Herbert:

*"O homem roubou o fruto, mas Eu (o Cristo) devo
subir na árvore."*

O Cristo é o fruto da árvore que é cortada para a crucificação, ou o fruto da parreira cujo suco é bebido na última ceia.

No *"Purgatório"*, Dante vê o que parece ser sete árvores de ouro, mas depois constata que são lamparinas de ouro (Canto XXIX). E, no *"Paraíso"*, ele fala da árvore *"cuja vida vem do seu topo, cujo fruto é sempre bom, e cuja folha não murcha"*, e em cujo quinto abrigo *"vivem espíritos abençoados"*. O número cinco é referência ao quinto céu; portanto, a árvore representa os planos celestiais ou cósmicos. Dante adotou símbolos cristãos comuns.

O símbolo da árvore sagrada aparece na literatura alquímica. É a árvore da vida, a árvore do conhecimento, ou a substância universal de que todas as coisas são feitas. Seus ramos ou seu fruto às vezes simbolizam os passos da transmutação alquímica, isto é, da transformação de metais inferiores como o chumbo em ouro. Por correspondência, a árvore representa a transmutação espiritual do homem. Pode representar os planetas, que, por sua vez, simbolizam os metais e os elementos ou as facetas do mundo e do homem. Também representa dualidade, simbolizando o Sol e a Lua e, portanto, a dualidade em geral. A árvore alquímica é por vezes mostrada num jardim ou bosque; às vezes isolada, e pode ter uma fonte jorrando de sua base.

O fato de que símbolos arquétipos aparecem em muitas épocas e muitos lugares, em mitologia, alquimia, literatura, e em sonhos, deve-se parcialmente a memórias trazidas de encarnações anteriores, em geral inconscientemente, porém,

de modo real e ativo. Mas, ainda que isto seja verdadeiro, esta não é a única fonte ou a fonte mais comum de tais símbolos.

No jardim de Stoltzius, um emblema é intitulado "*O Crescimento*".

"Aqui, um corpo tem duas cabeças.

Por baixo dele, vê-se a Lua com duas pontas.

Ela segura três serpentes

E, na mão, uma ave livre.

Há uma árvore com belos ramos,

Produzindo muitos frutos nobres,

De que, no total,

Podem-se contar muitas riquezas.

Pode ser, então, que bem possas compreender

A espécie ou o tipo dessa raiz.

*Do contrário, essa árvore, com seus esplêndidos
frutos,*

A ti estará oculta."

A figura é o rei-rainha andrógino, do simbolismo alquímico, e representa dualidade. A árvore tem doze ramos, cada qual com um fruto na extremidade, e o Sol está no topo da árvore. A mão direita da figura está segurando um vaso com três serpentes; a mão esquerda, uma ave, aparentemente o corvo.

Jacob Boehme compara os pensamentos ou sentimentos (Sinnen) do homem à árvore. Como o tronco da árvore, um pensamento projeta muitos ramos,

brotos e raízes. Cada forma da natureza gera uma outra fonte como ela própria, à semelhança da fonte ou dos ramos da árvore. ("*Três Princípios*")

Com relação aos seus escritos, Boehme adverte o leitor no sentido de que, se não os compreender, não deverá escarnecer dos mesmos com espírito de orgulho, mas, buscar o humilde Coração de Deus. Isto há de implantar um pequeno grão de mostarda na alma e, com paciência, uma grande árvore há de crescer. ("*Três Princípios*")

A Árvore da Vida é celestial ou divina, ao passo que a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal é terrena e produz frutos terrenos. Estas duas árvores do jardim bíblico, na interpretação de Boehme, representam a dualidade cósmica e terrena, e a queda mística do homem foi devida a que ele comeu do fruto da árvore terrena. O homem volta ao paraíso por meio de sabedoria, renascendo espiritualmente. ("*Três Princípios*")

Boehme usou o simbolismo cristão de sua formação, bem como o simbolismo cabalístico e alquímico, mas os elementos pessoais os dominam e unificam.

Segundo Boehme, a escada de Jacó se estende da Terra ao Céu e representa o Cristo. Os anjos de Deus a estavam subindo e descendo. Isto significa que o eterno Verbo de Deus, com o poder do Céu, unificou o mundo e o Céu no homem, assumindo a nossa humanidade. Assim, o homem, pela divindade nele presente, tem uma escada que leva a Deus. (*Mysterium Magnum*, Capítulo 56, seção 5)

William Blake foi um artista e poeta individualista. Criou sua própria mitologia, expressando seu pensamento místico. Para ele, a arte é a Árvore da Vida, enquanto a ciência é a Árvore da Morte.

John Keats, por outro lado, associa a palmeira à tristeza, como podemos ver nos seguintes versos, em tradução livre:

"À Tristeza

Dei adeus, E achei que a deixava bem para trás;

Mas, com grande ardor,

Ela me ama demais; E me é tão constante e tão bondosa.

Eu a enganaria

E assim a deixaria, Mas, ai! que ela é tão constante e tão bondosa.

Em baixo das minhas palmeiras, à beira do rio,

Sentei-me a chorar; e no mundo inteiro

Ninguém me perguntou porque eu chorava.

E eu continuei De lágrimas a encher as ninféias;

De lágrimas tão frias quanto meus temores.

Em baixo das minhas palmeiras, à beira do rio,

Sentei-me a chorar.

Que enamorada noiva,

Enganada por um sombrio galanteador vindo das nuvens,

Apenas se oculta e amortalha

Em baixo de escuras palmeiras à beira do rio?"

A estampa de "*Símbolos Secretos dos Rosacruz*", que explica "*A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal*", mostra as raízes da árvore crescendo dos círculos que representam os princípios e reinos da luz e das trevas, através do reino mediano que simboliza a Terra. Um lado da árvore cresce do reino da luz e tem por fruto o conhecimento do bem; o outro lado cresce do reino das trevas e tem por fruto o conhecimento do mal.

Parte do texto diz: "*Há uma só árvore, produzindo duas espécies de fruto. Seu nome é Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Assim como seu nome são seus frutos; ou seja, o bem e o mal, frutos de vida e de morte, de amor e de ódio, de luz e de trevas. Esta árvore foi mostrada a Adão em sua inocência e, embora ele fosse livre para contemplá-la como uma árvore das maravilhas de Deus, a divina proibição não lhe permitia desejar seu fruto e comê-lo. Deus o advertiu de que ele morreria se comesse do seu fruto de morte. Pois, essa era uma árvore de separação, em que o bem e o mal, em sua divisão, viviam em combate. No entanto, a vida não pode existir em luta, porque o conflito traz destruição e, esta, traz a morte. A vida subsiste na doce união do amor. Portanto, quando Adão comeu do fruto dessa árvore, uma batalha foi desencadeada em seu âmago, e nessa luta deve ele perder sua vida*".

Esta estampa, como algumas outras de "*Símbolos Secretos*", indica a influência de Jacob Boehme.

SUMÁRIO

São os seguintes os elementos básicos que se associam à forma e ao significado da árvore:

1. A própria altura
2. A altura associada a ascensão e descensão
3. Ligação entre o Céu e a Terra
4. Local de meditação
5. Lugar sagrado e centro do cosmos
6. O fruto, simbolizando conhecimento ou sabedoria
7. Vida
8. Fertilidade
9. Ciclos de crescimento representando outros ciclos
10. Coisas feitas de madeira; por exemplo, a escada
11. O microcosmo e o macrocosmo
12. A árvore invertida
13. Poder cósmico

Símbolos relacionados com a árvore são: o pilar, o poste, o obelisco, a varinha mágica, a parreira, o arbusto, a escada, a cruz, e a lança. A árvore é às vezes associada a um oráculo ou à voz de Deus. Pode ser encontrada no jardim, juntamente com a fonte, a pedra e a montanha sagradas. O castiçal, o archote e o

tambor, são às vezes usados em rituais. A terra inculta pode ser contrastada com os campos cultivados, bosques, ou pomares.

São apresentados exemplos de mitologias antigas, como os Upanishads, o Bhagavad Gita, a Bíblia, Dante, a literatura alquímica, Boehme, Blake, Keats, e os "*Símbolos Secretos dos Rosacruzes*".

CAPITULO XII: SIMBOLISMO DA ÁRVORE E DA FLOR

Há semelhança nos elementos básicos de forma e significado da árvore e da flor. Ambas são coisas vivas e representam a vida e a Força Vital; ambas têm ciclos de crescimento naturais; ambas são unidades que simbolizam o microcosmo e o macrocosmo. Ambas produzem fruto e semente; ambas podem representar o poder divino ou cósmico, bem como o Céu ou reino cósmico. Assim podemos resumir os elementos do significado e da forma da flor:

1. As plantas com flores são as mais belas e simbolizam a vida e a Força Vital, a criatividade natural do cosmos.
2. Visto que muitas plantas morrem e nascem de novo de suas sementes, a flor, mais do que a árvore, simboliza ciclos de crescimento, em especial de nascimento e renascimento. A seqüência, semente, broto, flor, fruto, e de novo semente, evidencia o seu ciclo.
3. Como a árvore, a semente representa o pequeno mundo ou microcosmo, e o grande mundo ou macrocosmo, o homem e o universo. No entanto, o simbolismo da flor está em suas pétalas e em seu centro, ao passo que o da árvore está em seu tronco, seus ramos e suas folhas.
4. As pétalas, particularmente de flores como a rosa e o lótus, representam séries de coisas ou eventos. As pétalas da rosa, por exemplo, simbolizam os signos do zodíaco e os planetas, bem como as letras do alfabeto hebraico.
5. Algumas flores são símbolos solares. A rosa e o lótus correspondem, no reino vegetal, ao Sol no sistema solar, e uma é usada para representar a outra. Elas estão, portanto, associadas a outros símbolos solares, como a cruz suástica, que representa o Sol e seus raios ou as quatro direções.

6. A flor, como a árvore, é dotada de poder divino ou cósmico, e simboliza esse poder. É assim associada a Deus ou a deuses, bem como avatares como representantes humanos da divindade. O deus egípcio, Hórus, é simbolizado nascendo do lótus, assim como o Buda. A rosa é com frequência associada a Jesus, o Cristo.
7. O centro da flor representa o divino centro no cosmos e no homem; simboliza a essência divina presente no reino mundano.
8. A rosa e o lótus correspondem, não somente ao Sol, mas, também ao coração do homem, ao rei ou governante, e à alma. Todos estes são considerados os mais elevados de sua série particular.
9. Não somente o mundo terrenal ou o reino mundano, mas também o Céu, o reino cósmico, ou o outro mundo, são representados pela flor. As pétalas ou séries de pétalas representam os níveis ou as características desses reinos.
10. A flor simboliza criação, porém, mais especificamente, a criação cósmica, a procriação das criaturas da Terra, e a fertilidade.

A flor simbólica, naturalmente, está relacionada com o jardim, e a rosa pode ser o centro do jardim. A flor está também associada à montanha, simbolizando a meta da ascensão. Boehme chama o Paraíso de Jardim de Rosas. Algumas flores se tornam frutos, e o fruto simboliza sabedoria. Abelhas e mel estão relacionados com as flores. As abelhas colhem o néctar das flores, que representa os ensinamentos secretos ou místicos, o conhecimento que capacita o estudante a alcançar desenvolvimento místico e união mística.

O lótus é comum ao simbolismo hindu e budista. Na mitologia indiana, a Criação começa com a emergência do lótus de mil pétalas das águas que

representam, ao mesmo tempo, o elemento vitalizador e o abismo ou caos. O lótus é o centro criativo do universo, e sua primeira irradiação é Brahma, o Criador. Portanto, o próprio Brahma é às vezes representado com o lótus. Depois de Brahma, todas as demais criaturas emergem do lótus cósmico.

A deusa Padma ou Lakshmi, esposa de Vishnu, é a deusa-mãe e uma personificação do lótus. Ela é representada de pé ou sentada sobre um lótus e pode ter um vaso de flores de lótus na mão, ou um único lótus. Esta flor, assim, refere-se a criação e procriação.

A flor simboliza também a manifestação da iluminação, na figura do Buda sentado sobre o lótus. O lótus emerge do seu próprio centro, e não do solo, modo que representa geração espontânea.

Quando a flor é ofertada à divindade, simboliza a doação do Eu ao Ser Divino, na fusão do Eu individual com o Cósmico. O lótus cresce da lama, porém, ele próprio é puro; logo, ele representa pureza e, talvez por este motivo, simboliza o desapego do mundo.

O lótus de oito pétalas pode representar a Ótupla Senda do Buda: reta compreensão, reta aspiração, reto falar, reto agir, reto meio de vida, reto esforço, reta atenção, reta meditação. Este lótus tem sido usado para representar os chakras, centros psíquicos, ou glândulas.

Finalmente, tanto na Índia como na China, tem o lótus sido associado a misericórdia e compaixão, como no caso da deusa Kuan-yin.

Para o hindu e o budista, o lótus tem vários usos e significados. Quando é o lótus do cosmos, tem, como uma espécie de fundo, os outros significados a ele associados. Um símbolo, assim, tende a ter múltiplo significado.

Na mitologia grega, o jovem Jacinto era amado por Apoio e foi acidentalmente morto por uma flecha deste último. Diz-se que a flor, jacinto, emergiu do sangue desse jovem. Anêmonas e rosas cresceram do sangue de Adônis. A flor, narciso, é explicada pelo mito do jovem cuja vaidade o levou a contemplar seu próprio reflexo num lago até que os deuses o transformaram numa flor.

A rosa representa Adônis, o jacinto representa o jovem herói que tinha este nome, e o narciso simboliza, tanto o jovem de mesmo nome como o amor ao ego. Um símbolo representa uma outra coisa, enquanto um signo apenas identifica alguma coisa.

O artista pode pintar a natureza simplesmente para apresentar sua interpretação da mesma e das forças naturais. Pode também estar usando a natureza como um padrão simbólico ou um sistema de símbolos para representar os padrões cósmicos ou arquétipos conforme expressos na natureza. As flores e, aliás, a maioria das plantas, representam as estações e as mudanças próprias das mesmas. O crescimento de folhas nas árvores e o aparecimento de botões de flores representam a primavera, ao passo que o cair das folhas, o desaparecimento das flores e a colheita, simbolizam o outono e o inverno. Neste simbolismo, porém, é representado o padrão ou ciclo arquétipo. Na pintura chinesa, este ciclo é associado ao simbolismo de *yang* e *yin*, os princípios masculino e feminino. A primavera e o crescimento se referem ao princípio ativo, *yang*, e, o outono, ao princípio passivo, *yin*.

Algumas pinturas chinesas usam a orquídea, o bambu, a ameixa e o crisântemo, para simbolizar qualidades de caráter.

No simbolismo islâmico, diz-se que a rosa branca veio do suor de Maomé, quando ele desceu do Céu. Consta que Zoroastro deitou-se em troncos para morrer,

mas eles se transformaram numa cama de rosas. O simbolismo cristão usa a rosa para representar Jesus e Maria, e a coroa de espinhos está associada a rosas, assim como a árvore com espinhos na qual Judas se enforcou.

As Guerras das Rosas, na Inglaterra, levaram à adoção da rosa Tudor, que é vermelha e branca, representando a união das duas facções dessas guerras civis.

Na alquimia, as rosas vermelhas e brancas simbolizam duas etapas da transmutação alquímica, e eram associadas ao símbolo de rei e rainha e a outros símbolos da dualidade. Esta dualidade aparece no conto de fadas em que uma mulher teria de comer uma rosa vermelha se desejasse um menino e, uma rosa branca, se desejasse uma menina.

Se, em qualquer destes usos, a flor se tornar apenas um signo identificador de um avatar, um evento, ou um atributo, terá perdido sua natureza e função simbólicas.

Nos últimos cantos da "*Divina Comédia*", Dante usa o símbolo da rosa cósmica para representar as categorias dos habitantes do Céu. E também compara os bem-aventurados a abelhas que descem até às flores em busca de paz e ardor, e sobem novamente para seus lugares, onde reina o amor.

O símbolo pertence primordialmente ao nível da experiência próprio da reação. É subjetivo e subconsciente, tanto na origem como na função. Um signo, por outro lado, é primordialmente objetivo, na origem e na função. A rosa cósmica de Dante representa o campo divino ou celestial, as emoções e idéias envolvidas neste campo. Uma flor que representa uma floricultura é um signo objetivo e identifica uma coisa que é primordialmente um lugar objetivo.

No "*Fausto*" (Segunda Parte, Ato V, Cena VI), Goethe associa rosas aos anjos que descem para reclamar a alma de Fausto e a levar. Canta o coro de anjos:

*"Rosas de gratidão,
Chamas de beatitude,
Amor estão elas produzindo agora,
Êxtase estão elas preparando agora, Como deve o
coração!
A verdade em sua proximidade,
O éter em sua claridade,
Dão as Hostes Eternas
Por toda parte o Dia!"*

Mas Mefistófeles tenta repelir as rosas, chamando-as de fogos fátuos.

Mais uma vez, como em Dante, a rosa é associada ao reino cósmico ou celestial. E é a personalidade-alma do homem que se torna parte do Cósmico após a morte.

O *Maerchen* ou *Conto de Fada* de Goethe, ao final de *Os Emigrantes Alemães*, está repleto de simbolismo alquímico, mas alguns dos símbolos são derivados de símbolos místicos tradicionais, arquétipos. A história se desenrola junto a um rio, um lado do qual representa o reino material ou mundano, enquanto o outro lado representa o reino imaterial ou psíquico. Neste último lado vive a Bela Lily, uma donzela que simboliza o Eu interior, psíquico. Qualquer ser vivo que a toca, morre, mas ela transforma pedras em seres vivos.

Um jovem que perdeu o reino do seu pai cruza o rio para encontrar Lily e, após algumas tribulações, o Príncipe e Lily se casam, simbolizando a união mística ou Consciência Cósmica.

George Herbert, poeta inglês do século dezessete, meditou sobre a impermanência das coisas terrenas, em "Vertue":

*"Doce dia, tão fresco, tão calmo, tão brilhante,
O casamento da terra e do céu,
O orvalho há de chorar tua queda hoje à noite;
Pois tu hás de morrer.*

*Doce rosa, cujo matiz turbulento e bravo
O observador pressuroso a enxugar os olhos
convida,
Tua raiz está sempre no túmulo,
E tens de morrer.*

*Doce primavera, plena de doces dias e rosas,
Uma caixa, de doçuras tão repleta,
Minha música mostra que terás o teu fim,
E tudo terá de morrer.*

*Somente uma doce e virtuosa alma,
Qual madeira bem preparada, nunca cede;
Mas, ainda que o mundo inteiro vire carvão,*

Então, acima de tudo vive."

O fato de que a raiz da rosa está no túmulo simboliza a parte do homem que não sobrevive; a rosa é terrena e tem de morrer. A rosa também é um símbolo da primavera e, portanto, da vida, mas a primavera também tem fim. Somente uma alma virtuosa, igualmente representada pela rosa, sobrevive. O que o poeta não diz é que a roseira há de florescer novamente. Um Rosacruz entenderia a rosa significando o Eu interior ou a personalidade-alma, que é liberada do reino terreno pela morte.

Falando da união dos elementos materiais, fogo, ar, água e terra, com a alma, escreveu Boehme: *"O fogo, como o elemento mais forte, tomou como seu reino o coração. Ali deve ele permanecer, de modo que sua flor ou luz sai do coração e paira sobre ele, como a chama sempre alimentada de uma vela. Esta representa o coração de carne com as essências de que brilha a luz. E o fogo se fez aceso na essência, e sempre mantém a luz, e significa que a Virgem tem o Divino Poder".* ("Três Princípios")

A Virgem é Sofia ou Sabedoria. Os símbolos funcionam inconscientemente, muito mais do que os signos. São como um golfinho, nadando debaixo d'água e de vez em quando emergindo à superfície da consciência. Um signo, por outro lado, funciona bem pouco inconscientemente. É por isto que os símbolos, aparentemente, podem de repente assumir novos significados. O uso que Boehme faz de símbolos é um exemplo disto.

Ele acreditava que seus escritos eram inspirados, e simboliza isto pela Virgem Sofia e a rosa: *"Pois, a Virgem nos ofertou uma rosa, e sobre isto desejamos escrever com palavras como as que vemos no milagre; e não podemos escrever de*

outro modo, ou a nossa pena se despedaçará, e a rosa nos será arrebatada e será para nós como antes do momento (da iluminação). A rosa ainda se encontra no centro do Paraíso, nas mãos da Virgem. Esta nos ofereceu a flor no mesmo lugar onde veio a nós, no portal do oceano, e nos ofertou o seu amor quando estávamos na montanha, perto da meia-noite, na luta e na tempestade de Babel, e nosso homem terreno nunca a tinha visto ou conhecido". ("Três Princípios").

Escrevendo sobre o conhecimento da Criação e a essência dos animais, disse ele: *"Se quereis saber, deixai de lado o orgulho que existe em vossa mente e caminhai no paradisíaco jardim de rosas, onde encontrareis uma planta. Se dela comerdes, vossos olhos se abrirão, e sabereis e apreendereis o que Moisés escreveu". ("Três Princípios").*

Em "*Símbolos Secretos dos Rosacruz*", um emprego do simbolismo da rosa representa uma rosa vermelha com duas séries de cinco pétalas. Dentro do círculo interno de pétalas, vê-se a palavra *Mea*, que significa *Minha*; em baixo, lê-se *Victoria* (Vitória); à esquerda, *in Cruce* (na Cruz); à direita, *Rosea* (Rósea). Ou seja, "*Minha Vitória na Rosa-Cruz*".

Uma outra estampa mostra a mesma rosa simbólica com o Sol à direita, e a Lua com um círculo de estrelas à esquerda. Sob a Lua, a palavra *Lege* (Eleito); sob a rosa, *Judica* (Juiz); e, sob o Sol, *Tace* (sede silente).

O Sol e a Lua, neste caso, representam a dualidade do homem, e podemos inferir que a rosa, simbolizando a personalidade-alma, é uma manifestação da união da dualidade.

A flor é um símbolo comum, mas cada grupo e cada indivíduo interpretam diferentemente o seu significado. O leitor deve verificar que significado projeta para a

flor, a semente e o fruto. Como diferem em significado várias espécies de flores, para si?

SUMÁRIO

São fatores comuns na forma e no significado da flor:

1. Vida, a Força Vital, e criatividade
2. Ciclo de crescimento, representando outros ciclos
3. O microcosmo e o macrocosmo
4. As pétalas, representando séries de coisas ou eventos
5. Algumas flores representam o Sol
6. Poder Cósmico, Deus, deuses, ou avatares
7. O centro da flor e o centro divino no Cósmico e no homem
8. A rosa e o lótus, correspondendo ao Sol, o coração, o rei ou governante, e a alma
9. Os reinos cósmicos, o outro mundo, as pétalas simbolizando os níveis ou as características desses reinos
10. Criação cósmica, procriação, fertilidade

A flor está relacionada com o jardim, a montanha, o paraíso, o fruto, a semente, abelhas e mel. São citados exemplos de religiões e mitologias: Dante, Goethe, Herbert, Boehme, e "*Símbolos Secretos dos Rosacruzes*".

CAPÍTULO XIII: SIMBOLISMO NO ANTIGO EGITO

O Egito consiste em um longo vale, com montanhas de ambos os lados; em função disto, o simbolismo da montanha é importante na religião egípcia. Em hieróglifos, murais, e inscrições em pedra, a montanha (ou colina) era representada pela Figura 1 (veja última página deste Capítulo). A Figura 2 representava a nação egípcia, e era derivada da natureza da terra do Egito, o vale com montanhas de ambos os lados. A Figura 3 representava país, mas, especialmente países estrangeiros, porque, ao contrário do Egito, a maioria deles não tinha vale central. A Figura 4 é semelhante a uma pirâmide de degraus, mas era associada ao símbolo do monte primevo, que será estudado neste Capítulo. A Figura 5 é como o primeiro hieróglifo, com o acréscimo de linhas e pontos, e representa a borda do mundo, onde o Sol nasce e se põe. O hieróglifo da Figura 6 consiste num círculo representando o Sol e as duas montanhas que indicam o nascer do Sol. Como muitos povos, os egípcios pensavam no seu país como o mundo. E ele era cercado de montanhas. As montanhas do leste, Behkatet, eram simbolizadas pela Figura 2, bem como as montanhas do oeste, Manu. O Sol nascia entre as duas montanhas do leste e, após a jornada do dia, punha-se entre as montanhas do oeste. Durante a noite, ele viajava do oeste para o leste, através do reino do mundo inferior ou Tuat.

A montanha do mundo inferior era o cemitério da margem oeste do Nilo. A deusa do mundo inferior era Hathor, que era representada à borda do mundo, a oeste de Tebas.

Na criação cósmica segundo a religião egípcia, o monte primevo surgiu do caos aquoso; assim tiveram início vida e ordem, que, no idioma egípcio, são *ankh* e *maat*. Esse monte era também a imagem arquetípica do trono, de modo que Osíris é

representado com seu trono num monte escalonado, como na Figura 4, simbolizando isto o monte original da Criação e o local do rei.

Esse monte primevo era desenhado à semelhança dos montes que surgiam acima das águas quando a inundação do Nilo começava a regredir. Desses montes provinha a vida e tinha começo um novo ciclo. Em Heliópolis, o deus Atum era considerado, entre outras coisas, como o próprio monte primevo. Este monte, o nascer do Sol, e o aparecimento da lendária Fênix, eram eventos simultâneos. Heliópolis, naturalmente, era tida como o primeiro lugar, o monte original. Provavelmente, as pirâmides foram recriações desse monte.

Essa criação cósmica, ou esse ciclo cósmico, é o padrão arquétipo de começos e ciclos terrenos, de modo que estes eventos terrenos restabelecem ou realizam novamente a criação cósmica ou o ciclo cósmico. O monte primevo e as montanhas do leste e do oeste aparecem em rituais e símbolos dos eventos terrenos.

O nascer diário do Sol não é apenas representado conforme a criação cósmica, mas, é a própria criação. A jornada do Sol pelo céu durante o dia, e através de Tuat durante a noite, cria de novo o ciclo cósmico, diariamente. O ano novo dá início a um novo ciclo e começa outra vez o ciclo cósmico.

O ciclo anual da inundação do Nilo, fertilizando o solo, também é uma repetição do ciclo cósmico. A morte do faraó representa e é o período de caos cósmico anterior à Criação, ao passo que a entrada no Tuat é o começo, a criação repetida. Além disso, a morte do velho rei, que é Osíris, e a ascensão ao trono do novo faraó, que é Hórus, o filho de Osíris, repete o ciclo.

O mito de Osíris expressa o ciclo cósmico. Osíris é assassinado por seu irmão, Set, e seu corpo é, ou afogado no Nilo, ou levado pelas águas deste rio até o

mar. Sua esposa, Isis, encontra o corpo, ou seus pedaços, e os leva de volta ao Egito. Osíris é então instalado como deus do mundo inferior, o Senhor de Tuat, e é representado sendo entronizado no monte primevo. Mais tarde voltaremos a tratar do mito de Osíris.

A natureza da terra afeta os símbolos usados por um grupo. Isto é verdade quanto aos símbolos egípcios da flor, da árvore e do jardim. Numa terra árida, molhada uma vez por ano pela inundação do Nilo, o símbolo do jardim só aparece em lugares mitológicos, como o Campo dos Juncos, no Tuat, e em outros lugares simbólicos deste gênero. O outro mundo para onde os egípcios desejavam ir era muito semelhante ao mundo em que eles viviam, mas era uma terra de abundância e tinha pessoas que trabalhavam para os mortos. Esse mundo não era tido como um jardim, a exemplo do Éden judaico.

Uma seção do Tuat egípcio era denominada "*Campo das Oferendas*", e era como um paraíso ou Campos Elísios. Nesta região se encontrava o Campo dos Juncos, onde vivia Osíris. Era para este reino de Osíris que os egípcios desejavam ir quando morressem. Ali viveriam como vivem os deuses, e esses deuses lhes permitiriam comer da árvore da vida. Em contraste com este reino de bem-aventurança, o território do deus da morte era escuro, e o terreno era rochoso e estéril.

Os egípcios, naturalmente, pensavam em função do que conheciam: o Nilo vitalizador e o deserto. A alma viajava pelo outro mundo exatamente como o Sol; o Tuat era o reino da jornada noturna do Sol. O Campo das Oferendas e o Campo dos Juncos eram alcançados por aqueles que viviam com retidão e faziam as necessárias oferendas, além de saberem os nomes ou as palavras dos portais do Tuat e de seus guardiães. Ali a alma vivia em esplendor e bem-aventurança.

É mais fácil percebermos os elementos culturais num símbolo que nós mesmos não usamos. Mas o egípcio, individualmente, atribuía também significados pessoais ao Tuat e ao Campo dos Juncos.

A lenda de Osíris é um símbolo mítico-religioso, que era usado em rituais. Fazia também parte de uma cosmologia; por conseguinte, é ainda um símbolo científico-mágico. E o místico o compreenderia misticamente.

Acreditava-se que a deusa Hathor vivia no sicômoro-figueira celestial, e dava alimento aos mortos, de uma palmeira. A oliveira era associada a Hórus, ao passo que o ataúde de Osíris era tido como o tronco de uma tamargueira. A deusa Seshat vivia junto à árvore celeste e usava suas folhas para registrar os atos e a duração da vida de homens e deuses.

O pilar Djed era um símbolo de Osíris e da ressurreição. Diz Plutarco que ele consistia num tronco oco e, quando os mortos eram colocados dentro dele, eram ressuscitados. Esse pilar era também associado à coluna vertebral de Osíris. Sua elevação era uma parte importante dos ritos ligados ao mito de Osíris. O símbolo da Figura 7 mostra o pilar Djed arrematado no alto com a ankh (cruz ansata), que significa vida; o símbolo tem ainda dois braços sustentando o Sol.


Segundo a mitologia egípcia, o deus do Sol, Ra, construiu uma escada por onde os deuses ascendiam aos céus. Acreditava-se que os mortos subiam aos céus por uma escada, como é mostrado numa vinheta do Livro dos Mortos. Eles se tornavam seres divinos entre os deuses. Diz um texto que Rã e Hórus instalaram a escada para Osíris. Em tumbas mais antigas, às vezes era colocado um modelo da escada, a fim de que, com as devidas palavras e o nome correto da escada, o morto pudesse subir aos céus.

Alguns deuses egípcios eram associados ao lótus, comum na região. Os deuses Rã e Nefer-Tem são identificados com o Sol, e ambos são às vezes representados surgindo de um lótus, simbolizando isto a natureza divina ou cósmica do deus e sua criatividade ou seu poder. Nefer-Tem era por vezes representado em forma humana, com flores de lótus na cabeça.

O Nilo do Sul tinha como símbolo o papiro, ao passo que o lótus representava o Nilo do Norte. Numa vinheta do Livro dos Mortos, podem-se ver os quatro filhos de Hórus, de pé sobre um lótus. Este lótus cresce a partir da base do trono de Osíris.

Dizia-se que o Sol nascia do lótus cósmico, e esta flor, como o próprio Sol, é associada a renascimento, simbolizado pelo nascer e o pôr do Sol. Como na Índia, o lótus representava a criação cósmica e, no Egito, ele era uma emanção de Rã. Provavelmente por causa dessa associação ao Sol nascente, esta flor às vezes simbolizava ressurreição. O papiro de Ani faz referência ao Ani morto como Osíris Ani e o faz dizer que ele é o lótus sagrado. O morto, então, é Osíris viajando pelo reino de Tuat; ele é Osíris após a ressurreição, subindo ao reino dos deuses. Mas é também o sagrado lótus cósmico.

O hieróglifo egípcio para vida, ou imortalidade, é denominado *ankh* e é uma cruz em forma de "T" com um laço no topo, como a cruz que aparece nas Figuras 7 e 8. Seu nome latino é *crux ansata*. Ela é um dos símbolos ou amuletos que os deuses e faraós sempre têm nas mãos.

Ninguém conhece a origem dessa ankh, mas ela é muito antiga. Quaisquer afirmações sobre sua origem e seu significado, exceto os significados conhecidos do hieróglifo, são conjecturas. Há um hieróglifo egípcio, , que

representa a trajetória do Sol e significa eternidade. É possível que a ankh seja derivada deste hieróglifo ou esteja a ele associada.

A adoração do Sol, quer em si mesmo, quer como símbolo da vida e da divindade, é também antiga. Possivelmente, a ankh foi derivada da figura de um homem com os braços estendidos para os lados, saudando o Sol nascente.

Um sarcófago representa o símbolo do horizonte, as duas montanhas com o Sol entre elas; do vale, pende a ankh (Figura 8). Este símbolo está situado entre os dois leões guardiães, representando os deuses Shu e Tefnut.

A adoração egípcia a Osíris é antiga e muito difundida. O mito de Osíris era a base de ritos fúnebres, de cerimônias relacionadas com o faraó e dos mistérios de Osíris. Imagens de Osíris, às vezes chamadas de jardins de Osíris, eram enterradas com sementes, associando assim o deus a ciclos naturais de crescimento. Osíris era o símbolo do Sol viajando pelo outro mundo à noite e, portanto, simbolizava ciclos solares.

O mito de Osíris varia nos detalhes. Segundo uma versão, o deus Ra criou Shu e Tefnut; estes, por sua vez, deram origem a Seb e Nut, que foram o pai e a mãe de Osíris e Ísis, Set e Nephthys. Set matou Osíris, esquartejou seu corpo e lançou os pedaços no Nilo. Ísis, com a ajuda de Nephthys, procurou e encontrou os pedaços, restaurou a vida do corpo e deu a Osíris um filho, Hórus, depois que Osíris desceu ao outro mundo, onde tornou-se deus e juiz dos mortos. Hórus, então, lutou com Set, a personificação do mal, derrotou-o, e tornou-se o legítimo governante do reino. Hórus e Set com freqüência simbolizam a dualidade de bem e mal, trevas e luz. Durante a luta, Set arrebatou o Olho de Hórus, que representava seu poder. Esse olho foi depois restaurado por Hórus.

O faraó vivo é Hórus; morto, é Osíris. Um dos dois ritos do faraó egípcio é a cerimônia de coroação, que é uma espécie de drama de mistério encenado em vários locais ao longo da rota da jornada cerimonial do rei.

Durante a primeira cena, a barca real é posta a flutuar no Nilo, e Hórus, que é o faraó, pede que lhe seja dado o Olho, simbolizando com isto a restauração da navegação após a inundação anual.

A segunda cena representa as jarras que, simbolicamente, contêm o corpo de Osíris, sendo colocadas na barca. Thoth preside ao rito e a barca representa Set, o assassino de Osíris.

Na terceira cena, um carneiro é tirado de um curral e sacrificado, Ísis aparece, e o Olho é mostrado ao público.

Na quarta cena, uma porção do carneiro é dada ao faraó, significando isto que o filho há de tomar o lugar do pai.

A cena seguinte mostra a semente espalhada no solo. Hórus pede o Olho, comparando a semente no celeiro com o Olho resgatado de Set.

Um oficial, na sexta cena, dá ao faraó dois pães, representando os dois Olhos de Hórus.

A sétima cena introduz um galho de árvore, simbolizando o corpo de Osíris ao ser colocado na barca, que representa Set.

Na cena seguinte, os objetos que simbolizam autoridade real são entregues ao faraó.

A nona cena mostra animais pisando e debulhando o cereal, mas eles são repelidos, simbolizando isto o assassinato de Osíris por Set e a derrota de Set por Hórus.


Algumas das cenas seguintes repetem eventos das anteriores, para maior proveito do público que se renova ao longo do trajeto, e todas destinam a estabelecer a autoridade do novo rei. Quando a procissão alcança Heliópolis, na décima quarta cena, o pilar Djed, simbolizando Osíris, é elevado. O corpo do rei morto é embalsamado em cenas posteriores. (Este ritual é apresentado com mais detalhes na obra de Gaster, *Thespis*.)

No ritual de sucessão, a união de pai e filho, Osíris e Hórus, do faraó falecido e seu sucessor, é simbolizada por um abraço dos dois, que, segundo se acreditava, transmitia o ka, o Eu interior, ou a força vital, de um para o outro.

Um drama ritualístico baseado no mito de Osíris era representado todos os anos, em Abi dos. A inscrição da esteia de um oficial de Usertsen III deixa claro que esse drama representava também a derrocada do inimigo de Osíris, o encontro do seu corpo, o transporte do corpo para o túmulo, na barca chamada "*Que Aparece na Verdade*", o enterro do corpo, e a ressurreição do deus. Osíris era assim um símbolo de imortalidade e renascimento ou ressurreição.

Talvez esta parte do drama corresponda aos mistérios menores dos Mistérios Gregos de Elêusis. É importante notar também que, segundo o Livro dos Mortos, Osíris concedia um segundo nascimento às pessoas, e isto pode ser interpretado como uma outra encarnação, ou o renascimento espiritual neste plano ou no outro, ou ambas as coisas.

O ritual fúnebre de uma outra pessoa falecida, que não o rei, destinava-se a lhe proporcionar alimento, roupa e outras coisas, para sua vida no outro mundo, e a torná-la um espírito vivo no outro reino. Este espírito era também Os íris, simbolicamente.

O ka que era transmitido do faraó morto para o seu sucessor é representado pelo hieróglifo dos braços estendidos para cima:  . Trata-se daquilo que é transferido de um para o outro, a fim de tornar os dois, simbólica e misticamente, um só. Assim, Osíris e o morto são um só, e podemos supor que, nos mistérios, o iniciado e o deus eram unificados.

Sugerimos que o leitor medite sobre os símbolos estudados nos Capítulos de 9 a 13, e os analise, quanto a espécie de símbolo, seu objetivo, sua origem etc.

SUMÁRIO

Parte do simbolismo egípcio é derivada da natureza do país. Isto é verdadeiro quanto a hieróglifos de montanha, terra ou país, nações estrangeiras, etc. As nações do leste e do oeste representavam as bordas do mundo e os locais onde o Sol nascia e se punha. O monte primevo surgiu das águas caóticas, no mito egípcio da Criação. A criação cósmica é o padrão arquétipo de começos e ciclos terrenos.

O Reino de Osíris era o Campo dos Juncos, no mundo inferior, Tuat. O pilar Djed era um símbolo de Osíris e da ressurreição. Era associado à coluna vertebral de Osíris. A elevação desse pilar constituía parte dos ritos ligados ao mito de Osíris.

Ra e Nefer-Tem são identificados com o Sol e representados surgindo do lótus. O papiro simbolizava o Nilo do Sul; o lótus, o Nilo do Norte. Acreditava-se que o Sol nascia do lótus cósmico, de modo que esta flor era associada ao renascimento.

A ankh pode ser associada ao hieróglifo que representa eternidade. Pode ter sido derivada da figura de um homem com os braços estendidos para os lados, saudando o Sol.

Este Capítulo apresenta o mito de Osíris e os ritos ligados ao mesmo.

É recomendado que o leitor analise os símbolos dos Capítulos Nono a Décimo Terceiro.



Figura 1

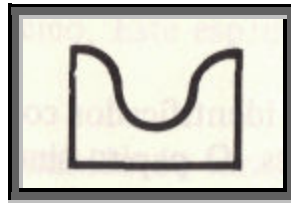


Figura 2

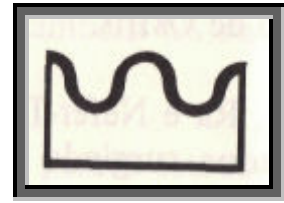


Figura 3

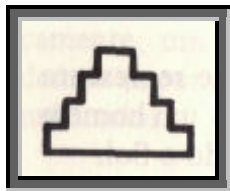


Figura 4



Figura 5

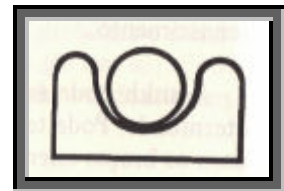


Figura 6

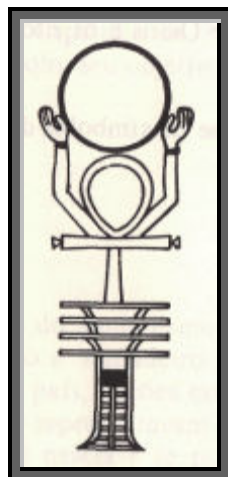


Figura 7



Figura 8

CAPÍTULO XIV: SÍMBOLOS PSÍQUICOS E SÍMBOLOS MÍSTICOS

Este Capítulo e o seguinte tratarão de símbolos psíquicos e místicos. Os órgãos receptores para impressões objetivas são as cinco faculdades sensoriais. Elas recebem vibrações de freqüência mais baixa, objetivas, e as traduzem para imagens perceptivas. Assim vemos uma mesa, ouvimos uma pessoa falar, ou sentimos um pano ao tato.

Freqüências vibratórias superiores ou psíquicas são recebidas pelos centros psíquicos, ou glândulas como a pineal, a pituitária ou hipófise, e as tireóides, e são traduzidas primeiro para freqüências mais baixas e, depois, imagens perceptivas ou impressões mentais de que a consciência objetiva pode se aperceber. Os sentidos objetivos e os centros psíquicos recebem diferentes freqüências vibratórias.

Na percepção visual, um objeto como uma mesa é traduzido para a imagem da mesa na mente. Na percepção de uma aura, ou de outras freqüências vibratórias superiores, psíquicas, as vibrações são também traduzidas para uma imagem perceptiva.

Assim, também, os símbolos são predominantemente materiais ou físicos, como uma esfera usada para simbolizar o mundo ou o universo, ou precipuamente psíquicos, como as fragrâncias ou a música que podem ser percebidas durante um período de meditação ou harmonização. As fragrâncias ou a música são impressões, mas tornam-se símbolos de harmonização para aquele que as apreende. Os símbolos que são predominantemente psíquicos podem ser subdivididos em

símbolos que surgem nos processos mentais do próprio indivíduo e naqueles que são derivados de outras fontes ou por elas estimulados.

Impressões psíquicas e símbolos, bem como outros tipos de impressões, são derivados de três fontes, ou estimulados por três fontes, a saber:

1. O mundo material, o não-Eu material, que consiste nas freqüências vibratórias inferiores. A esfera, como símbolo, é física na origem, quer o símbolo seja psíquico ou não. A linha em ziguezague que representa o relâmpago é um outro exemplo. Se uma casa representa o corpo humano, um objeto está sendo usado para representar uma outra coisa que é um objeto material.
2. Os processos mentais do próprio indivíduo são a fonte de muitas imagens. Sonhos e seus símbolos são produtos da natureza e das funções psicológicas do próprio indivíduo que sonha. Os sonhos fazem uso de símbolos que derivam de fontes objetivas, mas sua origem é primordialmente psicológica. O aroma de rosa que pode ser sentido durante um período de harmonização é um resultado da harmonização com o próprio ser do estudante de misticismo com o Cósmico. É auto-estimulado, e não estimulado de fora do próprio estudante.
3. Impressões e símbolos podem ser derivados de fontes exteriores, de outras pessoas, e do Cósmico ou de Deus; isto é, podem provir de uma outra mente ou de outras mentes. Adquirimos muitas impressões e muitos símbolos por sugestão ou instrução de outrem. Quase todos nós adotamos assim o símbolo da Rosa-Cruz. Todos os símbolos culturais são basicamente derivados de outras fontes que não o próprio indivíduo, embora a tal ponto se

integrem à constituição do indivíduo que, por exemplo, apareçam em seus sonhos.

Qualquer impressão ou símbolo, seja qual for a fonte, contém elementos humanos e é afetado pela natureza humana, porque, mesmo quando provém de uma fonte exterior ao indivíduo, é apreendido por uma dada mente humana. É associado às idéias e emoções do indivíduo, ou as adquire.

Muitos símbolos, na verdade, são uma combinação das três fontes acima; isto é, contém vários graus dos fatores material, individual, e externo. O símbolo da rosa, a despeito de onde e por quem seja usado, é parcialmente derivado da rosa material. E é associado às idéias e emoções da pessoa que o emprega. A rosa é um símbolo comum, cujo significado associamos, por exemplo, a obras como "*O Romance da Rosa*" ou a última parte da "*Divina Comédia*" de Dante. Todos os tipos de símbolos são derivados destas três fontes, mas cada símbolo pertence primordialmente a algum tipo.

Os símbolos psíquicos, como outros, têm sua forma derivada do mundo material. O significado e o uso do símbolo decorrem dos processos mentais do próprio indivíduo e de fontes exteriores ao mesmo. Todavia, mesmo quando o significado é derivado de uma fonte exterior, ou por ela sugerido, deve ser apreendido e compreendido pelo indivíduo e, portanto, depende de suas próprias funções mentais, de suas atitudes e do seu discernimento.

A forma de qualquer símbolo, inclusive símbolos psíquicos, pode ser sugerida por uma fonte exterior, como uma outra pessoa, mas essa forma não deixa de ser baseada na experiência do mundo material.

Um símbolo psíquico, uma impressão ou uma experiência psíquica, é aquela que constitui uma apreensão ou interpretação de energias ou freqüências vibratórias superiores. Provém das três fontes dadas acima, ou é estimulada pelas mesmas, mas é sempre um produto dos processos mentais e espirituais do próprio indivíduo, de seus desejos etc.

Trata-se de um produto do seu desenvolvimento psicológico, psíquico, e místico, e expressa este desenvolvimento. De certo modo, o indivíduo está mostrando a si mesmo sua própria percepção, seus sentimentos, suas atitudes e seus conceitos. Assim como um pesadelo pode ser um resultado do medo do próprio indivíduo, símbolos percebidos durante um período de meditação decorrem de sua própria harmonização ou de sua própria compreensão de um pensamento ou princípio místico.

Do exposto acima, segue-se evidentemente que símbolos psíquicos, impressões psíquicas, e experiências psíquicas, são diferentes de outros tipos, de dois modos:

1. São estimulados por freqüências vibratórias superiores e são um produto destas vibrações.
2. Os órgãos usados para perceber ou sentir essas vibrações são diferentes dos que são usados na percepção objetiva.

A única maneira de o homem expressar sua consciência de impressões e experiências psíquicas e místicas é pela simbolização, traduzindo a impressão ou experiência para uma forma simbólica que possa ser apreendida subjetivamente e depois expressa numa forma objetiva, através de literatura, artes plásticas, música,

etc. Uma impressão psíquica é uma tradução de vibrações ou energias para alguma outra coisa, algo de frequência inferior. Trata-se, portanto, de um símbolo; mais do que uma percepção objetiva, é uma representação na mente, uma imagem que representa as vibrações psíquicas.

Uma coisa que o estudante de misticismo deve aprender é compreender a diferença que existe entre impressões e símbolos originados internamente, de seus próprios processos mentais, e aqueles que são derivados de fontes ou estímulos externos, ou seja, que têm origem fora dele mesmo.

Há aqui uma dupla dificuldade. Primeiro, a imagem mental de um símbolo originado internamente parece a mesma de uma percepção, um conceito, ou uma impressão, originados exteriormente. O aroma de rosa durante uma meditação pode ser tão real que a pessoa procure ver a rosa ou um incenso com a sua fragrância. A imagem de uma rosa vista durante uma meditação pode ser tão real quanto a percepção de uma rosa material. A Rosa-Cruz vista mentalmente pode ser tão clara quanto uma Rosa-Cruz vista objetivamente.

Em segundo lugar, com frequência não temos consciência do estímulo ou da origem de percepções objetivas. Quando caminhamos pela rua, vemos coisas de que depois não nos lembramos. Quando conversamos, ouvimos coisas que também esquecemos. O que vemos ou ouvimos pode atuar como uma sugestão para a mente subconsciente, sem que o percebamos. Algum tempo depois, a idéia ou imagem retorna e parece inteiramente nova. Além disso, a imaginação criadora provavelmente alterou essa idéia ou imagem, e talvez tão completamente que, mesmo que a tenhamos lembrado, poderemos deixar de reconhecer sua origem.

Assim, também, impressões intuitivas ou Cósmicas, quando surgem na consciência, parecem completamente novas. Tanto estas como as impressões e os

símbolos derivados da experiência material, física, ocorrem através das funções subconscientes da mente. Embora sua fonte seja diferente, elas podem parecer iguais. Impressões originadas das funções mentais do próprio indivíduo podem ser confundidas com impressões intuitivas ou Cósmicas, porque parecem iguais.

Além disso, os seres humanos naturalmente projetam suas idéias e emoções para as pessoas e o mundo que os cercam. Para o indivíduo, essas idéias e emoções parecem ser, não parte dele próprio, e sim de uma outra pessoa ou coisa. Os símbolos são também projetados ou transferidos para uma outra fonte, seja humana, natural, ou Cósmica. Isto pode lhes conferir mais importância e autoridade do que eles teriam de outro modo, e pode ser um meio de evitarmos a responsabilidade por nossos próprios processos mentais e suas conseqüências. E, o que é mais importante, isto implica em negarmos a função e o desenvolvimento do Eu interior.

Todos os símbolos são fundamentalmente subconscientes ou psíquicos, em origem e função. Eles nascem nas funções subconscientes ou psíquicas da mente. Os símbolos se tornam subjetivos e objetivos pelo uso, pelo processo de os apreendermos e expressarmos.

O símbolo da esfera, primordialmente material, que representa a Terra ou o universo, surge subconscientemente por uma fusão da forma e do significado. A forma e o significado são associados subconscientemente, e são apreendidos objetivamente e expressos sob forma de discurso, desenho etc. A forma e o significado de um símbolo psíquico, como de qualquer outro símbolo, são relacionados por associação, sugestão, ou correspondência. A união do significado positivo e da forma negativa é essencial à simbolização, e ocorre subconscientemente.

A rosa simbólica é um exemplo disto. Ela está naturalmente relacionada com o Sol e o coração, porque estas coisas se correspondem. O Sol representa, para o sistema solar, o que a rosa representa na hierarquia das flores e o coração representa para o homem. Em parte por corresponder ao Sol, a rosa é associada ao Eu interior, mas a união da forma e do significado ocorre subconscientemente.

A forma e o significado, em símbolos psíquicos como em outros símbolos, são afetados pela experiência e a percepção do indivíduo, pela cultura em que ele vive, e pelas outras pessoas que, além dele, observam e usam os símbolos.

O símbolo da rosa, por exemplo, é afetado pela percepção e a experiência de rosas que tem o indivíduo; por suas próprias idéias e emoções. Pode ser afetado por conceitos religiosos e pelo conhecimento de botânica, ambos elementos culturais. Se este símbolo é compartilhado com outras pessoas, então é também afetado pela experiência e a compreensão dessas pessoas.

Todo símbolo é afetado pelas atitudes da pessoa que o apreende; contém elementos pessoais. Essa pessoa vive num determinado grupo cultural e, uma vez que o símbolo é afetado por esse grupo, é um símbolo cultural. Quando ele é usado por outras pessoas, é afetado por suas atitudes.

Símbolos arquétipos, ou símbolos cósmicos, são primordialmente psíquicos em origem, e também em natureza e função. Estão baseados em padrões arquétipos ou cósmicos (em contraste com tipos manifestos), e são apreendidos, expressos e usados, tanto por indivíduos como por grupos, em muitos lugares e muitas épocas. O jardim, a flor, a árvore e a montanha, são símbolos arquétipos que se encontram desde épocas antigas a modernas em quase todas as partes do mundo. A cruz, em suas muitas formas, é um símbolo arquétipo.

A forma destes símbolos corresponde a padrões e significados cósmicos ou arquétipos e os expressam, porém, os significados estão baseados tanto em elementos cósmicos como em elementos materiais. O jardim e a árvore podem representar união na multiplicidade, devido à sua natureza material. Cada qual é composto de muitos elementos, mas consiste na união desses elementos.

Símbolos mitológicos e religiosos são basicamente arquétipos e, portanto, primordialmente psíquicos. A mitologia e a religião, explicam e controlam a natureza subjetiva, subconsciente e psíquica do homem, e sua relação para com o cosmos e o Ser Divino, a fim de controlar a vida neste mundo e a vida no outro mundo. A mitologia trata da correspondência e relação entre os reinos divino, mundano e humano. Traduz uma representação imaginária do divino, do mundano e do humano, para uma história ou um conjunto de histórias, a fim de explicar a origem e a natureza dos três reinos.

O mito egípcio de Osíris e os dramas de mistério osirianos são baseados em ciclos de crescimento e nos ciclos do Sol. O mito personifica o poder da natureza, sua morte e ressurreição no mito do deus Osíris. Ele é o símbolo arquétipo que representa a natureza, o Sol, o Eu espiritual do homem, o rei, e o iniciado. Como todos os símbolos, o símbolo mitológico é um produto das funções subconscientes ou psíquicas da mente. Além disso, é uma projeção da mente para o mundo ao redor do homem. Mitos explicam a ordem do universo por meio de uma ordem interna, mental, que é projetada para o não-Eu.

É a natureza arquetípica de símbolos mitológicos e religiosos que os faz parecer universais. Seus elementos básicos ocorrem no simbolismo de muitas épocas e muitos lugares. Eles constituem a apreensão de um padrão arquétipo ou de uma ordem arquetípica, manifesta no tipo mundano.

Além disso, símbolos místicos são primordialmente arquétipos e, portanto, psíquicos. O jardim significa, não somente o jardim da flor ou da árvore, representando os ensinamentos místicos, mas, a manifestação do elemento cósmico ou divino e a união do mundano com o divino. O Sol simboliza luz e, portanto, iluminação mística, mas é também o símbolo da divindade manifesta na Terra. Como ele é necessário à vida, simboliza a vida e a Força Vital que é a manifestação da energia cósmica.

Símbolos psíquicos, impressões psíquicas e experiências psíquicas, são um produto da compreensão do próprio indivíduo, mesmo quando provêm de uma fonte exterior. Até certo ponto, dependem dessa compreensão, e são expressos e apreendidos por meio da experiência do indivíduo. A fra-grância ou a música apreendidas durante um período de harmonização estão baseadas em impressões sensoriais, físicas, e ambas são símbolos da harmonização, bem como um produto da mesma.

O principal valor dos símbolos psíquicos está na compreensão de si mesmo e na expansão da consciência. Eles vêm à mente porque representam parte da experiência do indivíduo; decorrem de suas emoções, idéias, sensações, seus desejos etc., e os simbolizam. Mesmo quando provêm de fontes exteriores ao indivíduo ou de intuição, são também extraídos do próprio indivíduo e são expressos através de seus processos psicológicos e psíquicos. Ajudam o indivíduo a apreender e se ajustar a suas relações com o não-Eu e, nisto, ajudam a expansão de sua consciência.

Os símbolos psíquicos nascem ou resultam de:

1. Meditação, harmonização, e intuição. São produtos naturais destas práticas ou funções e simbolizam o estado de consciência, os sentimentos como o de paz, ou o êxtase da união mística. Podem provir de impressões intuitivas ou, por telepatia, de fontes exteriores ao indivíduo. Estas fontes podem ser outras pessoas, um Mestre, ou a Mente Cósmica. Mas esses símbolos podem ser o resultado dos processos mentais do próprio indivíduo e de sua experiência; representam, então, a voz do Eu interior. Com freqüência os místicos negam esta natureza interior, atribuindo-a uma fonte exterior.
2. O desenvolvimento psicológico e psíquico do próprio místico é representado em símbolos psíquicos e psicológicos. Freqüentemente, este é o meio mais claro e talvez o único meio pelo qual pode o desenvolvimento ser apreendido. Os símbolos tanto representam como promovem o desenvolvimento do místico.
3. Desejos psicológicos, intelectuais e espirituais, são uma fonte de símbolos psíquicos. O duplo triângulo, ou estrela de seis pontas, pode ser um símbolo de harmonia e integração, no âmago do Eu ou com o Cósmico, e decorre da experiência dessa harmonia. Mas provém também do desejo de harmonia e integração, quando estas ainda não se realizaram; então, o símbolo representa uma necessidade, e não uma consecução.
4. Símbolos podem ser recebidos telepaticamente de outros indivíduos. Experimentos de percepção extra-sensorial ou parapsicologia têm demonstrado isto.
5. Símbolos podem ser adquiridos por instrução ou sugestão de outrem. A maioria de nós aprende a forma e o significado do símbolo da Rosa-Cruz

através de leitura ou por instrução oral. Os símbolos que são aprendidos de escritos sagrados podem se apresentar como símbolos psíquicos.

6. Algo que o estudante vê, ouve ou lê, pode lhe dar uma idéia que atue como uma espécie de auto-sugestão e que sua imaginação utilize para criar um novo símbolo. Esta auto-sugestão pode ser consciente, mas pode prosseguir inconscientemente.
7. A imaginação e a fantasia desempenham assim um papel importante na simboliza cão, porém, embora utilizem elementos da experiência do indivíduo, estes podem não constituir uma fonte decisiva, como já estudamos com relação à auto-sugestão. A imaginação unifica várias facetas da experiência e as transmuta de modo que elas se tornam irreconhecíveis sem uma análise minuciosa do símbolo psíquico.
8. Os símbolos psíquicos são produtos do pensamento deliberado, dos desejos do indivíduo. Por exemplo, um pesquisador deseja muito conhecer alguma coisa, mas não consegue descobri-la ou encontrar uma resposta para sua indagação. Ele produz então uma resposta por seu próprio raciocínio e sua imaginação, embora possa não estar inteiramente consciente disto. Analogamente, se um estudante de misticismo acha que ver ou ouvir símbolos psíquicos é importante, pode produzi-los simplesmente por desejá-los. Uma das coisas que ele deve aprender é o caso em que o pensamento deliberado é a base de tais experiências e símbolos. Só a análise e a prática podem ensinar isto.
9. Símbolos psíquicos podem ser trazidos de encarnações anteriores.

Uma pessoa que tenha sido Rosacruz numa vida anterior pode conhecer e compreender a Rosa-Cruz, e vê-la psiquicamente, antes de se tornar Rosacruz na vida atual. Os símbolos podem provir de experiências comuns de vidas anteriores, as quais adquirem significado simbólico. Este é o caso de edifícios, pessoas que se tornam símbolos, e do simbolismo do fogo e da água. Deve-se compreender, porém, que a memória de encarnações passadas não é a única e provavelmente não é a maior fonte de símbolos psíquicos. Quando é um dos elementos, essa memória tem de ser despertada por experiências da vida atual.

SUMÁRIO

Na percepção visual, o objeto é traduzido para uma imagem mental. Na percepção de fenômenos vibratórios superiores, psíquicos, as vibrações são traduzidas para uma imagem perceptiva.

Os símbolos são predominantemente materiais, físicos, ou psíquicos.

Tanto impressões psíquicas e outras, como símbolos, são derivados de três fontes ou são estimulados por três fontes: (1) o mundo material; (2) os processos mentais do indivíduo; e (3) outras mentes.

Muitos símbolos são uma combinação destas três fontes.

Símbolos psíquicos, como outros símbolos, têm uma forma derivada do mundo material e um significado derivado dos processos mentais do próprio

indivíduo, bem como de fontes exteriores. O significado, mesmo quando derivado de fontes exteriores, deve ser apreendido e compreendido pelo indivíduo. A forma deve ser baseada na experiência do mundo material.

Um símbolo psíquico, uma impressão psíquica, ou uma experiência psíquica, é uma apreensão e interpretação de frequências e energias vibratórias superiores. Trata-se de um produto do desenvolvimento psicológico, psíquico e místico do indivíduo, que expressa esse desenvolvimento.

Símbolos, impressões e experiências de natureza psíquica são diferentes de outros de dois modos: 1. São estimulados por frequências vibratórias superiores e são produtos dessas frequências. 2. Os órgãos usados para perceber ou sentir essas vibrações são diferentes dos órgãos empregados para a percepção objetiva. Uma impressão psíquica é uma tradução de vibrações ou energias para alguma outra coisa e, assim, constitui um símbolo.

O estudante de misticismo deve aprender a perceber a diferença entre impressões e símbolos originados internamente e originados externamente. Isto é difícil por duas razões: 1. As imagens mentais originadas internamente parecem iguais às que se originam externamente. 2. Com frequência não temos consciência da origem de percepções objetivas.

Os seres humanos projetam suas idéias e emoções para as pessoas e o mundo que os cercam.

Todos os símbolos são fundamentalmente subconscientes ou psíquicos em origem e função.

Os símbolos arquétipos são primordialmente psíquicos, em origem, natureza e função. Isto é verdadeiro quanto a símbolos mitológicos e religiosos, que

são basicamente arquétipos. Os símbolos místicos são também primordialmente arquétipos e psíquicos.

O principal valor dos símbolos psíquicos está na compreensão de si mesmo e na expansão da consciência.

Os símbolos psíquicos derivam de:

1. Meditação, harmonização e intuição
2. Desenvolvimento psíquico, místico e psicológico, do próprio místico
3. Desejos psicológicos, intelectuais e espirituais
4. Impressões recebidas telepaticamente
5. Instrução ou sugestão de outrem
6. Auto-sugestão, em função do que o indivíduo vê, lê etc.
7. Imaginação e fantasia
8. Pensamento volitivo ou deliberado
9. Encarnações anteriores

CAPÍTULO XV: FUNÇÃO PSICOLÓGICA E FUNÇÃO MÍSTICA DOS SÍMBOLOS – PERIGOS DA SIMBOLIZAÇÃO

Para o místico, o símbolo funciona psicológica e misticamente, e estas funções são na realidade dois aspectos do mesmo todo. E não devem ser separadas; portanto, os símbolos, na experiência individual do místico, devem ser considerados e analisados nestes dois aspectos.

As funções psicológicas são funções mentais como a percepção e a emoção. Pertencem ao indivíduo e suas reações para consigo mesmo, as pessoas que o cercam, e o mundo em geral.

As funções místicas provêm de experiências místicas e das reações ou respostas emocionais e conceptuais às mesmas, e as expressam. A diferença entre estas e as experiências psíquicas estudadas no Capítulo anterior está em que as funções psíquicas pertencem à natureza das frequências vibratórias, ao passo que as funções psicológicas e místicas pertencem à natureza da experiência e das reações ou respostas a esta.

As frequências vibratórias mais altas, psíquicas, participam de experiências e símbolos místicos e psicológicos.

Elas são a base ou o meio pelo qual o místico alcança a união. Portanto, o desenvolvimento das funções psíquicas da mente é necessário ao desenvolvimento místico, mas estas funções, em si mesmas, também podem ser psicológicas. Mais freqüentemente, são místicas e psicológicas. Isto é, os símbolos são psíquicos em natureza, mas funcionam psicológica e misticamente.

Por exemplo, o símbolo da montanha pode aparecer num sonho. Quanto a ele ser psicológico ou místico, depende da formação e da natureza do indivíduo.

Em geral, símbolos como este têm mais de um nível de significado; a montanha pode representar um desejo psicológico de atingir algum objetivo, ou pode simbolizar a elevação da consciência e a consecução da união mística.

Um símbolo pode ter mais de dois níveis de significado. Pode ser principalmente psicológico mas ter mais de um significado psicológico, além de um significado místico. Quanto a qual seja o significado predominante, deve ser decidido por meditação e por uma análise que o indivíduo faça de sua própria natureza, bem como dos eventos, das atitudes, emoções e experiências anteriores à sua consciência do símbolo. O estudante que omite os níveis psicológicos do significado está desprezando uma parte essencial de sua função.

Símbolos místicos e psicológicos são usados para muitas finalidades. Os símbolos místicos são, naturalmente, usados em rituais e iniciações, para induzir uma experiência psíquica e mística, transmitir conhecimento etc. São empregados em ensinamentos místicos, para instruir o estudante em princípios místicos básicos. Os símbolos místicos com freqüência fazem parte de exercícios praticados para fins de desenvolvimento psíquico e místico. São às vezes objeto de meditação, para ajudar a alcançar harmonização, e podem ser um produto dessa meditação.

A simbolização é uma função que distingue o homem dos animais. Os animais aprendem a usar signos ou sinais, mas não simbolizam. Evidentemente, o uso de símbolos apresenta vantagens.

Psicologicamente, a percepção e a memória dependem parcialmente da simbolização. Uma imagem perceptual não é o próprio objeto; representa esse objeto. A imagem mental de uma página deste Capítulo não é a própria página; apenas a representa. Além disso, a percepção do mundo objetivo é a base da forma de símbolos e de alguns dos seus significados. A forma da cruz, como símbolo, é

baseada em madeira, cerâmica, metal etc., concretos, dispostos na forma característica da cruz. Esta forma pode ser derivada das quatro direções, que constituem um modo de dividir a Terra objetiva.

A percepção é uma espécie de signo que identifica um objeto para o indivíduo que o vê. A associação mental com outros objetos semelhantes permite ao homem classificar e, conseqüentemente, lembrar. Isto faz parte do processo de ordenar o passado e projetar ordem para o futuro. Mas esse passado lembrado e o futuro imaginado representam o passado e o futuro reais.

Objetos, pessoas e eventos que se tornam simbólicos influenciam a percepção e a memória do indivíduo. Vemos as coisas diferentemente, em parte porque a transformação simbólica e a ordenação da experiência é diferente em cada um de nós. Assim como dois pintores não pintarão uma cena do mesmo modo, assim também as pessoas percebem, reagem e simbolizam de modos diferentes. A percepção, a reação e a simbolização estão intimamente relacionadas a ponto de serem inseparáveis.

A compreensão de si mesmos e do não-Eu é expressa por símbolos que podem ser lingüísticos, artísticos, científicos, religiosos, etc. Ao usarmos tais símbolos, estamos também ajudando a aprofundar a nossa compreensão. Os símbolos são, então, ao mesmo tempo um produto da compreensão e um recurso para compreensão. Quando expressamos em palavras uma experiência que tivemos, estamos simbolizando essa experiência. A expressão é um produto da compreensão da experiência, mas, quando a formulamos para nós mesmos ou a expressamos para outrem, estamos também ajudando a compreensão.

Pensamentos, conceitos e emoções, são reações à experiência. As coisas acontecem e nossa apreensão das mesmas é a base de emoções a seu

respeito. Este é o caso de conceitos como de justiça e mal, e de pensamentos quanto a por que algo é justo ou mau, ou o que pode ser feito a este respeito. Tais pensamentos e emoções podem se tornar em si mesmos simbólicos, mas a formulação dos mesmos em nossa mente é possível parcialmente devido à capacidade de simbolização do homem, que lhe permite falar de eventos e da experiência, por exemplo.

Várias formas de simbolização possibilitam a expressão de idéias, emoções etc. Um professor instrui sua classe, e a mãe o seu filho, por meio da linguagem, que é um sistema de símbolos e signos. Símbolos místicos têm sido usados desde a antigüidade, para instruir candidatos a iniciação.

Os símbolos são um produto e uma expressão da integração psicológica do indivíduo, ou seja, da união harmoniosa das diversas facetas de sua natureza psicológica. Símbolos de sonhos e de obras de arte são derivados dessa criadora auto-integração de funções psicológicas e natureza psicológica. Como já foi salientado, os símbolos são também meios ou instrumentos para essa integração.

Muitas dessas vantagens humanas se aplicam psiquicamente, bem como psicologicamente. A percepção ou apreensão mental de fenômenos psíquicos depende igualmente (talvez mais) de símbolos, porque tem de ser traduzida para símbolos de que as faculdades objetivas e subjetivas possam tomar consciência.

A compreensão deve incluir experiências, impressões e símbolos, de natureza psíquica. Pensamentos, conceitos e emoções, são derivados de experiências, impressões e símbolos de natureza psíquica; isto é, estão associados a reações a fenômenos vibratórios superiores, ou constituem tais reações. A harmonização desperta idéias e emoções, e estas são apreendidas e expressas em símbolos.

Quando as experiências, as impressões e os símbolos são expressos em forma objetiva, podem ser usados para aprofundar a compreensão do indivíduo e para ele se instruir ou instruir a outrem.

Experiências psíquicas ocorrem total ou parcialmente sob forma de símbolos. Fenômenos parapsicológicos se manifestam total ou parcialmente em forma de símbolos, como no caso das cartas com desenhos geométricos usadas em experimentos de percepção extra-sensorial (PES). Uma impressão de uma pessoa, ou uma mensagem recebida de uma pessoa, podem ocorrer em forma simbólica.

A experiência de harmonização ou união mística resulta em consciência de símbolos relativos a essa experiência, mas símbolos de harmonização, iluminação e união, são usados para fins de meditação. Eles podem ser um meio para se alcançar esses estados místicos de consciência.

O benefício final consiste, assim, na integração do Eu e na união com Deus, que são expressas e manifestas em símbolos, que ajudam a obter a consecução final.

Há três perigos básicos na simbolização, especialmente no uso de símbolos psíquicos e místicos. O primeiro é a interpretação errônea dos símbolos, tanto na forma como no significado. Se a impressão ou imagem do símbolo não é clara na mente, o indivíduo tende a preencher os detalhes vagos, e isto leva a uma interpretação errônea do significado e da forma.

As emoções do homem afetam sua interpretação de símbolos. As pessoas tendem a acreditar naquilo em que desejam acreditar, e a não acreditar naquilo que temem. O pensamento deliberado, portanto, afeta os símbolos, alterando a forma mentalmente percebida e criando uma representação para o significado ajustada a desejos, ambições, temores etc.

O segundo perigo está no uso excessivo de símbolos e na concentração excessiva nos mesmos. Símbolos, especialmente psíquicos e místicos, são com freqüência um produto secundário de experiências ou processos mentais; não constituem a própria experiência. Isto é particularmente verdadeiro quanto à harmonização e à união mística. É verdade que a pessoa pode receber uma impressão em forma de símbolo, que seja de fato uma mensagem a ser recebida e considerada. Muitas vezes, porém, os símbolos representam a experiência e as emoções por ela despertadas, e não significam mais do que o fato de que o indivíduo elevou seu nível de consciência. A concentração em tais símbolos irá apenas bloquear o estudante em relação à meta por ele almejada. É melhor refletir sobre os símbolos após a experiência. Então, eles revelam algum significado que não foi percebido e podem ser usados posteriormente para meditação.

Todos os seres humanos tendem a projetar emoções e idéias para o não-Eu, o mundo e as pessoas que os cercam. Estudantes de misticismo às vezes projetam símbolos, bem como idéias, impressões e mensagens, para alguém ou alguma coisa exterior a eles próprios, quando, na realidade, esses símbolos provieram do seu âmago, do Eu interior do próprio estudante. Isto evita responsabilidade e confere à mensagem ou ao símbolo a autoridade de um Mestre, porém, também nega a capacidade (ou a falta de capacidade, se a mensagem não é verdadeira ou correta) do Eu interior.

Símbolos, impressões e experiências de natureza psíquica, quando se tornam demasiadamente importantes, dão ao estudante um forte sentimento de consecução, quando, na realidade, ele está evitando o desenvolvimento que deseja.

Está apenas enganando a si mesmo, criando o sentimento de que está progredindo em desenvolvimento psíquico e místico, quando está apenas se ocupando em seguir caminhos laterais.

Não se deve entender por isto que impressões e símbolos psíquicos não sejam valiosos. Mas isto significa, sim, que o estudante deve aprender a distinguir os que são valiosos dos que não o são, e deve compreender que a harmonização, a união, e a expansão da consciência, constituem as verdadeiras metas.

Finalmente, o verdadeiro estudante de misticismo não usará símbolos para fins mágicos. Esta espécie de magia é um uso errôneo, uma degeneração de princípios místicos. A meditação mística, por exemplo, não requer o uso de supostas forças ocultas; consiste parcialmente em que se usem os poderes da mente e outros fenômenos vibratórios e naturais para objetivos místicos.

Os símbolos, quer consistam em linguagem verbal, pintura, música, ou qualquer outra coisa, são um meio para um fim, e não um fim em si mesmos. Quando se tomam um fim em si mesmos, causam mais mal do que bem, e não ajudam na autocompreensão e na compreensão do mundo e do Cósmico. Corretamente usados, ajudam nessa compreensão e, através da mesma, na consecução da união mística.

Deve-se compreender que os benefícios e perigos que acabamos de esboçar se aplicam também a experiências e impressões psíquicas.

O homem funciona psicologicamente; isto constitui a base dos seus padrões de comportamento. Na medida em que experiências e símbolos psíquicos e místicos são individuais, funcionam segundo princípios psicológicos, além de outros.

A compreensão de símbolos, impressões e experiências, do ponto de vista psicológico, é uma base necessária ao discernimento e ao desenvolvimento psíquicos e místicos.

Assim como obras de arte são símbolos do indivíduo que as cria, assim também a linguagem e a vida de uma pessoa são um símbolo dela mesma. Nossa conduta e nosso modo de falar nos representam, tanto para nós mesmos como para os outros. Recomendamos que o leitor medite sobre sua vida e sua linguagem como símbolos pessoais.

SUMÁRIO

Os símbolos funcionam psicológica e misticamente. As funções psicológicas são funções mentais, como a percepção e a emoção. Elas dizem respeito ao indivíduo e a suas reações e respostas. Funções místicas nascem de experiências e reações místicas e das respostas às mesmas, e as expressam.

A diferença entre estas e as experiências psíquicas está em que as últimas pertencem à natureza das frequências vibratórias, ao passo que as experiências psicológicas e místicas pertencem à natureza da experiência. As frequências vibratórias superiores, psíquicas, fazem parte da experiência e dos símbolos místicos e psicológicos.

O uso de símbolos é benéfico. A percepção e a memória dependem parcialmente da simbolização. Objetos, pessoas e eventos que se tornam simbólicos influenciam a percepção e a memória do indivíduo. A compreensão de si mesmo e do não-Eu é expressa em símbolos. Pensamentos, emoções e conceitos, tornam-se simbólicos. A simbolização possibilita a expressão de idéias, emoções etc. Símbolos são um produto e uma expressão de integração psicológica, e um meio para se alcançar essa integração. Muitos dos benefícios da simbolização se aplicam psíquica e psicologicamente. Experiências psíquicas e fenômenos parapsicológicos manifestam-se em símbolos. A harmonização resulta em consciência de símbolos da experiência, que são usados para meditação.

Há também perigos na simbolização. O primeiro é a interpretação errônea dos símbolos. O segundo é o uso excessivo dos símbolos e a concentração excessiva nos mesmos. O terceiro está em que os símbolos sejam usados para fins de magia.

Símbolos são um meio para um fim, e não um fim em si mesmos.

Na medida em que experiências e símbolos psíquicos e místicos são individuais, funcionam segundo princípios psicológicos, além de outros. A compreensão dos mesmos do ponto de vista psicológico é uma base necessária ao discernimento e ao desenvolvimento, do ponto de vista psíquico e místico.

É recomendado que o leitor medite sobre a sua vida e a sua linguagem como símbolos pessoais.

CAPÍTULO XVI: EXEMPLOS DE SÍMBOLOS MÍSTICOS - HEINRICH KHUNRATH, ROBERT FLUDD, E MICHEL MAIER

Exemplos de símbolos místicos são encontrados nas obras de Rosacruzes do século dezessete, como Heinrich Khunrath, Robert Fludd e Michael Maier. Todos são símbolos de origem cultural, que usam princípios da filosofia Hermética, da Cabala Judaica, e da alquimia transcendental.

Estes símbolos indicam a ordem, a harmonia e a unidade do universo, do homem e do Cósmico ou Deus. Mostram a hierarquia da Criação e são baseados no axioma Hermético, "*assim como é em cima é em baixo*", e no conceito de macrocosmo e microcosmo, que será estudado no Capítulo final desta série.

Representando a unidade das esferas ou dos reinos da Criação, eles simbolizam a relação que existe entre esses reinos, e sua harmonia e similaridade. Mediante real simbolismo ou por implicação, representam a relação do homem para com o resto do universo e o Cósmico.

À maneira da verdadeira filosofia cabalística, simbolizam a criação e emanção das esferas que constituem os atributos de Deus. O símbolo de Khunrath representa a unidade de todo o Ser em função das correspondências da filosofia Hermética e do cabalismo. Um reino corresponde a outro; assim, as partes individuais dessas esferas também se correspondem.

"*Anfiteatro da Sabedoria Eterna*", obra de Khunrath publicada no começo do século dezessete, contém várias estampas na frente do livro. Uma delas é um símbolo que consiste em cinco círculos concêntricos. Este símbolo é mostrado adiante, na Figura 1 da página 186.

O círculo externo contém os Dez Mandamentos do Velho Testamento. E apresenta a Hierarquia Celestial, na base dos Mandamentos. Na parte superior, dividindo o primeiro e o último Mandamentos vê-se um triângulo apontando para cima, com o nome de Deus num tetragrama. A citação logo abaixo do círculo dos Mandamentos é a seguinte: *"Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, toda a tua alma, toda a tua fortaleza, e toda a tua mente, e o teu próximo como a ti mesmo"*.

Segue-se o alfabeto hebraico, começando por Aleph, na ponta inferior direita do triângulo, e prosseguindo no sentido horário. Cabe lembrar que as letras hebraicas também representam números.

O terceiro círculo contém os sephiroth (ou esferas) cabalísticos, que são os atributos de Deus. Estes sephiroth estão distribuídos em pares, de modo que formam um pentagrama com a ponta principal em baixo. A esfera escura na parte superior deste círculo tem a palavra hebraica para Ain Soph, que significa o Infinito, o Deus oculto; e a esfera clara, na parte inferior do mesmo círculo, contém a palavra para Verdade. Dentro do terceiro círculo vê-se um quarto círculo, de fogo, com cinco chamas mais longas contendo as letras Yod, He, Shin, Vau, e He. Estas formam um outro pentagrama, com a ponta principal em cima. Neste círculo de fogo há ainda os dez nomes de Deus conforme o Velho Testamento.

O círculo interno final, de luz, contém as inscrições: *"Por este sinal vencereis"*, e *"Ele foi o verdadeiro filho de Deus"*. A figura no centro, portanto, é Jesus, o Mestre. A seus pés vê-se a figura da lendária Fênix, a ave que renascia de suas próprias cinzas.

O triângulo simboliza Deus; o círculo escuro abaixo do triângulo, Ain Soph, representa o oculto, o imanifesto, o incognoscível. O círculo claro, Verdade, é portanto a manifestação da Divindade.

Há uma correspondência entre as quatro séries de dez:

1. Os Mandamentos
2. A Hierarquia Celestial
3. Os Sephiroth
4. Os Nomes de Deus

Os cinco pares de sephiroth também correspondem às letras Yod, He, Shin, Vau, He.

O triângulo, não só representa a Divindade, mas, se é colocado na forma de uma tetractys pictagórica, significa que o Ser é número, como acreditavam os Pitagóricos, e mostra a relação que existe entre a unidade e a multiplicidade.

O conjunto de letras, Yod, He, Shin, Vau, He, simboliza o nome de Jesus e foi obtido acrescentando Shin ao nome inefável de Deus.

A figura no centro representa o Espírito Crístico e, portanto, o Mestre ou o Iniciado. Sua associação com a Fênix simboliza renascimento espiritual e união mística.

A figura inteira pode ser aplicada à rosa na Rosa-Cruz, e encerra apenas um significado simbólico da rosa com suas pétalas.

A montanha é usada duas vezes nas estampas de Khunrath. Uma delas mostra a montanha como uma caverna com degraus que levam ao Portal do Anfiteatro da Sabedoria Eterna, dentro da montanha ou através dela.

A outra montanha tem a inscrição, em latim e alemão, da famosa Placa ou Tábua de Esmeralda atribuída a Hermes Trismegistus. Essa placa expressava parte do fundamento filosófico dos escritos de Hermes e da alquimia. A versão de Khunrath pode ser assim traduzida:

"Verdadeiramente, sem falsidade, com toda certeza e em absoluta verdade, o que existe em baixo (ou é inferior) é como o que existe em cima (ou é superior), e o que existe em cima é como o que existe em baixo, para que se realize a maravilha da unidade. Como todas as coisas são criadas (ou restauradas) de uma única, pela vontade e o comando do Ser Unificado que a criou, assim todas as coisas nascem (ou emanam) dessa coisa única, por dispensação e união (ou adaptação). Seu pai é o Sol, sua mãe é a Lua, o vento a carrega em seu ventre, sua irmã é a Terra. Este é o pai de toda perfeição neste mundo. Seu poder é perfeito quando é convertido em terra; portanto, deveis separar a terra do fogo, e o sutil do grosseiro ou denso, mas amorosamente, com grande compreensão e discrição. Ele ascende da terra para o céu e desce novamente do céu para a terra, e recebe de novo o poder de Cima e de Baixo. Assim tereis o esplendor de todo o mundo. De todos os poderes, este é o maior, pois, pode superar toda sutileza e penetrar tudo o que é sólido. Assim foi o todo criado. Assim foram originadas muitas raras combinações, e maravilhas foram realizadas, para as quais esta é a maneira de trabalhar. E assim eu sou chamado de Hermes

Trismegistus, porque tenho as três partes da sabedoria de todo o mundo. Tudo o que eu disse quanto ao trabalho do Sol está cumprido."

Nos símbolos de Fludd, as esferas, a balança e o corpo, representam a unidade da Criação, bem como a harmonia e as correspondências entre suas partes. Simbolizam o princípio de que *"assim como é em cima é em baixo"*, da Tábua de Esmeralda.

Sua *"Meteorológica Cósmica"* contém uma estampa simbólica que combina a filosofia da Cabala judaica e conceitos cristãos. Ela consiste em cinco esferas dispostas numa linha vertical, com a menor em cima, seguida das demais na ordem crescente dos tamanhos. Por sugestão, cada esfera contém as outras. A primeira esfera tem a letra hebraica Yod e uma coroa. A coroa refere-se ao mais alto sephira da Cabala, Kether, ou a Coroa. A segunda, ligeiramente maior, tem a letra He; a terceira, Vau; a quarta consiste num círculo de luz rodeado de nuvens, contendo a letra He; e a quinta e última esfera representa a Terra central e a água que a circunda. (Vide Figura 2.)

As esferas têm citações bíblicas ao lado, aqui traduzidas do latim de Robert Fludd. A primeira citação, no alto, é: *"Deus habita o céu de antigos céus"*. A segunda é: *"Deus faz a luz maravilhosamente, das montanhas eternas"*.

Ao lado da segunda esfera, lêem-se as seguintes palavras: *"Não está Deus no alto do céu? E vede a altura das estrelas, como são elevadas!" "Aquele que se cobre de luz como uma veste"*.

As duas citações ao lado da terceira esfera são: "*Deus colocou seu tabernáculo no Sol*", e "*O Sol, iluminando o universo, prossegue no circuito do espírito*".

E, ao lado da quarta esfera: "*Deus faz das nuvens sua carruagem*", e "*As espessas nuvens são o esconderijo de Deus, para que Ele não nos veja e siga vagando pelos caminhos do céu*".

Finalmente, ao lado da última esfera: "*O espírito de Jeová preencheu o globo terrestre*", e "*Vosso corpo é o Templo do Espírito Santo que em vós reside, e que recebestes de Deus*".

As citações do lado direito da estampa são: "*Deus está por toda parte no céu, nas regiões infernais, nos mais longínquos mares, na noite e nas trevas*", e "*Sabei então, e considerai isto em vossa alma, que Jeová Deus vive no céu superno e na terra infernal, e não há nenhum outro*".

E as do lado esquerdo: "*A Ti, Senhor, pertencem a magnificência, o poder, a glória, a imortalidade, e a majestade; pois, tudo o que existe no céu e na terra é Teu; Teu é o reino, ó Senhor, e És exaltado como Aquele que está acima de tudo*".

Uma outra estampa simbólica de Fludd representa a esfera de luz no alto, contendo a letra Yod e uma mão que sai da esfera e sustenta uma balança. A parte que a mão segura é rotulada com Vau. O travessão que sustenta os dois pratos é o eixo do mundo ou *axis mundanus*. O prato mais alto é o céu empíreo, leve e ígneo. Trata-se do He superior, e sua ligação com o travessão tem inscrito um He claro e a palavra *aquilo*, Norte. O prato inferior é o céu elementar, pesado, a Terra. Sua ligação com o travessão é o He inferior, *meridies* ou Sul, com a inscrição de um He






preto. Abaixo do travessão, paralelamente ao mesmo e entre os dois pratos, lêem-se as palavras: "*Caelum Aethereum*" ou Céu Etéreo, peso médio. (Vide Figura 3.)

Temos portanto o superior e o inferior, ou o "*em Cima*" e o "*em Baixo*", e as quatro letras do nome de Deus, associadas aos quatro reinos: Yod, à Luz do Reino Divino; o He superior, ao céu empíreo; Vau, ao céu etéreo; e o He final ao reino terrenal.

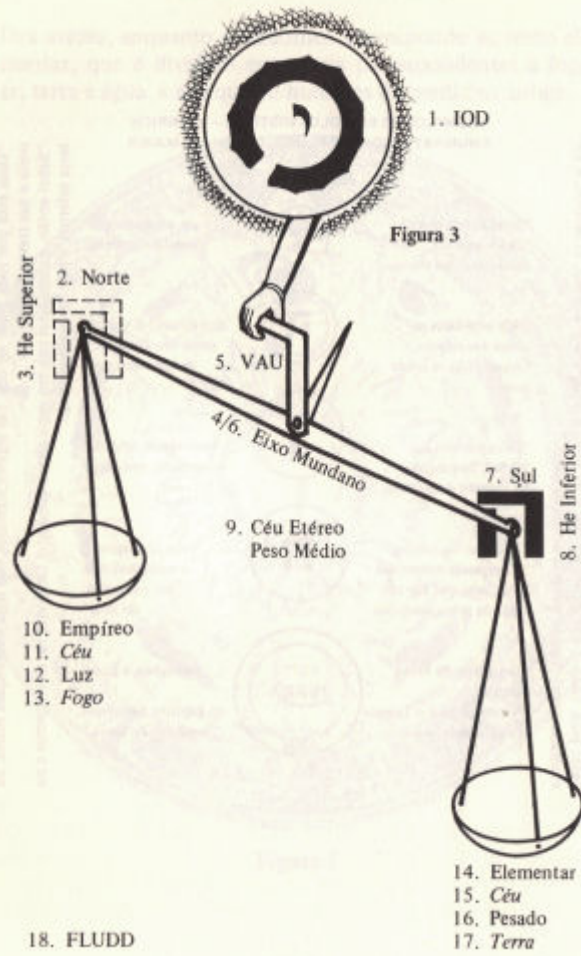
Fludd associa o corpo humano aos reinos empíreo, etéreo, e elementar. A cabeça, naturalmente, corresponde ao reino mais elevado ou empíreo. As três seções do crânio são associadas a *mens*, mente, no topo; *intellectus* ou intelecto, a seguir; e, finalmente, *ratio*, ou razão. Estas seções correspondem, também, à esfera de Deus ou da Luz incriada, e à esfera do espírito ou do empíreo. O tórax corresponde à esfera etérea, enquanto o abdômen corresponde ao reino elementar, que é dividido em níveis correspondentes a fogo, ar, terra e água, e aos quatro humores da medicina antiga.



Figura 1

<p>"A ti senhor", pertence a magnificência, o poder, a glória, a imortalidade, e a majestade; pois, tudo o que existe no céu e na terra é Teu; Tu és o reino, Ó senhor, e és exaltado com Aquele que está acima de tudo".</p>	EXEMPLOS DE SÍMBOLOS MÍSTICOS – HEINRICH KHUNRATH, ROBERT FLUDD, E MICHAEL MAIER			<p>"Deus está por toda parte no céu, nas regiões infernais, nos mares longínquos mares, na noite e nas trevas". "Sabei então, e considerai isso em vossa alma, que Jeová Deus vive no céu supremo e na terra infernal, e não há nenhum outro."</p>
	<p>"Deus habita o céu "Deus faz a luz das montanhas eternas."</p>		<p>de antigos céus." maravilhosamente.</p>	
	<p>"Não está Deus no altura das estrelas, "Aquele que se cobre veste."</p>		<p>alto do céu? E vede a como são elevadas!" de luz como uma</p>	
	<p>"Deus colocou seu "O Sol, iluminando no circuito do espírito."</p>		<p>tabernáculo do Sol." O universo, prossegue</p>	
	<p>"Deus faz das nuvens "As espessas nuvens são Deus, para que Ele não vagando pelos caminhos</p>		<p>sua carruagem." o esconderijos de nos veja e siga do céu."</p>	
	<p>"O espírito de Jeová terrestre." "Vosso corpo é o Templo em vós reside, e que</p>		<p>preencheu o globo do Espírito Santo que recebestes de Deus."</p>	

INTRODUÇÃO À SIMBOLOGIA



CAPÍTULO XVII: MICHAEL MAIER E O SIMBOLISMO ROSACRUZ DO SÉCULO DEZESSETE

Michael Maier foi um Rosacruz da Alemanha, médico de Rudolf II e autor de livros que explicam o desenvolvimento místico do indivíduo em termos de alquimia, mitologia e filosofia hermética. Sua obra, "*Atalanta Fugiens*", foi publicada pela primeira vez em 1618 e reimpressa em 1687 com o título de "*Secretioris Naturae Secretorum Scrutinium Chymicum*", ou "*Investigação Alquímica dos Mais Ocultos Segredos da Natureza*". Cada uma de suas cinquenta estampas tem um título em cima, um epigrama em baixo, e um ensaio de mais ou menos duas páginas. Na edição original, a cada estampa corresponde ainda uma fuga musical.

O título da primeira edição significa "*A Fuga de Atalanta*" e é uma referência ao mito grego da bela Atalanta, que perdeu uma corrida porque parou para apanhar uns pomos de ouro. Presumivelmente, isto simboliza a busca da Pedra Filosofal, e as estampas são baseadas no simbolismo alquímico.

Os dois primeiros títulos são extraídos da Placa ou Tábua de Esmeralda atribuída a Hermes Trismegistus. Esta obra diz: "*Assim como todas as coisas são criadas de uma só, pela vontade e o comando do Ser Uno que criou esta última, assim também todas as coisas emanam dessa coisa única, por dispensação e união. Seu pai é o Sol, sua mãe é a Lua, o vento a carrega em seu ventre, e sua irmã é a Terra*". Os Títulos de Maier são: "*O vento a carrega em seu ventre*" e "*A Terra é sua irmã*".

O título da estampa XXVI é: "*A sabedoria humana é o fruto da árvore da vida*". Uma mulher coroada segura duas faixas, onde se lê: "*Duração de dias e saúde*" e "*Glória e fortuna infinita*". (Vide Figura 1 — página 192).

A estampa XXVII representa o jardim de rosas alquímico, e seu título é: *"Aquele que entra no filosófico jardim de rosas sem a chave é como o homem que quer caminhar sem pés"*. Trata-se do jardim de Sophia ou Sabedoria, repleto de flores de muitas espécies, mas a entrada está firmemente fechada. Em contraste com o jardim de Hamlet, este é bem cuidado.

O epigrama que acompanha esta estampa do jardim diz: *"O Jardim de Rosas de Sophia contém uma abundância de flores diversas, mas o forte portão está sempre trancado. A única chave que pode abri-lo é uma coisa que tem pouco valor no mundo, mas sem a qual não há meio de colher a rosa. Em vão lutais para alcançar as alturas do Parnasso, quando mal tendes força suficiente para vos sustentardes em solo plano"*. (Vide Figura 2 — página 193).

Uma outra estampa diz que o velho se torna novamente jovem ao comer do fruto da árvore que se encontra no jardim de Sophia.

A estampa XLIII representa um abutre no topo de uma montanha e um corvo mais abaixo. O título diz: *"Escutai o abutre loquaz, que de modo algum vos engana"*. O abutre tem no bico uma faixa onde se lê: *"Eu sou preto, branco, amarelo e vermelho"*. Estas são as cores que simbolizam a transmutação alquímica. O epigrama diz: *"No topo da montanha está o abutre, gritando constantemente: 'Eu contenho branco e preto, amarelo e vermelho. Absolutamente não engano'"*. O mesmo acontece com o corvo, que costuma voar sem penas pela noite escura e em meio à luz do dia, pois o ápice da arte é isso ou aquilo de vós mesmos". (Vide Figura 3 — página 193).

A estampa XLII mostra o alquimista ou eremita com a lâmpada, seguindo uma figura que representa a Natureza. Diz o título: *"Para aquele que trabalha em alquimia, a natureza, a razão, a experimentação e a leitura, são o líder, o cajado, os*

óculos e a chama". O epigrama diz: "*Deixai que a natureza seja o vosso líder, e por este meio sereis prazerosamente o servo da natureza; caminhais a esmo, a menos que a própria Natureza seja a companheira da vossa vida. Dai à razão a força do cajado; a razão intensifica a luz que pode distinguir aquilo que está muito distante. Deixai que a leitura com uma lâmpada transforme as trevas em luz, de modo que possais prever e vos proteger contra muitas coisas e palavras*". (Vide Figura 4 — página 194).



Figura 2

EMBLEMA XXVII. *De secretis Naturæ.* 75

Qui Rosarium intrare conatur Philosophicum
absque clave, assimilatur homini ambulare vo-
lenti absque pedibus.



EPIGRAMMA XXVII.

Luxuriat Sophiæ diverso flore ROSETUM,
Semper at est firmis janua clausa feris:
Unica cui clavis res vilis habetur in orbe,
Hac sine, tu carpes, cruribus absque viam.
Parnassi in vanum conaris ad ardua, qui vix
In plano valeas te stabilire solo.

De

Figura 3

EMBLEMA XLIII. *De secretis Naturæ.* 127

Audi loquacem vulturem, qui ne utiquam te
decipit.



EPIGRAMMA XLIII.

Montis in excelsis consistit vertice vultur,
Assidue clamans, Albus ego atque niger,
Citrinus, rubeusque feror nil mentior: idem est
Corvus, qui pennis absque volare solet
Nocte tenebrosa, mediâque in luce diei,
Namque artis caput est ille vel iste tuæ.

Loqua-

Figura 4

124 EMBLEMA XLII. *De secretis Naturæ.*
In Chymicis versanti Natura, Ratio, Experientia &
lectio, sint Dux, scipio, perspicilia & lampas,



EPIGRAMMA XLII.
Dux Natura tibi, tuque arte pediss: quus illi
Esto lubens, erras, ni comes ipsa viæ est.
Det ratio scipionis opem, Experientia firmet
Lumina, quo possit cernere postea procul.
Lectio sit lampas tenebris dilucida, rerum
Verborumque fines providus ut caveas.

Casus,

CAPÍTULO XVIII: ARTE E SIMBOLISMO

Para o místico, arte é, idealmente, a expressão da união do homem com Deus ou o Cósmico. É um produto desta relação e a simboliza. Em termos mais práticos, arte é o registro simbólico do desenvolvimento do homem, da evolução do seu Eu interior para essa união mística. À medida que o artista se desenvolve, o mesmo acontece com a sua arte. As nove sinfonias de Beethoven revelam um desenvolvimento em estilo, em força emocional, e em profundidade espiritual. O "*Fausto*", de Goethe, como foi escrito num longo período de tempo, também revela esse desenvolvimento.

Como a auto-integração faz parte dessa união, a criação artística ajuda o desenvolvimento psicológico. Uma pintura ou um conto podem ajudar a resolver problemas internos, objetivando-os em forma simbólica. Mas o simples fato de pintar ou escrever não garante uma boa obra artística nem a solução de um problema interno. Isto depende do desejo e da capacidade do indivíduo.

Auto-expressão é um motivo suficiente para se criar mesmo a pior arte, de alguma forma. Sem essa expressão, o desenvolvimento interior é inibido. O esforço artístico transmuta as emoções e idéias, o Eu interior, em algo que é construtivo, em lugar de destrutivo, em algo que encerra beleza, em si mesmo e para o artista. Trata-se de colocar a experiência no plano mais elevado, pelo processo de simbolização.

A expressão criadora, ou qualquer modalidade de simbolização, requer unidade e equilíbrio de elementos intelectuais, emocionais e espirituais. Um poema pode acentuar um destes elementos, mas o escritor necessita de um equilíbrio entre eles, no processo da criação.

Seja a arte abstrata, simbólica, ou realista, por trás da mesma deve haver um acordo ativo entre os aspectos intelectual, emocional e espiritual da natureza do artista. Se uma abstração é completamente geométrica, tende a omitir os elementos emocional e espiritual, em favor do intelectual.

Há três passos na simbolização artística. A idéia é o começo, a semente, o pensamento ou a emoção que se deseja expressar. A concepção ou formação da escultura ou do soneto, na mente, é o segundo passo. O último passo é a real objetivação, a forma criada, a expressão final.

O artista, ao criar sua obra, tem de usar a razão e emoções. O místico usa ainda a intuição ou inspiração. Faz ele uso da Mente Divina, através do seu próprio subconsciente. Não obstante, estes três elementos, razão, emoção e intuição, devem participar em harmonia.

A criação artística deve ser um processo contínuo de auto-descoberta ou descoberta de Deus. Este é um outro modo de dizer que o místico deve ser em parte artista e, o artista, em parte místico.

A arte usa a forma para simbolizar o significado, como em todo simbolismo. A forma representa aquilo que o artista está tentando transmitir ao espectador ou observador. Pode variar, de um desenho ou uma pintura a ficção, poesia, e drama. Em outras palavras, estamos usando a palavra arte em seu sentido mais amplo, de modo a abranger todas as espécies de arte, inclusive artes folclóricas e artesanatos, rituais e liturgias.

O significado de uma obra de arte pode ser representativo, como numa pintura de paisagem, numa escultura de ser humano, ou num poema descritivo. Pode também ser o prazer estético, a satisfação, ou as emoções derivadas da atividade criadora, ou de ver, ouvir, ler etc. Muitas obras de arte são representativas

em significado e esteticamente deleitosas. Uma pintura representativa ou figurativa não tem necessariamente um significado ou sentido estético para todas as pessoas. Uma obra abstrata que tem sentido estético não é representativa.

A criação artística é uma transformação simbólica, da experiência ou da realidade interior, para as funções objetivas, psicológicas e psíquicas do homem. É uma recriação imaginativa, seja representativa ou abstrata, de alguns elementos da experiência, e essa recriação pode modificar estes elementos a tal ponto que eles não sejam prontamente reconhecidos.

Arte é transformação simbólica, mas também usa símbolos como as metáforas e imagens da poesia e do drama ou teatro. Um tema bem conhecido, usado por um compositor, pode ser um símbolo de emoções e experiências. Símbolos religiosos são usados em pinturas e esculturas.

Uma obra de arte é em si mesma um símbolo; pode, portanto, ser individual, cultural, e arquetípica; objetiva e subconsciente; natural e artificial. Pode servir a quaisquer dos objetivos explicados no Capítulo Terceiro. Pode ter origem na tradição cultural, na experiência pessoal, na assimilação de outras culturas, na intuição, na telepatia, ou na memória de encarnações passadas.

Usualmente, uma obra de arte se enquadra em mais de um tipo, tem mais de uma origem, e serve a mais de um objetivo. Por exemplo, o "*Fausto*", de Goethe, está baseado na lenda de Fausto, que é cultural, mas Goethe a tornou também individual. A obra tem fundamento nos estudos alquímicos de Goethe, de modo que grande parte do seu simbolismo é derivado desta fonte cultural, bem como de outras. E há simbolismo mitológico, no "*Fausto*". Mas tudo isto tem ainda forma e significado pessoais, individuais. Grande parte da obra é também arquetípica ou Cósmica. Está baseada no simbolismo arquetípico comum, como o casamento

alquímico ou espiritual. A segunda parte, em especial, é precipuamente mística, em seu significado.

A arte é simbólica de quatro modos. Primeiro, representa a experiência, as atitudes etc., do indivíduo. Simboliza o artista, seu Eu. Mostra como ele interpreta sua experiência e o que ele projeta de si mesmo para o mundo ao seu redor e, portanto, para a sua arte.

Segundo, simboliza o mundo, o campo, ou o não-Eu, visto pelos olhos do artista.

Terceiro, representa a relação entre o Eu e o campo. Nenhum destes elementos existe isoladamente e, sim, um em relação ao outro.

Finalmente, simboliza a compreensão e experiência do homem quanto ao Cósmico (ou sua falta de compreensão e experiência neste particular).

Quando qualquer tipo de arte é apresentado a um grupo, ou por ele realizado, isto constitui uma interação entre o artista e o grupo. Uma pintura exposta numa galeria expressa e simboliza a experiência do artista, mas é vista por outros indivíduos, e cada qual a vê e interpreta segundo sua natureza e sua experiência.

Um indivíduo que lê um poema recebe pelo menos algo do significado pretendido pelo poeta, e assume esse significado, sentindo-o como se ele fosse originalmente seu. Ele amplia esse significado, em função de sua própria realidade interior, que projeta para o poema.

No caso de certas artes, a forma pode ser abstrata, bem como natural ou artificial. Uma pintura pode representar um homem ou um cavalo, que são naturais. Pode representar um edifício, que é artificial. E pode representar contornos, cores e desenhos, abstratos.

Alguns tipos de arte criam o ambiente, ampliam-no, ou o modificam. É este o caso de artes como cerâmica, trabalhos com metais, e arquitetura. Pinturas e gravuras, num lar ou numa galeria, ampliam o campo em que vivem as pessoas, ou o modificam. Qualquer espécie de arte deve afetar as atitudes do indivíduo para com o campo ou ambiente e, assim, modifica aquilo que ele projeta para o campo, nele percebe, e dele assume. Tudo isto faz parte do processo de transformação simbólica.

A arte funciona em quatro níveis de consciência: objetivo, subjetivo, subconsciente, e Cósmico. A forma, naturalmente, é objetiva, e a obra pode ser precipuamente objetiva, como numa pintura de contornos, cores e desenhos abstratos.

A obra artística expressa idéias e emoções subjetivas, e, como num poema de amor, este elemento pode ser dominante. Tais obras são usualmente criadas pelas funções subconscientes mais profundas da mente e as expressam, como é o caso do medo ou da necessidade de amor, de que somos inconscientes ou apenas parcialmente conscientes.

A forma objetiva, como em todos os símbolos, é por assim dizer a moldura para a qual projetamos o significado que emerge dos níveis subjetivo e subconsciente.

O quarto nível é o Cósmico, mas este é apreendido através das funções subconscientes. Uma obra de arte pode ser derivada de padrões, idéias etc., arquétipos, cósmicos, ou ser por eles estimulada. Esses padrões emergem do próprio ser do artista, ou provém de Harmonização Cósmica e intuição.

Estes quatro níveis, porém, são essencialmente um; a mente e a consciência são uma só. Uma obra de arte expressa, usa e provém de todos os níveis funcionando como uma unidade.

Toda obra artística tem necessariamente um nível psicológico de significado, porque provém da natureza psicológica do homem, é um produto da mesma, e a expressa. Como já foi dito, constitui simbolismo psicológico resultante do processo de transformação simbólica da experiência do homem e da atualidade exterior a ele.

Uma obra artística pode ter também um nível místico de significado. O artista pretende então que ela seja mística, mas isto não é necessariamente verdadeiro. O observador pode interpretar uma obra num sentido místico, sem que o artista a tenha pretendido assim. A interpretação do observador não é necessariamente a do artista.

Uma pintura pode consistir numa simples forma circular. Isto pode ser interpretado como forma ou desenho objetivo. Pode ser interpretado como algo que desperta prazer subjetivo. E pode ser entendido com o significado de totalidade ou união mística e forma perfeita. O artista pode ter criado a obra com um sentido e, o observador, interpretá-la diferentemente.

O fato de uma obra ser ou não ser mística não depende tanto da forma da própria obra, como da natureza do artista e dos apreciadores da obra.

A criação artística pode ser um auxílio importante para o desenvolvimento místico. Primeiro, ela objetiva o que o indivíduo pensa e sente e, ao objetivá-lo, ele o projeta para fora de si mesmo. Ele assume então o significado, como foi explicado num capítulo anterior. O artista projeta e objetiva o que recebe de sua percepção e

experiência objetiva, através de percepção e experiência psíquica, de intuição, imaginação, e harmonização.

Segundo: O processo de projeção e objetivação de uma pintura ou um poema esclarece o que o artista pensa e sente. Esclarece sua própria natureza e experiência, para ele mesmo. Assim aprofundando sua compreensão de si mesmo, promove ele o seu desenvolvimento.

Terceiro: Assumindo aquilo que projeta, e compreendendo isto que está fazendo, ele dá nova forma ao significado. Isto pode alterar também a forma. Assim, não só esclarece ele o que pensa e sente, mas, também objetiva mais suas idéias, emoções etc., subjetivas e subconscientes.

Quarto: Se o indivíduo é um místico praticante, sua prática consiste parcialmente em harmonização ou integração em seu próprio âmago e harmonização com a natureza, outras pessoas e o Cósmico. Ele pratica harmonização e comunicação com os níveis mais profundos de sua própria consciência.

Quinto: Do ponto de vista místico, a harmonização e o desenvolvimento são mais importantes do que a qualidade da obra. Naturalmente, o místico faz o melhor possível quanto à obra, mas é o resultado ou efeito da mesma que é importante para ele próprio e os apreciadores da obra.

Sexto: A real criação da obra artística é necessária ao autodesenvolvimento. Ela tem de ser expressa numa forma objetiva, para que se torne efetiva e promova harmonização e desenvolvimento. A imagem de um símbolo ou uma pintura, por exemplo, tem de ser realizada na mente, porém, se ela não é desenhada, descrita em palavras, ou pintada, permanece incompleta. Não tem o poder emocional que teria se fosse objetivada.

É recomendável que o estudante tente escrever, pintar, ou criar símbolos de alguma forma, como um meio de auto-expressão e autoconhecimento. E procure exemplos de simbolismo ou expressão simbólica em arte e literatura.

SUMÁRIO

Arte é a expressão da união do homem com Deus e o Cósmico. Como a auto-integração faz parte dessa união, a criação artística ajuda o desenvolvimento psicológico.

A expressão criadora requer unidade e equilíbrio dos elementos intelectual, emocional e espiritual. A simbolização artística se processa em três passos: a idéia, a concepção ou formação na mente, e a objetivação ou expressão.

A criação artística deve ser um processo contínuo de autodescoberta e descoberta de Deus.

A arte usa formas para simbolizar significados; a forma representa aquilo que o artista está tentando transmitir ao observador. O significado pode ser representativo ou pode constituir prazer estético. Trata-se de uma transformação simbólica da experiência ou realidade interior, pelas funções objetivas, psicológicas e psíquicas, do homem. Essa transformação pode ser de qualquer tipo e servir a qualquer propósito.

A arte é simbólica em quatro sentidos: (1) Representa experiência, atitudes, etc. (2) Simboliza o mundo, o campo, ou o não-Eu. (3) Representa a relação entre o Eu e o campo. (4) Simboliza a compreensão e a experiência do homem, quanto ao Cósmico.

Quando a arte é apresentada a um grupo, ou é por ele realizada, constitui uma interação entre o artista e o grupo. A arte funciona em quatro níveis de consciência: objetivo, subjetivo, subconsciente, e Cósmico.

A interpretação de uma obra de arte, pelo observador da mesma, não é necessariamente a do artista. O fato de uma obra artística ser ou não ser mística, não depende tanto da forma da própria obra, como da natureza do artista e dos apreciadores da obra.

A criação artística pode ser um importante auxílio para o desenvolvimento místico. Ela objetiva aquilo que o indivíduo pensa e sente. Esclarece esses pensamentos e sentimentos. Ao projetá-la e assumi-la, ele pode alterar a forma, dando-lhe novo significado. O místico faz isto por harmonização e integração em seu próprio âmago, e por harmonização com a natureza, outras pessoas, e o Cósmico. A real criação da obra artística é necessária ao desenvolvimento pessoal.

CAPÍTULO XIX: POESIA E SIMBOLISMO

O poeta místico usa sua arte para expressar princípios místicos ou a experiência da união mística. Emprega a forma poética porque ela se ajusta melhor à sua própria natureza e às idéias e emoções que resultam de harmonia em si mesmo e harmonização com a natureza, o homem, e o Cósmico.

Alguns poemas nascem de meditação e são usados pelo poeta e seus leitores para meditação e para alcançar harmonização e integração. A poesia mística é também um meio de instrução, por expressar em forma simbólica os princípios do misticismo e a experiência da união cósmica. É usada para qualquer dos objetivos estudados no Capítulo Terceiro.

Um poema pode ser precipuamente filosófico, religioso, didático, ou lírico, e ser ao mesmo tempo místico. Pode até expressar idéias ou princípios científicos, e ser também místico.

Como outras formas de arte, a poesia é uma transformação simbólica da experiência do autor, de modo que encerra elementos individuais, culturais e, talvez, arquétipos. Usa metáforas e imagens, que em si mesmas são símbolos, as quais podem ser também individuais, culturais, ou arquétipos.

O "*Ensaio sobre o Homem*", de Alexander Pope, é bem conhecido. O trecho que começa dizendo, "*Todas as coisas são partes de Um imenso todo...*", é um trecho citado sem os versos anteriores, que indicam sua fundamentação na filosofia hermética. Os versos 3 e 4 parafraseiam o axioma hermético, "*assim como é em cima é em baixo*". Isto é enfatizado nas palavras "*superior*" e "*inferior*", que constam dos versos 9 e 10, e na corrente mencionada nos versos 5 e 13—14. Os versos 19 e 20 afirmam o panteísmo místico, que é uma outra base da filosofia. O

uso que Pope faz da palavra informar, pode ou não ser derivado de Robert Fludd, médico e Rosacruz inglês, mas o significado é o mesmo: a parte imaterial ou psíquica do mundo e do homem, que é introduzida neste último quando de sua criação. "*Deus... informa nossa parte mortal*", isto é, em nós introduz o elemento psíquico ou Cósmico, em oposição à nossa parte mundana ou material.

*"Vê, através deste ar, deste oceano e desta terra,
Toda a matéria ativa, a nascer irrompendo.
Em cima, quão altaneira e progressiva pode a vida
ser!*

*À volta, quão ampla! E quão profunda em baixo se
estendendo!*

*Vasta corrente do Ser! Que de Deus início teve,
Naturezas etéreas, humanas, angélicas, homem,
Besta, ave, peixe, inseto que olho nenhum pode ver.*

*Nenhum telescópio pode alcançar, do Infinito para ti,
De ti para o Nada — Para poderes superiores
Evoluir deveríamos e, inferiores, para os nossos.
Ou na Criação um vazio deixar,
Pois, um só estágio supresso, destruída é a grande
escala.*

*Qualquer que seja o elo que da corrente da
Natureza firas,*

*O décimo ou o décimo milésimo, do mesmo modo
quebrada será a corrente.*

*E, se cada sistema em gradação se move,
Ao espantoso Todo igualmente essencial,
A menor desordem num somente, não em todos,
E só um tal sistema, não o Todo, em colapso entra...
Todas as coisas são partes de um imenso todo,
Com a Natureza por corpo e Deus por alma;
Transmutado em tudo, mas em tudo o mesmo;
Grandioso na Terra, como no reino etéreo;
E ele aquece no Sol e refresca na brisa,
Brilha nas estrelas e floresce nas árvores,
Vive em toda a vida e se estende por todo o espaço,
Indiviso difunde-se e sem se consumir sua ação
manifesta;
Em nossa alma respira, nossa parte mortal informa,
Tão plena, tão perfeita, num cabelo como no
coração;
Tão plena, tão perfeita, no Homem comum que
chora,
Como no Serafim jubiloso que adora e resplandece.
Para Ele, nada é alto nem baixo, nem grande nem
pequeno;
Ele preenche, liga, encerra, e tudo iguala."*

A fala de Ulisses em "Troilus e Cressida" (I, iii) explica a hierarquia da Criação e a interdependência ou unidade de suas partes. Quando um elo da

corrente ou um degrau da escada está em desordem, isto afeta os demais. Os elos ou degraus são o "*Grau*" mencionado nessa fala. "*Este Centro*" significa a Terra. A palavra "*fixidez*" indica que os planetas e o firmamento têm uma ordem fixa. Quando essa ordem é perturbada, a unidade é "*desraizada*", usando-se a simbologia da árvore. A expressão "*desafinar essa corda*" usa a simbologia do teclado. O trecho em geral expressa praticamente a mesma filosofia do trecho de Pope, mas a individualidade de cada poeta é evidente na própria forma poética e no jogo de imagens.

*"O próprio Firmamento, os Planetas, e este Centro,
Observam grau, prioridade e lugar,
Fixidez, curso, proporção, estação, forma,
Função e costume, em toda classe de Ordem.
E por isto goza o glorioso astro Sol
De nobre eminência, dentre os demais
Entronizado e centralizado, e que por seu curativo*

olho

*Dos maus Astros os danosos Aspectos corrige,
E como o Decreto de um Rei se impõe,
Sem Oposição, para o bem ou o mal.
Mas quando os Planetas,
Em malévola combinação para a desordem se
desviam,
Que Pragas, que agouros, que revolta,
Que furor do Oceano, que tremor da Terra,*

*Que comoção dos ventos, que temores, mudanças
e horrores,
Haverão de desviar e fender, ferir e desraizar
A unidade, a matrimonial calma dos Estados,
De sua fixidez? Ó, quando o Grau é abalado,
(Ele que é a escada para todos os altos desígnios),
O grande projeto enfermo fica...
Desfaça-se esse Grau, desafine-se essa corda,
E veja-se a Discórdia que se seguirá: as coisas se
chocarão
em mera oposição...
Então, todas as coisas se incluem no Poder,
O Poder na Vontade, a Vontade no Appetite,
E o Appetite (um Lobo universal,
Duplamente secundado pela Vontade e o Poder)
Deve necessariamente fazer uma presa universal,
E, por fim, tragar a si mesmo."*

Em "Eternidade", de Robert Herrick, o poeta parte para o infinito e a eternidade, ou a condição sem espaço nem tempo do reino psíquico e cósmico. Isto poderia ser interpretado com o significado de morte, porém, provavelmente significa a união mística, que é muitas vezes expressa em símbolos como luz, o oceano da eternidade, e o dia infindável empregado por Herrick. Seu poema é um exemplo da

poesia metafísica do século dezessete e, portanto, constitui simbolismo precipuamente cultural.

"Ó Anos! e Eras! Adeus.

Vede .. eu parto,

Para onde sei

Que a infinidade vou habitar.

E estes meus olhos verão

Todos os tempos, como eles

Perdidos estão no Oceano

Da vasta Eternidade.

Onde nunca as Estrelas

A Lua afetará;

Mas, ela e a Noite,

Afogadas serão em Dia infindável."

"A Invocação", de George Herbert, é também, tipicamente, poesia metafísica do século dezessete. Pode ser entendida como uma meditação sobre Vida, Luz e Amor, que têm um significado especial para os Rosacruz. Este poema está composto em termos tão universais que pode ser interpretado de vários modos. Essa interpretação há de variar conforme os elementos culturais e pessoais que o leitor projete para o poema.

"Vem, meu Caminho, minha Verdade, minha Vida!

Caminho que nos dá alento,

Verdade que todo conflito extingue,

Vida que mata a Morte.

Vem, minha Luz, minha Festa, minha Força!

Luz que mostra a festa,

Festa que melhora sempre,

Força que me faz seu hóspede.

Vem, meu Júbilo, meu Amor, meu Coração!

Júbilo que ninguém pode afetar,

Amor que ninguém pode separar,

Coração que em amor se Rejubila."

"A Polia", também de Herbert, usa o objeto material (a polia) como símbolo da atração ou harmonização mística entre o homem e Deus. Repouso ou, podemos dizer, paz, é a polia com que Deus atrai o homem.

"Logo que Deus o homem fez,

Ao lado um cálice de bênçãos,

"Derramemos", disse Ele "sobre o homem tudo o

que

derramar possamos;

Que do mundo as riquezas, dispersas como estão,

Num só momento contraídas sejam".

Fortaleza, então, primeiro se produziu;

*E emanou a beleza, depois sabedoria, honra e
deleite;*

*Quando quase tudo emanado fora, deteve-se O
Deus,*

Ao perceber que, de todo o Seu tesouro,

Somente repouso no fundo restava.

"Pois, disse Ele, se esta jóia

Também à Minha criatura concedesse Eu,

Ela adoraria Minhas dádivas e não a Mim,

*E à Natureza se dedicaria, não ao Deus da
Natureza.*

Assim, ambos perdedores seríamos.

Que ele fique no entanto com o resto,

Mas com arrependida inquietação o mantenha;

Que seja ele rico e entediado, para que ao menos,

Se a virtude a Mim não o trouxer, que o tédio

Ao Meu peito o atire".

Há uma diferença cultural em estilo e jogo de imagens, entre a poesia anterior e a de John Keats. Há também uma diferença pessoal. Onde Herbert diz

que repouso é a polia, Keats sente que a felicidade está naquilo que atrai a mente para divino companheirismo. Também ele usa o símbolo da luz, porém, somos "alquimizados" ou transmutados, até que nos tornamos livres do espaço como o Eu interior. A música, simbolicamente, enfatiza o sentimento, visto que Apoio e Orfeu são a ela associados. Quando sentimos as coisas mencionadas por Keats, "passamos a/Uma espécie de unidade"; isto é, conhecemos a união mística. O seguinte trecho é de "Endymion", Livro I, versos 77—97:

*"Onde está a felicidade? Naquilo que nossa mente
ansiosa*

*A divino companheirismo atrai,
Um companheirismo com a essência; até brilharmos,
De tudo alquimizados e livres do espaço. Eis
A translúcida religião do Céu! Em teus afilados
dedos,*

*Da rosa a pétala enrola
E sorri mansamente; escuta, quando a vibração
aérea*

*Do beijo da música os ventos impregnar,
E com emocionado toque, lírica magia
de seu lúcido ventre liberar.
Então, velhas canções de sombrios túmulos
despertarão;*

*E velhas baladas sobre a cova de seu pai
suspirarão;*

*De melodiosas profecias fantasmas se agitam,
Por toda parte que de Apolo o pé pisou;
Clarins de bronze despertam e debilmente
anunciam,
Onde há muito gigantesca batalha houve;
E da gleba um acalento ecoa,
Em toda parte onde o menino Orfeu dormiu.
Sentimos estas coisas? — nesse momento
passamos
A uma espécie de unidade, e nosso estado
É como o de um espírito que paira."*

O próximo poema, de Ruth Phelps, é intitulado "*Meditações sobre Luz, Vida e Amor*", e suas três partes são resultantes de meditação, mas, naturalmente, podem ser usadas para meditação, para ajudar a compreensão do significado dessas palavras e auxiliar o estudante a senti-las em si mesmo.

*"Luz emana vida,
Vida projeta amor,
Amor reflete luz.*

*Sem amor
Não pode haver vida.
Sem vida
Não pode haver luz.*

Sem luz

Nada pode existir.

Luz, vida, amor,

Estes três,

Estes Um."

* * *

"Luz é vida,

Vida é amor, Amor é luz.

Cada qual é um, Cada qual é o outro.

Cada qual é meu."

"A vida é imortal,

A luz é eterna,

O amor é imensurável,

Todos em mim."

Finalmente, em "*Meditação sobre a União*", Ruth Phelps usa o símbolo da Rosa-Cruz para expressar o paradoxo da experiência de união.

"Eu sou aquele que é nada e é tudo,

Que não está em parte alguma e está em toda parte.

Eu sou a cruz que se estende

Pelos quatro cantos da Terra.

Eu sou a rosa que cresce

Da semente-centro da cruz,
Que encerra o homem,
Que encerra o cosmos.
Eu sou o que é só no vasto deserto,
O que é só no espaço total,
O que é só no Todo Cósmico.

Não sou eu nem Deus,
E sou eu e Deus.

Aquilo que eu sou, eu sou.
Aquilo que tu és, eu sou.
Aquilo que Deus é, eu sou.
Eis a verdade."

NOTA — Fizemos tradução livre dos poemas constantes deste Capítulo, apenas para que o leitor fizesse uma boa idéia do uso de simbolismo na linguagem poética. O leitor interessado em se aprofundar no assunto deverá por seus próprios esforços procurar traduções mais primorosas, em livrarias e bibliotecas.

CAPITULO XX: CONCEITOS BÁSICOS DO SIMBOLISMO MÍSTICO

Muitos símbolos místicos são baseados em dois conceitos muito antigos mas ainda correntes. Um é o axioma hermético: "*assim como é em cima é em baixo*". Isto é derivado, em parte, da Placa ou Tábua de Esmeralda, atribuída a Hermes Trismegistus. O outro é o de macrocosmo, o grande mundo ou universo, e microcosmo, o pequeno mundo ou o ser humano. Estes dois últimos conceitos estão relacionados entre si e também podem ser expressos em termos da filosofia hermética: o Cosmos é feito à imagem de Deus, e o homem é feito à imagem do Cosmos.

A Placa de Esmeralda é uma das mais antigas obras relativas a alquimia e filosofia hermética, e existe em várias versões. Isto foi estudado no Capítulo XVI, onde foi apresentada uma tradução da versão de Khunrath.

O "*em cima*" é o reino Superior, cósmico ou celestial, que corresponde ao macrocosmo, ao grande mundo ou universo. O "*em baixo*" é o reino inferior, terreno ou elementar, que corresponde ao microcosmo, o pequeno mundo ou o ser humano.

Todavia, macrocosmo e microcosmo são conceitos relativos. Se o macrocosmo é o Cósmico, o microcosmo é o universo, ou o mundo, ou o homem. Se o macrocosmo é o universo, o microcosmo é o mundo ou o ser humano. Se o macrocosmo é a Terra, então o microcosmo é o ser humano. Segundo aquela Placa, o que existe em cima é semelhante ao que existe em baixo; em outras palavras, o macrocosmo é semelhante ao microcosmo. Ambos são criados conforme o mesmo padrão arquétipo e funcionam segundo as mesmas leis.

Dois dos símbolos usados para expressar esta idéia são a escada e a corrente. A escada é encontrada no simbolismo egípcio e, na Bíblia, na escada de

Jacó, que se estendia da Terra ao Céu, e pela qual os anjos subiam e desciam. A corrente, na mitologia grega, estendia-se do trono de Zeus para a Terra. Ambas as figuras simbolizam os elos de ligação, os reinos ou a hierarquia da Criação, entre o reino divino, que está em cima, e o terreno, que está em baixo.

Além disso, esta hierarquia da Criação é ordenada. Sejam quantos forem os reinos simbolizados em qualquer cosmologia, eles são interdependentes e semelhantes. Diferem em que o reino mais elevado é a própria divindade, enquanto cada reino seguinte é menos divino e mais mundano. Não obstante, eles constituem uma série de reinos ou planos de existência semelhantes. Um plano, com o seu conteúdo, corresponde a qualquer outro plano. Todas as coisas fazem parte do Cósmico ou Deus, mas numa série descendente. Quanto mais baixas na escada ou na corrente, menos contêm do elemento divino e psíquico.

Estas idéias estão presentes em muitas mitologias, religiões, filosofias e literaturas, e em muitos termos e símbolos. Alguns destes símbolos são derivados da literatura hermética; muitos, porém, não têm ligação com esta tradição filosófica, e são símbolos e conceitos arquetípos.

O "*em cima*" e o "*em baixo*" estão ainda associados à dualidade do mundo e do homem, de interior e exterior. Assim como é o homem interior, assim é o exterior. Os reinos de luz e de trevas, da filosofia de Jacob Boehme, são uma concepção deste gênero. Os três reinos de Robert Fludd, o eterno, o aeval, e o elemental, são sereis descendentes de esferas basicamente semelhantes. Na literatura védica, o reino cósmico é chamado de Aquilo e, o reino terreno, de Isto. Aquilo é o macrocosmo e, Isto, o microcosmo; Aquilo está em cima, ao passo que Isto está em baixo.

O Templo, ou qualquer outro local sagrado, simboliza o macrocosmo e o microcosmo, e é um elo de ligação entre os dois planos. É um lugar onde os dois reinos se encontram e se unificam. Em muitas mitologias antigas, o centro do Templo, ou a árvore sagrada, ou o poste no centro do solo sagrado, representa a descida do elemento sagrado ou divino, o campo onde o iniciado pode ascender ao reino divino ou cósmico.

Assim como os reinos Cósmico e mundano se correspondem, também se correspondem o reino Cósmico e o mundano no homem. O plano psíquico é como o físico, e o físico é como o psíquico. Os planos objetivo e subconsciente se correspondem, assim como o Eu e o não-Eu ou ambiente.

É verdade que as pessoas pensam no Céu, ou no outro mundo, ou nos planos Cósmicos, como semelhantes à vida na Terra, porém, idílicos e sem problemas. Isto não passa de mera analogia ou idealização. Trata-se de uma projeção daquilo que se deseja. Isto não explica o fundamento metafísico dos dois conceitos místicos, o axioma hermético e o conceito de macrocosmo e microcosmo.

Há dois elementos nesse axioma, seja ele expresso mito logicamente, ou filosoficamente:

1. A analogia entre o terreno e o cósmico.
2. A doutrina metafísica ou mística das correspondências dos reinos ou das esferas da Criação, entre si e para com o reino cósmico ou divino.

Com isto em mente, consideremos alguns exemplos dos escritos herméticos.

"Sagrado és Tu, que por Tua palavra fizeste tudo o que existe;

Sagrado és Tu, cujo esplendor a natureza não obscureceu;

Sagrado és Tu, de quem toda a natureza é uma imagem."

A natureza é uma imagem do Cósmico ou Deus, assim como o homem, no Livro bíblico de Gênesis, é criado à imagem de Deus. Uma imagem é uma semelhança e corresponde àquilo de que é imagem. O padrão arquétipo e o padrão mundano são o "*em cima*" e o "*em baixo*", o macrocosmo e o microcosmo.

Um livro hermético descreve a escala descendente do Eão (Aeon), que é o poder de Deus, e o Kosmos ou universo.

*"O Aeon se mantém firme em ligação com Deus,
o Kosmos se move no Aeon,
o Tempo passa no Kosmos,
e o Vir-a-ser ocorre no tempo."*

Deus, então, é a fonte de todas as coisas; o Aeon é o poder de Deus; e a obra do Aeon é o Kosmos, que nunca teve começo, mas está sempre sendo gerado pela ação do Aeon. O Kosmos, então, depende do Aeon, assim como o Aeon depende de Deus; a fonte de existência do Aeon é Deus, e a do Kosmos é o Aeon.

E todo esse corpo, em que todos os corpos estão contidos, está pleno da alma; a alma está plena da mente; e a mente está plena de Deus. A alma preenche

todo o corpo interiormente, e o envolve exteriormente, dando vida ao universo; exteriormente, ela dá vida a esta maravilhosa e perfeita criatura e, interiormente, a todas as criaturas vi-ventes. No Céu, em cima, a alma persiste em permanecer a mesma; na Terra, em baixo, ela muda conforme as coisas vêm a existir.

Uma outra seção pode ser resumida assim: Deus, o Senhor da Eternidade, é primeiro; o Kosmos é segundo; o homem é terceiro. Deus, o criador do Kosmos e de todas as coisas que nele existem, rege todas as coisas, mas fez o homem como um ser complexo para governar em combinação com Ele. E se o homem assume tudo o que lhe é atribuído, torna-se o meio da ordem correta para o Kosmos, e o Kosmos para ele. O homem pode conhecer a si mesmo e ao Kosmos, desde que tenha em mente o papel que deve desempenhar, rendendo louvores e graças a Deus, e reverenciando a imagem de Deus (o Kosmos), e esteja cômico de que ele próprio é a segunda imagem de Deus. Pois, há duas imagens de Deus: o Kosmos é uma e o homem é a outra, dado que este, como o Kosmos, é um só todo composto de diversas partes. O homem foi constituído de modo que cada uma de suas duas partes é feita de quatro elementos. A parte divina é composta de "elementos" superiores, quais sejam, mente, intelecto, espírito e razão, de maneira que ele é capaz de se elevar ao Céu. Sua parte material consiste de fogo, água, terra, e ar, e por isto ele é mortal e permanece na terra.

Diz o Asclepius: *"Assim as coisas mortais são unidas às coisas imortais, e coisas perceptíveis para os sentidos são unidas a coisas que ultrapassam o alcance dos sentidos; mas o controle supremo está sujeito à vontade do Mestre que está acima de tudo. E, assim sendo, todas as coisas estão unidas, ligadas umas às outras numa corrente que se estende da mais baixa para a mais elevada; e com isto vemos que elas não são muitas, ou antes, todas são uma só".*

Um outro livro das obras herméticas afirma que todo ser vivo, qualquer que seja sua espécie, tem as características desta espécie, conforme o caráter da mente que lhe corresponde. Mas os indivíduos de uma espécie são diferentes entre si. Por exemplo, embora a espécie humana tenha uma forma comum, os homens são individualmente diferentes. Assim, o tipo permanece inalterado, mas gera numerosas e diferentes cópias de si mesmo.

O Kosmos é a imagem de Deus e, como Deus é bom, o Kosmos também é bom. Deus dispensa e distribui dádivas, quais sejam, os sentidos, a alma e a vida, a todas as espécies de seres do Kosmos. Analogamente, o Kosmos proporciona todas as coisas que parecem boas aos mortais, ou seja, a sucessão de nascimentos no tempo, a formação, o crescimento e o amadurecimento dos frutos da terra, etc. O Kosmos é um segundo Deus, que rege todos os seres vivos, tanto os que têm alma como os inanimados. Se o Kosmos foi, é e sempre será um ser vivo, então, nada nele é mortal.

O movimento do Kosmos é duplo. A vida é infusa no Kosmos e, este, infunde vida em todas as coisas que existem nele próprio.

A analogia entre o terreno e o Cósmico, comentada anteriormente neste Capítulo, é em parte uma criação e projeção com base nas funções psicológicas humanas, e delas deriva. O "*em cima*" e o "*em baixo*", o macrocosmo e o microcosmo, são expressões da humana apreensão da dualidade do próprio ser humano, do mundo e do Cósmico. Em função dessa apreensão, o homem concebe essa analogia de macrocosmo e microcosmo, segundo suas próprias idéias e seus ideais. O Paraíso é um Céu baseado numa existência terrena idealizada.

Isto e a visão que o homem tem do mundo simbolizam o arquétipo "*em cima e em baixo*" e, portanto, o mundo ou o universo e o homem também

simbolizam esta dualidade. O homem cósmico, como o Adão Kadmon ou o Golém, o homem artificialmente criado, representa o macrocosmo e o microcosmo. Cosmogonias como a representação ptolomaica do universo representam esse universo ou macrocosmo, mas, devido à correspondência existente entre eles, também representam o homem, ou o pequeno universo.

A cidade celestial, seja chinesa, judaica ou cristã, simboliza o macrocosmo o macrocosmo e o microcosmo e, portanto, a união essencial dos dois. O significado de tais símbolos não depende tanto dos próprios símbolos como do fato de que os indivíduos que os interpretem sejam místicos.

O axioma hermético é um princípio que consta das obras de muitos místicos, como Thomas Vaughan, John Heydon, e Robert Fludd. Ele é o fundamento da teoria e do simbolismo de ciclos e das correspondências entre letras, números, e as letras simbólicas do simbólico "*Livro da Natureza*". O "*Livro da Criação*", da Cabala, o Sepher Yezirah, explica a emanção das dez esferas que são atributos de Deus. O simbolismo das letras, dos signos astrológicos, etc., está baseado na correspondência entre o "*em cima*" e o "*em baixo*", o macrocosmo e o microcosmo.

Boehme, em "*Mysterium Magnum*", explica o axioma hermético em termos do visível e do invisível:

"Quando consideramos o mundo visível, com sua essência, e consideramos a vida da criatura, aí encontramos então a semelhança do mundo espiritual invisível, que está oculto no visível, assim como a alma no corpo; e percebemos que o Deus oculto está próximo de tudo e existe em tudo, porém, totalmente oculto à essência visível.

Pois, as coisas visíveis, tangíveis, são uma essência do invisível; do invisível e incompreensível procede o visível e compreensível. A essência visível vem à existência em função da expressão ou espiração do poder invisível. O Verbo espiritual invisível, do poder divino, opera com a essência visível e através dela, assim como a alma opera com o corpo e através dele."

É importante compreender alguns conceitos básicos sobre o axioma hermético.

Primeiro: seu fundamento é duplo. Ele é metafísico e cosmológico; é ao mesmo tempo um conceito e um símbolo, com base em padrões e princípios cósmicos ou arquétipos. É também baseado nas funções semânticas e psicológicas da mente humana, isto é, no uso da analogia e da metáfora, que são formas de simbolização.

Segundo: Há o que podemos chamar de corolários do axioma. Um é a lei de correspondências, segundo a qual os níveis, os reinos, ou as séries da Criação, correspondem-se entre si. Este é o fundamento da cabala, da alquimia, da magia e da astrologia, tanto práticas como transcendentais. Segue-se a doutrina dos sinais, que é associada à lei das correspondências. Se as coisas se correspondem, apresentam certos sinais, hieróglifos ou caracteres externos, que indicam sua similaridade.

O corolário final é o de que o axioma original cobre muitos aspectos diferentes da existência, de modo que pode ser expresso em termos diferentes, como foi indicado acima. Se o "em cima" e o "em baixo" são semelhantes, então o

interior e o exterior também o são: assim como no interior é no exterior; assim como no Cósmico é no mundano; assim como no subconsciente é no objetivo; assim como no positivo é no negativo.

O **terceiro** conceito básico a ser compreendido é o de arquétipo e tipo. O tipo manifesto, mundano, é a imagem do cósmico ou arquétipo. Ou, em outras palavras, o arquétipo é o protótipo do tipo manifesto. Um conceito ou símbolo é arquétipo porque é um elemento básico do padrão divino ou eterno. O arquétipo, contudo, pode ser apreendido e expresso de muitas maneiras, conforme a realidade e os hábitos mentais e culturais daqueles que o expressam. Isto explica as muitas expressões do axioma que podem ser encontradas em obras mitológicas e filosóficas.

Em **quarto** lugar, a idéia de "em cima e em baixo" é uma metáfora espacial. O Cósmico e o mundano são encarados nestes termos porque os comparamos com o mundo físico espacial, em que a Terra fica em baixo e o céu em cima. Assim como no sonho de Jacó, da escada, os anjos sobem e descem, assim a consciência humana pode ascender ao Cósmico, metaforicamente falando. O axioma, portanto, simboliza a união mística do homem com Deus.

Em **quinto** lugar, as projeções do homem, sejam elas psicológicas ou psíquicas, envolvem também o conceito de macrocosmo e microcosmo. Essas projeções consistem de idéias e emoções de que somos inconscientes ou apenas parcialmente conscientes. Tais idéias e emoções são projetadas para o mundo que vivenciamos, ou são objetivadas em sonhos, fantasias, criações da imaginação. Compõem-se de nossa experiência e percepção do macrocosmo e do microcosmo, e de nossas reações a estes campos. Fazem parte de nós mesmos, porém, projetamo-las de volta ao mundo exterior a nós. Portanto, símbolos do macrocosmo

e do microcosmo são uma combinação do homem, que é o microcosmo, com o não-Eu ou macrocosmo.

Recomendamos que, como exercício final, o leitor revise o Capítulo sobre Khunrath, Fludd e Maier. E analise os símbolos do ponto de vista dos dois princípios estudados neste Capítulo. Como representam eles o macrocosmo e o microcosmo, e sua relação?

SUMÁRIO

Muitos símbolos místicos são baseados no axioma hermético e na Placa de Esmeralda.

O "em cima" é o reino superior ou celestial, que corresponde ao macrocosmo. O "em baixo" é o reino inferior, terreno ou elementar, que corresponde ao microcosmo. O macrocosmo e o microcosmo são conceitos relativos. São criados conforme o mesmo padrão arquétipo.

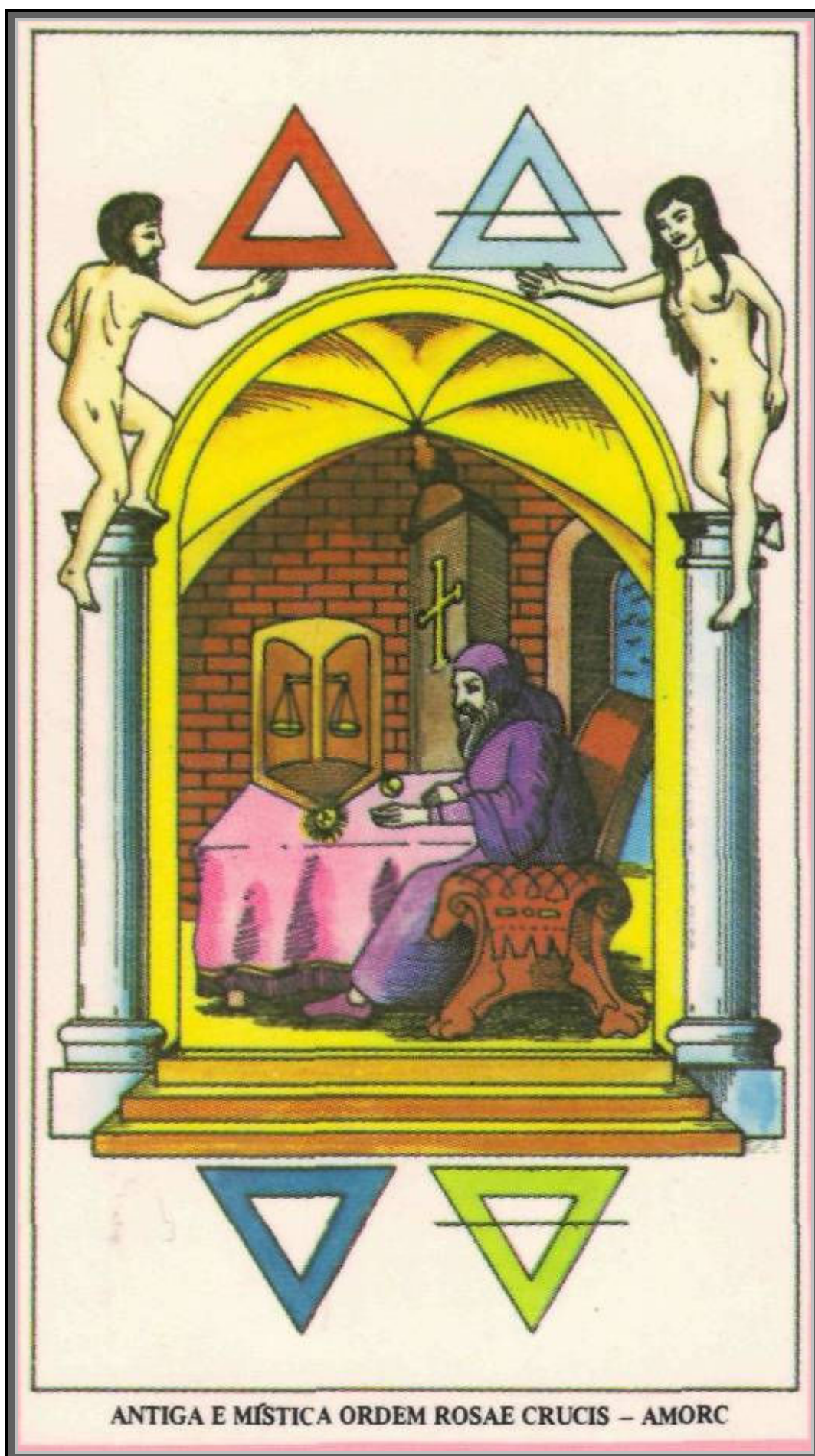
Dois dos símbolos usados neste particular são a escada e a corrente.

O axioma hermético se compõe de dois elementos: (1) A analogia entre o plano terreno e o Cósmico. (2) A doutrina metafísica ou mística das correspondências.

Alguns conceitos básicos sobre o axioma podem ser assim resumidos:

1. Sua base é dual, metafísica e psicológica.
2. O axioma tem os seguintes corolários:
 - a lei das correspondências;
 - a doutrina dos sinais;
 - o axioma cobre muitos aspectos da existência
 - e pode ser expresso em diferentes termos.
3. O tipo mundano é a imagem do arquétipo.
4. A idéia de "em cima" e "em baixo" é uma metáfora espacial.
5. As projeções psicológicas e psíquicas do homem envolvem o macrocosmo e o microcosmo.

Como exercício, é recomendado que o leitor revise os capítulos sobre Khunrath, Fludd e Maier, analisando-os com a matéria deste Capítulo em mente.



ANTIGA E MÍSTICA ORDEM ROSAE CRUCIS – AMORC

BIBLIOTECA ROSACRUZ

A Biblioteca Rosacruz consiste de muitos livros interessantes que vão descritos nas páginas seguintes e que podem ser adquiridos no Departamento de Suprimentos.

Da

GRANDE LOJA DO BRASIL - AMORC

CAIXA POSTAL 307 80.000 - CURITIBA - PARANÁ